

A VIDA DO DIRIGENTE COMUNISTA IBRAHIM KAYPAKKAYA E A SUA RESISTÊNCIA SOB TORTURA



APRESENTAÇÃO

Crônica de uma Resistência: O Interrogatório Sob Tortura e o Martírio de İbrahim Kaypakkaya

Este documento apresenta um relato histórico, dia após dia, da captura, do interrogatório sob tortura e da execução de İbrahim Kaypakkaya, uma das figuras mais lúcidas e impactantes do movimento revolucionário na Turquia. Ele não foi apenas um jovem líder revolucionário, mas um monumento de resistência que provou que, mesmo quando o corpo é destruído, a posição política e ideológica pode permanecer inabalável.

O que aconteceu com Kaypakkaya não foi uma simples prisão ou um interrogatório rotineiro. O Estado buscava, por meio dele, aniquilar uma ideia, uma linha política, uma ruptura histórica. Mas falhou: onde tentaram destruir seu corpo, deram força às suas ideias.

Este texto não relata apenas a dor física que ele sofreu, mas também revela a clareza política, a serenidade e a determinação inabalável que ele manteve até o último suspiro. Cada parágrafo mostra como, diante da deterioração de um corpo, uma alma, uma consciência, uma vontade revolucionária permaneceram firmes.

O leitor não apenas testemunhará uma história nestas páginas, mas será levado a refletir, em cada etapa desta trajetória difícil, das celas de detenção às salas de audiência, das câmaras de tortura ao caixão, sobre o que realmente significa vontade revolucionária e recusa absoluta à rendição.

Este documento não foi escrito para lembrar. Foi escrito para resistir.

Uma Crônica da Resistência: O Interrogatório sob Tortura e o Martírio de İbrahim Kaypakkaya

Quando o comandante, com uma expressão ligeiramente irritada, reagiu dizendo: “Você ainda não desistiu dessa mentalidade?”, İbrahim sorriu e respondeu: “Minha situação atual é melhor do que estar sob o domínio de pessoas como você.”

Todo o processo relacionado a İbrahim Kaypakkaya, que foi morto em 18 de março de 1973, desde sua captura até o momento em que seu pai carregou seu caixão sobre os ombros de um carregador, foi descrito em diferentes ocasiões e lugares por Muzaffer Oruçoğlu, seu advogado e seu pai.

Aqui está a história do assassinato de Kaypakkaya...

İbo foi ferido no momento de sua captura. Hüseyin Duman, que liderava o grupo caminhando à frente e os havia conduzido até o povoado de Vartinik, disparou sua espingarda de um tiro durante a operação, e os estilhaços atingiram a parte de trás da cabeça e o ombro de İbo.

O tenente de inteligência Fehmi Altınbilek, que também participou da operação de Kızıldere, forçou İbo a caminhar pelo vale nevado entre Mirik e Kutudere com as mãos algemadas para trás. Seus dedos dos pés congelaram durante a marcha. No povoado de Kutudere, deram-lhe meio balde de água fria para massagear os pés. Pressionaram os moradores locais a cuspirem em seu rosto.

Quando o levaram de jipe para o posto central da gendarmaria em Dersim, a parte de trás da cabeça de İbo estava ferida e seus dedos dos pés, congelados. Ele usava um gorro marrom com o topo remendado, um casaco militar sobre uma jaqueta e um suéter, três calças que os moradores de Barıkbaşı lhe haviam dado quando o enviaram para uma caverna à noite, e nos pés, meias de lã molhadas cobertas por meias de nylon e um par de sapatos de borracha da marca Çelik, número 45.

Mesmo nesse estado, İbo foi espancado e submetido à *falaka* (pancadas na sola dos pés) no posto. Fizeram-lhe duas exigências urgentes: 1) os nomes e possíveis locais dos que haviam escapado, e 2) os nomes dos membros da organização que estavam no centro de Dersim e nos

distritos.

İbo resistiu e não disse nada. Como resultado, foi levado ao promotor Mehmet Seyhan, que acompanhava de perto a situação. Percebendo que estava diante de alguém que falava com firmeza e confiança, o promotor registrou as declarações de İbo exatamente como foram dadas. Esta foi sua primeira declaração oficial. Depois, Fehmi Altunbilek colocou İbo entre dois soldados em um jipe e, junto com o motorista, o levou diretamente ao Comando da Lei Marcial em Diyarbakır.

İbo foi levado ao centro de interrogatório do Comando da Lei Marcial. Policiais militares gritando ordens, barras de ferro... Dentro da cela onde foi jogado, havia apenas uma cama de metal. Tiraram suas roupas, deram-lhe um pijama e vendaram seus olhos. A equipe de interrogatório, acompanhada pelo promotor militar Yaşar Değerli, imediatamente iniciou a *falaka*.

Após a primeira sessão de *falaka*, os interrogadores perceberam que os pés de İbo estavam negros até os tornozelos devido ao congelamento. Chamaram um médico para a cela. O médico informou que os ferimentos eram de terceiro grau, com bolhas escuras provavelmente cheias de sangue coagulado. Advertiu que, se İbo não fosse hospitalizado, os dedos congelados poderiam apodrecer e cair por si mesmos, e o detento poderia desenvolver gangrena.

Como resposta, o promotor Yaşar Değerli ordenou que o detento fosse transferido para o hospital militar e que o interrogatório continuasse ali após o tratamento. Na manhã seguinte, İbo foi levado ao hospital militar e colocado em um quarto no porão. Deitaram-no de costas e acorrentaram uma de suas mãos e um dos pés a uma cama de metal. Um guarda armado foi posicionado na porta.

O comandante do batalhão responsável por İbo deu ordens rígidas: ninguém além do enfermeiro Hacı Zülfikar Yıldız e do neurocirurgião responsável, Turan Daltaban, poderia ter contato com o detento. Fotos de ambos foram fixadas na porta para evitar que os sentinelas deixassem outras pessoas entrarem durante as trocas de turno.

O enfermeiro passou a tratar os pés de İbo duas vezes por dia. O cirurgião cortou a pele ferida e infeccionada na parte de trás da cabeça de İbo e a enfaixou. As correntes de İbo só eram afrouxadas durante as visitas médicas, nas refeições e para ir ao banheiro. Na cela ao lado estava Fatma Erez, de Siverek, presa no mesmo processo. Não havia guarda à sua porta, e ela escutava atentamente todas as conversas que se tinham com İbo.

Dois ou três dias após a internação de İbo no hospital, o juiz militar e agente do MIT, capitão Yaşar Değerli, que servia sob o Comando da Lei Marcial de Diyarbakır e esteve envolvido em casos de grande repercussão, como o de İsmail Beşikçi, chegou com seu escrevente e o comandante de batalhão que supervisionava İbo para tomar seu depoimento. (Bahri Yağcı, juiz militar da época e próximo do comandante da Lei Marcial de Istambul, Faik Türün, diria mais tarde sobre as torturas na Mansão Ziverbey: “Eu não tive nenhuma ligação com aquilo. E nem queria ter. Mas alguns colegas tiveram, como nosso Yaşar Değerli.”)

As correntes de İbo foram removidas. Ele sentia fortes dores na parte de trás da cabeça, nos ombros e nos pés. O comandante do batalhão deixou o quarto. Soldados trouxeram uma mesinha e três cadeiras, colocando uma máquina de escrever sobre a mesa. İbo olhou fixamente para Yaşar Değerli e declarou que não prestaria depoimento, que apresentaria sua defesa no tribunal.

Yaşar Değerli insistiu, dizendo que, se İbo aceitasse falar, suas correntes seriam removidas e ele seria tratado como um prisioneiro comum. İbo recusou. O promotor saiu do quarto com seu escrevente, acreditando que conseguiria quebrar İbo durante os interrogatórios após a hospitalização.

Enquanto isso, o pai de İbo, Ali Kaypakkaya, foi a Diyarbakır na esperança de ver seu filho. Solicitou às autoridades da lei marcial e insistiu, mas lhe disseram que o detento estava em

interrogatório e que, legalmente, não podia receber visitas. O pai voltou sem conseguir vê-lo. Ao mesmo tempo, o advogado Şerafettin Kaya tentou obter uma procuração de İbo para representá-lo no tribunal, mas foi impedido.

Kaya descreve a situação da seguinte forma:

“Antes de eu ser preso, İbrahim Kaypakkaya havia sido capturado em Dersim, detido, preso e colocado em confinamento solitário na prisão. Com base no que seus companheiros de cela disseram, tentei encontrá-lo como advogado, contatando o assessor jurídico da corporação. O assessor estava ausente. Um oficial da reserva, formado em direito, estava de plantão. Ele me disse que Kaypakkaya estava com os pés congelados e, por isso, havia sido levado ao hospital. Com uma permissão oficial de visita e uma procuração, fui ao hospital. Um funcionário do cartório de Diyarbakır também me acompanhava. Fomos até o porão onde Kaypakkaya estava detido, acompanhados pelo sargento de plantão. Assim que entramos, um suboficial correu e nos impediu de aproximar de Kaypakkaya, nos expulsando do quarto antes que pudéssemos falar com ele ou obter sua assinatura na procuração. Kaypakkaya parecia atônito; apenas ouviu que eu era um advogado ali para obter sua procuração.”

“Eu tinha audiências para atender em Muş, então fui embora pensando que o veria ao retornar a Diyarbakır. Mas nunca consegui obter a procuração de Kaypakkaya. Isso não aconteceu, e eu nunca consegui encontrá-lo.” (Şerafettin Kaya, Trechos da Minha Vida na Luta de Libertação do Curdistão, p.422)

Enquanto o congelamento nos pés de İbo avançava para uma gangrena, o médico decidiu que ele teria que ser operado. Com exceção do dedo mínimo do pé esquerdo, todos os seus dedos dos pés foram amputados, e seus pés foram enfaixados.

Enquanto isso, os arquivos do caso de İbo e de seu julgamento foram transferidos de Istambul e Dersim para Diyarbakır. Os arquivos incluíam manuscritos escritos por İbo e textos que ele ditou a Meral Yakar — como *Kemalismo*, *A Questão Nacional*, *Crítica Geral*, entre outros. Também havia um breve relatório da Organização Nacional de Inteligência (MIT) sobre İbo e o Partido Comunista da Turquia (Marxista-Leninista).

Após ler atentamente os documentos, Yaşar Değerli compreendeu com mais profundidade a seriedade de seu papel em relação à segurança do Estado.

İbo desenvolveu relações amistosas com o enfermeiro que tratava regularmente seus pés e com os soldados que o desalgemavam para as refeições e para ir ao banheiro. O promotor Yaşar Değerli recebia atualizações constantes da situação por meio de um soldado de confiança e começou a dar-lhe instruções específicas.

O soldado entregou a İbo papel e caneta, dizendo que ele poderia enviar cartas secretamente. Confiando nele, İbo escreveu uma carta ao seu pai, mas, distraidamente, escreveu o endereço incorretamente no envelope. O soldado entregou a carta a Yaşar Değerli, que, achando se tratar de uma simples carta familiar, ordenou que fosse postada. Quando a carta retornou uma semana depois, İbo percebeu que havia escrito o endereço errado e passou a confiar ainda mais

no

soldado.

İbo então escreveu uma carta ao seu amigo Rıfki, na Universidade de Istambul, contendo instruções políticas. A carta falava de restaurar o moral dos camaradas desmoralizados pelas prisões recentes e de punir o camarada que havia dormido durante o plantão em Vartınık, entre outras orientações. O soldado mais uma vez entregou a carta a Yaşar Değerli. Değerli levou a carta a sério, incluiu-a nos autos do processo e emitiu uma ordem para prender Rıfki. O promotor Değerli retornou ao hospital uma segunda vez com seu escrevente. Como novamente não conseguiu obter uma declaração, iniciou uma discussão alta e acalorada com İbo. Acusou İbo de distorcer a história com seus escritos, de caluniar o fundador da República, de tentar destruir o Estado e dividir o país.

İbo não apenas se defendeu com sua conhecida teimosia, como também acusou Değerli de cometer crimes contra o povo. Quando o promotor saiu do quarto irritado, gritou:

“Então você escreve tudo isso e depois se recusa a depor, é isso? Se você não falar, serei eu quem vai te matar. Você vai morrer pelas minhas mãos.”

Durante uma inspeção ao hospital militar, o comandante da Lei Marcial, tenente-general Şükrü Olcay, entrou no quarto de İbo, acompanhado por seus ajudantes e pelo diretor do hospital. O enfermeiro responsável por tratar dos ferimentos de İbo, administrar soro e aplicar injeções, relatou o momento da seguinte forma:

“Jamais esquecerei aquele dia. O comandante do Segundo Exército veio, creio que a visita foi especificamente para ver İbrahim. Eu estava descendo com o carrinho de curativos. O comandante do batalhão me disse: ‘Hacı, será que era mesmo hora de vir?’ Eu expliquei que tinha que fazer aquilo no mesmo horário todas as manhãs. Eles abriram a porta e me deixaram entrar. Assisti à conversa. O comandante perguntou a İbrahim: ‘Quem é você?’ İbrahim respondeu: ‘Sou um revolucionário.’ O comandante murmurou: ‘Todos os comunistas sorriem assim?’ e saiu resmungando.”

Depois de algum tempo, İbo foi transferido do hospital de volta para o centro de interrogatório Comando da Lei Marcial. Lá, da metade de fevereiro até o início de maio, ele foi interrogado por Yaşar Değerli e sua equipe, suportando sofrimentos indescritíveis. Camaradas capturados, inclusive moradores da aldeia de Barıkbaşı, foram trazidos para confrontos diretos. Em cada um deles, İbo negou tudo e defendeu firmemente seus companheiros.

Durante esse período, o pai de İbo, Ali, foi a Diyarbakır uma segunda vez para tentar ver o filho. Apesar de todos os seus esforços e apelos, mais uma vez teve que voltar sem conseguir visitá-lo.

Quando o promotor se convenceu de que İbo não falaria, encerrou o interrogatório no final de abril e ordenou que ele fosse colocado em uma das três celas solitárias no Centro de Detenção da Engenharia Militar do Sétimo Corpo do Exército, em Diyarbakır. Em seguida, partiu para Ancara.

Naquele momento, havia um debate interno no MIT (Organização Nacional de Inteligência) sobre quais elementos subversivos representavam a maior ameaça ao Estado. Uma corrente acreditava que as forças subversivas infiltradas nas universidades ocidentais, sindicatos e bairros operários, forças que ainda não haviam sido completamente eliminadas, estavam apenas esperando o momento certo para ressurgirem, sendo, portanto, o perigo principal.

A outra corrente via a verdadeira ameaça nas atividades organizativas no Leste (Curdistão). Segundo essa visão, duas grandes fontes de perigo poderiam, a longo prazo, ocupar seriamente o Estado: os nacionalistas curdos aliados a Barzani e o movimento comunista, que considerava legítimos os antigos levantes curdos e, se fortalecido, buscava estabelecer um Curdistão socialista e independente. Embora tanto os nacionalistas quanto os comunistas estivessem, naquele momento, enfraquecidos, ainda representavam um potencial risco futuro. Quando İbo foi levado à cela e acorrentado pelos tornozelos à cama, já estava bastante debilitado fisicamente. Naquele centro de detenção, os presos não deveriam ser algemados. Mas para İbo, isso não era um problema sério. Tendo saído moralmente vitorioso do interrogatório, seu ânimo estava elevado.

Sentindo a necessidade de mostrar à cela vizinha que um comunista havia chegado, começou a cantar A Internacional. Agora, ele podia preparar sua defesa para o julgamento e, talvez, ver seu pai.

Disse à administração da prisão que queria escrever uma carta para sua família e pediu papel e caneta, e deram uma a ele. Escreveu uma carta ao pai informando que a proibição de visitas havia sido suspensa e que poderiam se encontrar. Quase ao mesmo tempo, esboçou um plano detalhado de defesa para o tribunal, ponto por ponto. Esse esboço também foi incluído no processo judicial.

Alguns dos detidos no mesmo caso conseguiram vê-lo rapidamente pela fresta da porta de sua cela, deitado com os tornozelos acorrentados. Mas não puderam falar com ele.

Em meados de maio, o promotor Yaşar Değerli retornou de Ancara. No dia 17 de maio, İbo foi retirado da cela. Ao ser conduzido, viu seus companheiros detidos atrás das grades de ferro, sorriu para eles e acenou com a mão.

Naquela noite, entre os dias 17 e 18 de maio, ele foi executado a tiros no local onde estava detido. Mais tarde, para esconder as marcas das balas, partes de seu corpo onde os projéteis haviam entrado foram cortadas, e seu cadáver foi colocado no necrotério do hospital militar.

Yaşar Değerli sentiu a satisfação de ter eliminado os dois líderes dos movimentos perigosos no Leste: primeiro o Dr. Şivan, depois İbo. Informou seu amigo próximo, o tenente Fehmi Altınbilek, sobre a execução.

O pai de İbo, Ali Kaypakkaya, partiu após receber a carta do filho. Ouçamos agora o restante em suas próprias palavras:

“Foi naquela viagem. A estrada passava por Bala, depois por Kırşehir e Kayseri. Quando subíamos a ladeira após Gölbaşı, dois oficiais estavam sentados à minha frente. Não sabia exatamente suas patentes, mas pareciam um tenente e um major. Eu disse: ‘Também estou indo para Diyarbakır’.

– Por que está indo? – perguntaram.

– Meu filho está na Prisão Militar de Diyarbakır. Vou visitá-lo.

– Qual o nome dele?

-- İbrahim Kaypakkaya – respondi.

Eles disseram: ‘Seu filho não sairá vivo.’”

“Cheguei numa manhã de domingo, 20 de maio. Em Diyarbakır, que chamam de Dağkapı. Enquanto caminhava de lá até Mardinkapı, estive em pensamentos o tempo todo. Tentei me ocupar até o fim da tarde. No dia seguinte, fui novamente, mas outra vez não me deixaram vê-lo.

‘É a terceira vez que venho ver meu filho e não consigo,’ disse. ‘Por favor, deixem-me vê-lo, não me impeçam.’ Finalmente, cederam e me deixaram entrar. O tenente-coronel Ahmet ainda estava lá, com os sargentos que verificavam os documentos. As mesmas palavras de sempre. Fui até o tenente-coronel. Ele disse para eu esperar na guarita novamente. Mevlüt Karaaslan também estava lá. Desta vez, ninguém disse uma palavra. Ele vestia uma camisa de verão de mangas curtas. Aquele tenente de Merzifon também estava lá, com expressão sombria. Não disse nada. Naquele momento, İbrahim já estava morto.”

“Todos estavam em silêncio, diferente de antes. Mevlüt Karaaslan andava de um lado para o outro, orgulhoso, com uma pistola na cintura e aquela camisa de mangas curtas. Então chegou o tenente-coronel. Ele tinha um papel na mão, que entregou ao tenente dizendo: ‘Cuide da papelada.’ Havia um jipe parado por perto. Colocaram-me nele e partimos rapidamente rumo às imediações de Ergani.”

“Tive dúvidas — talvez quisessem me perguntar algo sobre meu filho ou tomar meu depoimento. Mas até aquele ponto passamos. Aparentemente, íamos ao Comando da Lei Marcial. Quando chegamos, o motorista disse: ‘Espere no carro,’ e entrou. Voltou algum tempo depois e me chamou, então corri.”

“Continuei perguntando ao motorista: ‘İbrahim está aqui? Vão deixar eu vê-lo aqui?’ Sentia um peso no peito. O motorista disse: ‘Não, tio, não é aqui.’ Ele já sabia? Enfim, entramos. Ele me colocou numa sala à esquerda. Um civil estava sentado lá. Ele disse: ‘Espere, acenda um cigarro ou algo assim.’ Mas eu tinha uma dor sufocante no peito. Andava de um lado para o outro dizendo: ‘Não, não vou acender cigarro.’”

“Depois de um tempo, a porta se abriu. O comandante da Lei Marcial na época, general de brigada Şükrü Olcay, entrou com um coronel e o diretor da prisão, tenente-coronel Ahmet.

Assim que a porta se abriu, virei-me. O general me lançou um olhar severo, de cima a baixo.

– Qual o seu parentesco com İbrahim?-perguntou.

– Sou o pai dele – respondi.

– Bem, isso não é algo que se diga diretamente, mas eu o direi: İbrahim está morto.”

“Eu havia trazido a carta que ele escreveu dizendo que queria preparar sua defesa — vim com esperança de vê-lo, e agora aquele homem me dizia que ele estava morto. Gritei: ‘Do que ele morreu? Apenas nove dias atrás ele me escreveu pedindo informações para preparar sua defesa, como ele poderia ter morrido?’

– Ele se suicidou aqui. Está morto – disse ele.

– Vocês mataram İbrahim – eu disse. Vocês o assassinaram.

– Cale a boca ou vou esmagá-lo sob meus pés! – gritou e veio em minha direção.

– Vocês já o esmagaram – respondi. Dei 15 anos da minha vida, o criei para que não fosse um operário como eu, mas alguém com formação – disse. Se não foram vocês que o mataram, então o que fizeram? Destruíram tudo em que eu acreditava.

– Vá em frente, me mate também – disse.”

“Ele veio para cima de mim novamente, gritando: ‘Cale a boca!’ Me ameaçou, mas eu não parei.

– Onde está o corpo? Me entreguem o corpo – pedi.

– Não vou dar – respondeu.

– Vai fazer o quê, tomar depoimento dele? – perguntei.

– Eu disse para calar a boca! Vou esmagar você! – gritou.

– Vá em frente, me esmague. Estou pronto – falei.”

“Discutimos e gritamos. Por fim, ele parou e disse: ‘Vai te custar. Você não conseguirá levá-lo, será caro.’

– Eu o criei sacrificando o sustento da minha esposa e filhos, e nunca me arrependi – falei. Vendo minha humilde casa se for preciso para pagar o que for – não finja ter pena de mim. Ele se virou para o diretor da prisão, tenente-coronel Ahmet, e disse: ‘Prepare os papéis e libere o corpo.’”

“Saí dali e entrei no jipe. Fomos ao hospital militar, o corpo de İbrahim estava no necrotério. Disseram-me: ‘Vá buscar um caixão.’

Corri para a cidade de Diyarbakır. Paguei 300 liras para mandarem fazer um caixão. Comprei um sudário por 60 liras, além de algodão.

Também disseram: ‘Compre formol para que o corpo não se decomponha.’ Custava umas 20 liras, comprei também.”

“Veio um religioso. Retiramos o corpo do necrotério e o colocamos no caixão. Levei um funcionário da prefeitura, que carimbou um documento autorizando o transporte do corpo e o entregou a mim.

O imã disse: ‘Você me deve 5 liras. Fiz a autópsia no seu filho, trabalhei.’

– Por que fizeram autópsia no meu filho? Ele não foi assassinado? E mesmo assim vocês o abriram para descobrir como morreu? – perguntei.

– Saia da minha frente. Não quero mais ver você – falei.”

“Havia então aqueles carrinhos de duas rodas que os carregadores usam, erguidos sobre os ombros. Chamei um daqueles carregadores. Tiramos o caixão. Ele o baixou. Eu ia lhe dar 5 liras.

Ele perguntou: ‘O que aconteceu? Quem é?’

– É meu filho. Ele era estudante. Foi torturado por ser de esquerda. Foi morto aqui. Este é o corpo dele – respondi.

O homem chorou.

– Não aceito suas 5 liras – disse.”

“Então fui procurar um veículo. Pediam 1.700 liras. Eu tinha vindo com 1.200, e me restavam talvez 500. Não havia como pagar. E queriam o dinheiro à vista. ‘Não conhecemos você,’ disseram.

Um motorista me disse: ‘Vá ao aeroporto, os aviões transportam corpos mais barato, já que é só ida.’”

“Fui até lá. Disseram: ‘210 liras pelo caixão, e 245 pela sua passagem.’

-Aqui está sua passagem, pode pagar esse valor?

-Claro – respondi. Eu tinha exatamente isso.

Deram-me uma passagem para as 18h. Paguei 20 liras por uma caminhonete... Levamos ele para casa e o enterramos na aldeia.”

DECLARAÇÃO DA INVESTIGAÇÃO PRELIMINAR

O acusado İbrahim Kaypakkaya que foi trazido do centro de detenção, foi apresentado perante o tribunal.

İbrahim KAYPAKKAYA nasceu em 1940 na aldeia de Karakaya, distrito de Alaca, província de Çorum. Nome do pai: Ali Kaypakkaya. Nome da mãe: Mediha. Seu pai, Ali Kaypakkaya, era capataz no departamento de Manutenção e Reparos da Fábrica de Reparos Principal 1011. Atualmente se encontra preso. Foi recordado do incidente e relações organizativas, e foi interrogado: “Como filho de uma família pobre, não teve a oportunidade de receber educação, motivo pelo qual estudei durante seis anos na Escola Primária Hasanoğlan. Ao final de meu período exitoso como estudante em Hasanoğlan, onde estudei em nome do Estado, fui selecionado para a Escola Superior de Formação de Professores. Depois de estudar lá por um ano, na aula preparatória, ingressei na Escola Superior de Formação de Professores Çapa em Istambul e, ao mesmo tempo, na Faculdade de Ciências da Universidade de Istambul. As condições familiares e ambientais nas quais me encontrava se manifestaram como fatores que, até certo ponto, impediram meu desenvolvimento intelectual. Posso dizer que uma evolução em meu pensamento começou durante minha educação aqui. Durante minha educação superior, tive a oportunidade de ler obras da doutrina marxista-leninista que se publicavam em grande número naquela época, e me desenvolver intelectualmente. Senti-me na obrigação de participar em atividades alinhadas com a tendência do dia dentro da Organização do Clube de Ideias, que havia iniciado como um movimento de ideias dentro das comunidades estudantis. Com o conhecimento teórico que adquiri, fundei o Clube de Ideias Çapa em dezembro de 1967 junto com alguns amigos que iam mais além de ser simples simpatizantes. Até onde me lembro, amigos como Muzaffer Oruçoğlu, Mehmet Çetin y Mustafa Çoban estavam comigo como membros fundadores. Entretanto, como éramos estudantes da Escola Superior de Formação de Professores Çapa, este comportamento não foi bem recebido pela administração escolar, que tentou nos impedir de trabalhar dentro da escola. Apesar disso, continuamos nosso trabalho ao redor do Clube de Ideias. A pressão dos administradores escolares que tentavam impedir minhas atividades dentro da escola me levou a realizar mais atividades pessoalmente. Participei pessoalmente em todos os movimentos e ações intelectuais do FKF. Não posso especificar o período, a data ou o lugar, mas posso dizer que houve reuniões, foros, sessões abertas e alguns movimentos de estudantes e trabalhadores. Como é sabido, a Estão Federação de Clubes de Ideias e suas organizações federadas, os Clubes de Ideias, seguiam um caminho revolucionário paralelo ao Partido dos Trabalhadores da Turquia (TİP). Era sabido que existia uma crescente simpatia pelo socialismo entre a maioria das massas juvenis. Frente a este desenvolvimento emocionante, os estudantes que ainda não haviam compreendido plenamente os requisitos e princípios básicos do socialismo viam o TİP como a vanguarda dos partidos políticos e dos socialistas. De fato, no início, o TİP também afirmava isso. Com o tempo, a medida que nosso entendimento da teoria socialista se desenvolvia, nos demos conta de que os princípios do socialismo propostos pelo TİP eram uma política de

distração. E nos demos conta de que os requisitos para alcançar o socialismo não eram passíveis de se conquistar politicamente, quer dizer, através da democracia partidária, quer dizer, mediante eleições. Porque o TİP declarava claramente, da boca de seus líderes de mais autoridade, que queriam alcançar o socialismo dentro da ordem constitucional e através das eleições. Durante muito tempo a FKF não foi capaz de se desfazer de sua linha reformista e parlamentar, paralela ao TİP, Entretanto, como mencionei acima, o desenvolvimento intelectual nas organizações juvenis e as experiências que seguiram levaram justamente ao surgimento de pontos de vista contrários a esta posição, alinhados com o TİP. Enquanto isso, em 1968, fui suspenso da escola pela primeira vez de maneira permanente. Ainda que tenha obtido uma suspensão de execução do Conselho do Estado, a administração escolar não a cumpriu. Os protestos em que participei durante estas atividades intelectuais em Istambul e meu trabalho na organização juvenil foram citados como o motivo principal de minha suspensão. Pelo que me lembro, eventos como ‘Não a OTAN’ a Noite dos que Amam o Povo, a distribuição de alguns folhetos e minha participação em passeatas de trabalhadores foram considerados ações que prejudicavam minha condição de estudante, ou melhor dito, minha condição como estudante. Estas foram atividades que todos realizavam de acordo com suas próprias crenças e consciência e por todos que assumiam responsabilidade pessoal.

Durante este período, a revista Yön e seu entorno, que refletiam pontos de vista revolucionários, despertaram simpatia entre alguns revolucionários. Entretanto, as visões e ações da revista Yön estavam alinhadas com a ideia de um golpe militar. Ainda que o TİP dissesse que abraçava a Revolução dos Direitos, eu opinava que não era possível fazer nada mais nas condições políticas, sociais e econômicas daquele momento e que o TİP tentava preparar as massas do povo para uma revolução aproveitando algumas oportunidades e confiando nelas. Portanto, eu e alguns de meus amigos na organização juvenil estávamos contra a visão putschista do Círculo de Direção. Com o tempo, surgiram algumas diferenças de opinião dentro da Organização Juvenil FKF. De certa maneira, isso foi uma consequência natural da crescente consciência e das experiências adquiridas. Podemos identificar as principais diferenças de opinião dentro da FKF da seguinte maneira:

Primeira visão: A visão que refletia o pensamento reformista e parlamentar ao longo das linhas do TİP, que havia sido adotada por muito tempo.

Segunda visão: A visão que advogava pela Revolução Democrática Nacional. Esta visão foi inicialmente representada por Türk Solu e a revista Aydınlık Sosyalist Dergi. Estas revistas tiveram uma grande influência na difusão do conceito de Revolução Democrática Nacional.

A política seguida pelo Partido dos Trabalhadores da Turquia parecia conservadora, especialmente em termos de desaprovação das propostas dos trabalhadores e camponeses. De fato, sua atitude negativa perante as ocupações de terra e, Atalan e Böllüce foi a principal evidência disso. Tudo isso deu a impressão de que os círculos do TİP não eram realmente socialistas científicos e nem sequer poderiam sê-lo. Por outro lado, a crescente experiência na prática social e, além disso, o crescente entendimento do socialismo com uma compreensão mais ampla do socialismo, aprendido da experiência do Movimento Revolucionário Mundial, são os desenvolvimentos que levaram à conclusão de que o TİP não era socialista científico.

A Esquerda Turca e a revista Aydınlık Sosyalist ajudaram a dar luz à ideia de revolução popular e a integrar-se com os círculos de trabalhadores e camponeses. Havia pessoas na FKF naquela época que representavam e abraçavam estes círculos. A ideia de dirigir as massas, que a Esquerda Turca e a revista Aydınlık Sosyalist tentavam criar, foi adotada por alguns jovens em Ankara. Pelo que me lembro, as organizações estudantis da Faculdade de Agricultura e a Faculdade de Línguas, História e Geografia fizeram declarações que adotavam

as ideias destas publicações. Sobretudo, ao opôr-se às políticas pacíficas seguidas pelo TİP, este meio foi instrumental em unificar a juventude com os trabalhadores e camponeses em termos de ações de massa, e em unificá-los em ações para exigir seus direitos como ocupações de terras e fábricas. Eu tinha a opinião de que o trabalho realizado pelos grupos juvenis agrupados ao redor de Türk Solu e Aydınlık Sosyalist Dergi, ao integrar-se com os problemas dos trabalhadores e camponeses em termos de ações de massa, serviu para derrotar a ordem existente e deu força ao movimento revolucionário. Mesmo assim, abracei a revolução popular e acreditei que este entorno ia nesta direção.

Nossa ideia principal era difundir estas visões dentro das organizações juvenis. Mais precisamente nossa tarefa principal era difundir estas visões e torná-las conhecidas pelas massas. Pessoalmente, realizei todo o trabalho na publicação destas revistas, incluindo a distribuição, no melhor de minhas capacidades. Inclusive limpei o escritório da revista. Também participei da preparação de alguns artigos da revista. Posso dizer que também participei no trabalho do jornal İşçi-Köylü, que seria publicado mais tarde. No período de 1969-1970, quer dizer, no período que coincidiu com os dias que o FKF se transformou em Dev-Genç, houve divisões marcadas entre a juventude dentro do FKF. O Congresso foi realizado em meio a estas divisões. E ainda que tenha havido unidade no Congresso para defender a visão das ações ativas da juventude, alguns amigos não foram capazes de unir-se na questão da integração da juventude com os trabalhadores e camponeses, com as massas. Aqueles que se opuseram aos que advogavam pela integração com as massas de trabalhadores e camponeses e ações ativas da juventude por este método propuseram a ideia de um golpe militar com o apoio dos chamados intelectuais. Depois da transformação do FKF em Dev-Genç, o círculo da revista Aydınlık Sosyalist dominou a direção. Em outras palavras, aqueles que apoiavam o golpe militar tomaram o controle. Aqueles que argumentavam que a juventude deveria participar nas ações ativas junto com as massas de trabalhadores e camponeses começaram a lutar por suas crenças, mas também havia diferenças de opinião dentro deste grupo. A visão da Revolução Democrática Nacional proposta pelo Círculo de Iluminação Socialista apontava em última instância a um golpe militar. Enquanto isso, aceitavam os movimentos juvenis como uma ferramenta. Entretanto, a Iluminação Revolucionária Proletária havia proposto e defendido a visão de que, ao trabalhar entre as massas de trabalhadores e camponeses, os preparava para a revolução e que a juventude deveria integrar-se com as massas de trabalhadores e camponeses, que eram a força indispensável da revolução. Neste momento, a revista Proletária Revolucionária Işık, a revista İşçi-Köylü e a revista Türk Solu publicavam materiais que refletiam nossas visões. Porque, como se sabe, a Iluminação Revolucionária Proletária fechou depois de pouco tempo. De acordo com as ideias marxistas-leninistas nas que acreditava, por um lado, participava nos conselhos editoriais destas publicações e tratava de contribuir com sua publicação o melhor que podia e, por outro lado, participava nas ações entre as massas de trabalhadores e jovens alinhados com as visões do Iluminação Revolucionária Proletária. Houve momentos em que fui a aldeias próximas a Istambul e participei de suas ações, como ocupações de terra. Participei no movimento de ocupação de terras que ocorreu na aldeia Değirmen, em Silivri. Em Istambul, participei de algumas ações, ou melhor dito, movimentos operários, ao redor de Demir Döküm, Sungurlar, Horoz Çivi, a Fábrica de Baterias Petriks, Ege-Sanayi, a Fábrica de Baterias EAS. E tratei de difundir entre os trabalhadores a visão da Revolução Democrática Nacional defendida pelo Iluminação Revolucionária Proletária. Via as greves como uma escola que prepara as massas de trabalhadores para a revolução. Ainda mantenho esta visão. As ações de massa dos trabalhadores têm um aspecto que prepara as massas para a revolução popular mais além da aquisição de direitos democráticos e econômicos frente a opressão política, social e econômica e obstáculos.

Por exemplo, os eventos de 15-16 de junho demonstram claramente este aspecto. Em minha opinião, estes eventos são uma reação consciente das massas contra a crescente pressão política e econômica sobre a classe trabalhadora. Também acredito que o trabalho realizado pelos revolucionários entre os trabalhadores teve uma grande influência nestes eventos. A influência das organizações juvenis na preparação do movimento, quer dizer, na preparação do ambiente intelectual, pode ser aceita. Entretanto, as organizações juvenis não contribuíram para o início e desenvolvimento do movimento. Este movimento pode ser caracterizado como uma reação que se desenvolveu espontaneamente entre os trabalhadores. Os eventos de 15-16 de junho (A Grande Resistência dos Trabalhadores) serviram para elevar a consciência da classe trabalhadora em sua longa luta por seus direitos e para educá-la para a revolução popular. Estas ações educaram não somente a classe operária, mas também a juventude. Porque se entendeu melhor que o verdadeiro poder do revolucionário são as massas de trabalhadores e camponeses e que uma revolução real não pode ser realizada sem depender deles. Em minha opinião, Dev-Genç e DİSK (Confederação de Sindicatos Revolucionários) não desempenharam um papel sério nos eventos de 15-16 de junho de 1970. ainda que DİSK tenha tido um papel no início da Grande Resistência dos Trabalhadores de 15-16 de junho, não desempenhou nenhum papel na direção dos desenvolvimentos nem em fazer avançar o movimento. Inclusive tentou impedi-lo. No Dev-Genç, do qual me converti em membro depois do FKF, não tive dúvida em defender as visões do Grupo Iluminação Revolucionária Proletária. Minhas visões eram conhecidas tanto por aqueles que se opunham a minhas visões como per meu círculo de amigos. Em 1970, quando apresentei as mesmas visões na reunião de Dev-Genç celebrada na Universidade Técnica de Istambul, enfrentei a reação da revista Sosyalist Aydınlik. Durante o período de Dev-Genç, tentei continuar minha luta de acordo com as ideias nas que acreditava o tanto quanto pude. Não vejo dano em dizer isso. Critiquei as visões do grupo Sosyalist Aydınlik, que dominava minha administração neste momento, e tratei de difundir e fazer adotar nossas próprias visões para atrair aos amigos em Dev-Genç que tinham visões opostas às nossas. Acreditava que com o tempo, a juventude compreenderia as ideias corretas e se uniria a nossas fileiras. Todos expressavam abertamente suas visões e lutavam por ideias. Durante os períodos de outubro de 1970 e março de 1971, participei na publicação e distribuição das revistas Proletária Revolucionária Işık e İşçi Köylü em Istambul. Servi nos conselhos editoriais destas publicações. Correspondia aos amigos executivos em Ankara proporcionar oportunidades de publicação. Tive relações organizativas dentro das Organizações Juvenis que enumerei até agora. **MAS NÃO FAÇO NENHUMA DECLARAÇÃO QUE POSSA AFETAR A OUTROS DENTRO DAS ORGANIZAÇÕES JUVENIS, EXCETO EM TEMAS QUE ME DIGAM RESPEITO E QUE CONTENHAM ACUSAÇÕES CONTRA MIM. CONSIDERO FAZER DECLARAÇÕES SOBRE OUTROS COMO UM INSULTO MAIS ALÉM DE MINHA RESPONSABILIDADE PESSOAL.** Estas foram minhas atividades até a declaração da lei marcial...

Muitos jovens e intelectuais foram presos como resultado da repressão fascista e detenções massivas que se intensificaram especialmente depois do assassinato do cônsul geral israelense Efraim Frente às detenções, inclusive daqueles que não tinham um papel ou atividade significativa em Dev-Genç, me escondi durante muito tempo, pensando que também me buscariam e prenderiam. Não considero apropriado dizer nada sobre meu esconderijo e minhas relações. Durante o tempo que estive foragido, provavelmente em julho de 1971 ou mais tarde, comprava publicações Şafak. Não creio que importe como estas publicações chegaram em minhas mãos. Ainda que havia algumas visões nas publicações Şafak com as quais não estava de acordo, me alegrava que, apesar das condições desfavoráveis, se realizava trabalho revolucionário no caminho da Revolução Popular. Depois disso, continuei minhas

atividades de propaganda e conscientização de acordo com minhas ideias e meus próprios meios. Não sabia que existia uma organização chamada Partido dos Trabalhadores e Camponeses da Turquia İhtilalalci por trás das publicações Şafak. Não estabeleci relação com Doğu Perinçek, o diretor ilegal de dita organização, como você perguntou. Tampouco me delegaram a uma tarefa organizativa por parte de Doğu Perinçek. Não participei na estrutura ilegal da organização Şafak. Não é necessário que se faça nenhuma explicação sobre meu trabalho neste entorno. NÃO ESTIVE ATIVO NAS REGIÕES DE MALATYA E TUNCELİ, COMO ME PERGUNTASTE. MEU CAMPO DE TRABALHO NÃO ESTÁ NESTAS REGIÕES. NÃO SEI QUEM FUNDOU E DIRIGIU O PARTIDO COMUNISTA DA TURQUIA/MARXISTA-LENINISTA (TKP/ML) E SUAS ORGANIZAÇÕES AFILIADAS, O EXÉRCITO DE LIBERTAÇÃO DOS TRABALHADORES E CAMPONESES DA TURQUIA (TIKKO). SOMENTE ME UNI ÀS FILEIRAS DESDA ORGANIZAÇÃO E NÃO OCULTO O FATO DE QUE SOU MEMBRO ILEGAL DA ORGANIZAÇÃO. MEU MÉTODO DE TRABALHO DENTRO DESTA ORGANIZAÇÃO E AS IDEIAS SOBRE AS QUE FUNDOU A ORGANIZAÇÃO ESTÃO EXTENSAMENTE DEFENDIDAS NAS PUBLICAÇÕES QUE MENCIONASTE. EM PARTICULAR, A CRÍTICA ÀS TESES DO REVISIONISMO DE ALBA, A QUESTÃO NACIONAL, O PERÍODO DO GOVERNO KEMALISTA NA TURQUIA E OS DESENVOLVIMENTOS DEPOIS DA SEGUNDA GUERRA MUNDIAL E O MOVIMENTO DE 27 DE MAIO, ACEITO PLENAMENTE AS IDEIAS QUE REFLETEM AS VISÕES DA ORGANIZAÇÃO EXPRESSAS NAS TESES E ESCRITOS SOB O TÍTULO ‘COMPREENDAMOS CORRETAMENTE A DOUTRINA DO PODER POLITICO VERMELHO’. AS VISÕES DA ORGANIZAÇÃO DO PARTIDO COMUNISTA DA TURQUIA/MARXISTA-LENINISTA SÃO COMO SE ESTABELECEM E PROPÕEM NESTAS TESES E ESCRITOS. NÃO VEJO NECESSIDADE DE MAIS EXPLICAÇÕES NESTE MOMENTO. ACEITO O CONTEÚDO DAS VISÕES DA ORGANIZAÇÃO EM QUESTÃO E AS EXPRIMO COMO MINHAS. JUNTOS COM MEU AMIGO ALİ HAYDAR YILDIZ, QUE FOI MARTIRIZADO POR FORÇAS FASCISTAS NO INICIO DE JANEIRO DE 1973, HAVÍAMOS IDO A TUNCELİ PARA REALIZAR UMA LUTA REVOLUCIONARIA DE ACORDO COM ESTAS VISÕES. HAVÍAMOS IDO COM O OBJETIVO DE ORGANIZAR OS CAMPONESES PARA A REVOLUÇÃO. PARA A REVOLUÇÃO DO POVO. NOSSO TRABALHO AQUI DEVE TER SIDO NOTADO PELAS FORÇAS DA GENDARMERIA, PORQUE DIA 24 DE JANEIRO DE 1973, NAS HORAS DA MANHÃ, FOMOS ENCURRALADOS NA ALDEIA, NO CASÁRIO DE VARTİNİK ONDE ESTÁVAMOS FICANDO. A GENDARMERIA ABRIU FOGO CONTRA NÓS. ATÉ ONDE SEI, HAVIA UM KIRMA CONOSCO. COMEÇAMOS A FUGIR. FUI FERIDO, MEU AMIGO ALİ HAYDAR YILDIZ MORREU. FIQUEI UM POUCO ONDE ESTAVA, PENSANDO QUE MORRERIA, E AS FORÇAS DE SEGURANÇA PERSEGUIRAM OS OUTROS DOIS QUE HAVIAM FUGIDO. FINALMENTE, NÃO PUDE MAIS SUPORTAR O FRIO, ASSIM QUE FUI A UM CASÁRIO PARA PEDIR ORIENTAÇÕES, ALI FUI CAPTURADO DEPOIS DE SER DENUNCIADO. Fui transportado de TUNCELİ a DİYARBAKIR, onde me submeti a uma cirurgia nos pés. Fiz tudo isso pela ideia marxista-leninista que acreditava sinceramente. Trabalhei por esta causa sem esperar resultados e antecipando uma luta em que daria minha vida. Como resultado fui capturado.”

21 de abril de 1973

FISCAL MILITAR: YAŞAR DEĞERLİ

ESCRIVÃO TESTEMUNHA: A. DOĞAN GÜNEŞ

ACUSADO: İBRAHİM KAYPAKKAYA

Capítulo 1

1973. Foi em maio. A 19 de maio.

Como o céu aqueceu este ano, como a terra ficou verde, como a neve recuou para as alturas; como o gelo se separou das encostas e escorreu... Ali Kaypakkaya, que, de resto, estava tão ligado à terra e à sua aldeia, não tinha pensado na primavera deste ano, nem nas bênçãos que a primavera e a terra esperam do céu...

Desde que o seu filho Ibrahim foi preso, uma dor latejava-lhe entre as sobranceiras, percorrendo todo o seu corpo, desde as omoplatas até aos cotovelos. Trabalhava numa fábrica, ganhando o pão com a força dos seus braços. Em suma, era um trabalhador pobre. Desde que Ibrahim foi preso, os dias de trabalho também se tornaram monótonos. Era um operário que não conseguia compreender como é que a vida podia passar tão sem sentido, com suor, energia e trabalho simplesmente desperdiçados. Isso o irritava; queria que este mundo sombrio mudasse. Era um homem honrado, íntegro, do povo...

Mas isso era suficiente para aqueles que o observavam de longe. Agora, dizia-se que o seu filho tinha “erguido a bandeira” e “levantado contra o Estado”. Levantava-se com os primeiros raios da manhã, ia para a sua bancada de trabalho e trabalhava com suor e sangue até ao pôr do sol. A testa de Ibrahim, sob o seu cabelo louro e os seus olhos verdes, não parava de lhe vir à cabeça. Um sentimento amargo apoderou-se dele, como se o filho estivesse a pedir ajuda, mas ele não podia correr para ele. O seu coração estava dominado por uma inquietação que não lhe deixava paz

Foi em maio. No dia 19 de maio. De manhã, levanta-se cedo e volta a ler a carta. A 9 de maio de 1973, Ibo tinha escrito ao pai a partir da sua cela: A sua passagem é comovente e bem pormenorizada. Aqui está uma versão revista para maior clareza e suavidade: Foi em maio. No dia 19 de maio. Ele ia vê-lo. De manhã, levantava-se cedo e lia de novo a carta. A 9 de maio de 1973, Ibo tinha escrito ao pai a partir da sua cela:

Querido pai,

Recebi os documentos que a direção da escola de professores me enviou. Escrevi uma resposta e a enviei. Mas ainda não recebi os documentos do Tribunal Administrativo Superior. É por isso que não sei qual é o estado dos dois processos que pedimos para serem abertos no Tribunal Administrativo Superior. Também não tenho conhecimento dos veredictos dos dois processos que estou a discutir a seguir. Os seus resultados podem ter uma influência positiva ou negativa no resultado dos dois processos no Tribunal Administrativo Superior.

Se os procedimentos acima referidos forem positivos para nós, será mais difícil para eles me expulsarem. Se puderem obter os resultados, seria muito bom. Muito obrigado.

Saúdo-vos e beijo as vossas mãos. Também envio o meu amor à minha avó e à minha mãe, e a cada uma das crianças.

Não te preocupes comigo. Estou bem e não preciso de nada.

Até breve.

O teu filho

İbrahim¹

Esta carta de Ibo acalmou Ali Kaypakkaya e lhe deu a esperança de poder finalmente encontrar o seu filho, que não lhe era permitido ver há meses. "O filho estava a ser interrogado sob as mais graves acusações; há meses que não havia notícias dele – se estava vivo ou morto. Nem sequer era permitido vê-lo de longe. O filho, que tinha passado pela morte e pelas batalhas, voltava a interessar-se por todos os pormenores de tudo e a querer informações.

"Isso significa que o Ibo está bem..." Ali Kaypakkaya dobrou a carta e colocou-a no bolso. Reviu meticulosamente as instruções de Ibo e os objetos que tinha preparado para ele, certificando-se de que nada tinha sido esquecido. "Não deve faltar nada", garantiu a si próprio. Dobrando cuidadosamente os papéis, guardou-os nos bolsos. A excitação e a inquietação enchiam-no; estava ansioso por partir imediatamente para Diyarbakir.

No entanto, há apenas uma semana, tinha feito uma promessa ao seu filho mais novo. Ao sair de casa nessa manhã, voltou a lembrar-se dela. "Não se esqueça de vir me ver!", tinha dito. Queria que a mãe e o pai o vissem nos desfiles de 19 de maio.

Ali Kaypakkaya concordou com o desejo do filho e prometeu: "Eu e a sua mãe vamos te ver". E lá foram eles. Nas bancadas, milhares de pais assistiam ansiosamente aos espetáculos, procurando os seus filhos e apontando-os orgulhosamente uns aos outros.

Ali Kaypakkaya e a mulher viram o seu filho ao longe, como um ponto, como um floco de neve. Ali olha para o filho com atenção durante algum tempo. Uma mão pousou no bolso do peito, onde guardava as cartas que tencionava entregar a Ibrahim. Um sabor azedo e amargo encheu-lhe a garganta, e a sua voz alterou-se involuntariamente quando falou.

Não conseguindo mais se conter, começou a chorar, cobrindo o rosto com as mãos. Enquanto as lágrimas caíam em silêncio e em segredo, a mulher pergunta-lhe: "Tem de ser sempre assim? Não envergonhe seu filho!"

"Na minha cabeça, vejo o Ibrahim", respondeu Ali Kaypakkaya com uma voz engasgada e meio engolida. "Houve uma altura em que ele costumava usar as mesmas roupas para estes eventos. Agora tem os pés aleijados, os ossos partidos, ninguém sabe se consegue andar, se está acorrentado ou não, fechado numa cela escura. É nisso que tenho de pensar..."

Mais tarde, saíram do estádio, cheios de emoções contraditórias, e percorreram as ruas estreitas de Ancara em direção às casas humildes dos menos afortunados.

Tinham suportado outro 19 de maio, outro dia em que milhares de jovens foram algemados na sua própria pátria e centenas foram mortos.

Ao anoitecer, Ali Kaypakkaya saiu de casa sozinho. Chegou à estação de ônibus e apanhou o ônibus que o levaria a Diyarbakir. As luzes da rua tinham acabado de se acender e o ônibus ia a serpentear no meio do trânsito para fora da cidade. Desta vez, Ali Kaypakkaya fez a viagem com um sentimento diferente do habitual. Até hoje, todas as suas tentativas de ver o filho tinham sido rejeitadas. Desta vez, deveria poder estar realmente perto do seu filho. O ônibus percorre as encostas montanhosas e passa por campos recém-verdes.

"Talvez só nos deem um pouco de tempo", pensou, organizando tudo o que queria dizer na sua cabeça, priorizando e selecionando cuidadosamente cada ponto. "Só para fazer todas as saudações são dez minutos." Ele sabia que o tempo de visita era limitado a dez minutos. "Consigo desenrascar-me, mesmo que salte as saudações", tranquiliza-se. "O importante é

1

dizer-lhe o que ele precisa de saber.” A esperança surgiu dentro dele: “Talvez nos deem mais tempo, já que não o vejo há meses.”

Depois, as recordações de dias passados inundaram-lhe a mente e, com esses pensamentos, sentiu-se quase satisfeito por apenas vislumbrar o filho à distância. “O mais importante é ver que ele é saudável.”

Entretanto, os seus pensamentos levaram-no para longe. Parecia que estávamos em 1949, e que İbrahim tinha acabado de nascer. Ia pegar nele, embrulhar o bebê em panos e colocá-lo ao colo do pai. Contemplaria o rosto e os olhos do filho, depois o colocaria suavemente no berço antes de se dirigir ao café da aldeia para anunciar a chegada do seu filho recém-nascido.

O ônibus deslizou como uma flecha de luz através da escuridão em direção a Diyarbakır. O zumbido do motor desapareceu no fundo, substituído por um sorriso que se formou no canto do olho de Ali Kaypakkaya, lembrando İbo.

Capítulo 2

Ibo tinha apenas 2 ou 3 anos quando os pais se separaram. Ali Kaypakkaya casou com outra mulher da sua aldeia, que tratou Ibrahim como se fosse seu filho. Ibrahim ganhou mais irmãos e o pão quotidiano da família empobrecida passou a ser dividido em cinco e depois em seis porções, em vez das três iniciais.

Até aos nove anos de idade, Ibo cuidou das ovelhas e das cabras da aldeia. Possuía uma personalidade forte, que misturava teimosia e beligerância com prudência e vontade de ajudar. Encarava tudo o que o rodeava com grande curiosidade, esforçando-se por compreender tudo. Qualquer que fosse a tarefa que lhe fosse dada, Ibo estava sempre pronto e não regressava sem ter terminado o seu trabalho. Quando Ibo fez nove anos, Ali Kaypakkaya o enviou para a aldeia de Karamahmut, a vinte quilômetros de distância. Aí, confiou-o à sua irmã e inscreveu-o na escola. Ibo frequentou o primeiro e o segundo ano da escola primária nesta aldeia. Depois de completar o segundo ano, o pai transferiu-o para a escola da aldeia de Ortakişla, onde Ibo passou mais um ano letivo.

Mesmo nessa altura, adorava competir com os seus colegas e, normalmente, assumia a liderança. No entanto, nunca se tornou complacente com isso, nem zombou de seus amigos. Muitas vezes, nem sequer mostrava que podia ganhar uma competição.

Queria que os outros se achassem melhores e fossem felizes. Frequentou o quarto e o quinto ano na aldeia de Alacaköy. Parecia que estava colado à sua aldeia e às suas terras, dando a impressão de que murcharia se o retirassem. Ao mesmo tempo, tinha uma sede de conhecimento notável. Mesmo enquanto pastoreava as ovelhas, levava consigo cadernos e canetas, folheando repetidamente os seus livros de leitura. “Vou ser professor”, disse ao pai depois de terminar o quinto ano. Ali Kaypakkaya apoiou a ambição do filho e conseguiu que Ibo fizesse o exame de admissão a um colégio interno, apesar das dificuldades financeiras da família.

Ibo passou no exame e foi admitido na Escola de Professores de Hasanoğlan como aluno interno. Passou seis anos da sua vida nesta escola. Durante as férias, regressava à sua aldeia e ajudava a mãe, as irmãs e a família em qualquer trabalho necessário. Quer trabalhasse com uma foice ou noutras tarefas, impressionava os outros com a sua resistência, ultrapassando muitas vezes indivíduos muito mais velhos. Enquanto os seus colegas de escola mantinham distância dos aldeões e evitavam o trabalho manual, Ibo participava ativamente nas atividades da aldeia. Ajudava na debulha, usava a foice, colhia cereais e contribuía para as tarefas domésticas.

Durante o tempo que passou em Hasanoğlan, Ibo começou a desenvolver de forma independente as suas primeiras ideias revolucionárias. Mergulhou na leitura, expandindo os seus conhecimentos e transformando o seu comportamento e relações com os outros.

Assim que regressou da escola para a aldeia, Ibo integrou-se sem problemas na comunidade. Ia de casa em casa, visitando especialmente os aldeões mais pobres, perguntando pelo seu bem-estar e ouvindo atentamente as suas preocupações.

Nessa altura, Ali Kaypakkaya trabalhava como mestre pedreiro, passando muitas vezes fome e, ocasionalmente, abundância. Quando Ibo regressou à aldeia, a sua primeira preocupação foi

com um homem que cuidava do gado dos pobres. “Pai”, disse Ibo, “pessoas como o tio Hasan são as que verdadeiramente merecem ser veneradas”. Com apenas 16 ou 17 anos de idade, o seu nome era conhecido em todas as aldeias vizinhas. ‘Se Alá nos abençoar com um filho, que ele seja como o Ibo!’ tornou-se um desejo sincero.

Destacando-se entre os seus colegas não só pela sua força física, mas também pelos seus pensamentos progressistas, Ibo começou a atrair a atenção dos reacionários. Um dos seus professores ficou muito aborrecido com uma redação que escreveu na escola intitulada “Não gosto de verde”. “Provavelmente preferes o vermelho?”, disse o professor com raiva, fazendo-o passar um mau bocado.

Ibo passou o exame final em Hasanoğlu com distinção. Foi colocado na lista de candidatos para a Escola de Professores de Çapa. Istambul abriu-lhe um novo mundo. Ao chegar a Çapa, trouxe consigo pensamentos revolucionários nascentes que tinha deixado desenvolver. No seu primeiro ano, esses pensamentos germinaram e transformaram-se em convicções fortes.

O seu desenvolvimento parecia imparável. Começou a reunir à sua volta as mentes mais brilhantes da escola, as mais receptivas a ideias revolucionárias. Num curto espaço de tempo, formou uma comunidade de estudantes corajosos e progressistas. Dia e noite, participava em discussões com eles, esforçando-se constantemente por alargar e fortalecer o grupo.

Uma das suas qualidades mais notáveis era o fato de nunca ter cortado os laços com a sua aldeia. Sempre que possível, visitava-a, trazendo revistas e livros, explorando as aldeias vizinhas e conversando com os habitantes.

Em breve, o nome de Ibo começou a aparecer nos ficheiros da polícia. As autoridades recebiam denúncias constantes.

Estávamos no ano letivo de 1966-67, uma época relativamente calma em termos de atividades estudantis. As ideias de esquerda espalharam-se entre a juventude acadêmica em ondas suaves, pontuadas por picos ocasionais. Um desses picos foi Ibo. Num curto espaço de tempo, transformou o Çapa num centro do movimento estudantil.

A sua primeira ação pública começou com um folheto que escreveu. O escritor e jornalista Çetin Altan foi atacado por reacionários durante uma digressão de conferências. Ibo alertou para o fato de que, se as forças revolucionárias não reagissem prontamente a esses ataques, deixariam que eles se espalhassem sem controle, podendo conduzir à violência. Reuniu os seus amigos para agirem, iniciando uma grande campanha de assinaturas. Esta foi a sua primeira ação pública, mostrando a sua crescente energia revolucionária, que aumentava a cada dia.

Apesar de dedicar pouco tempo aos seus estudos, Ibo continuou a ser um estudante bem-sucedido. A sua proficiência em matemática era notável, ajudando frequentemente os colegas estudantes. No entanto, dava prioridade à luta contra a injustiça, de acordo com as suas convicções. Sempre que havia um seminário, um painel de discussão ou um evento, Ibo podia ser encontrado num canto, ouvindo atentamente, tomando notas e fazendo perguntas perspicazes.

O ano letivo de 1967-68 começou de forma mais tumultuosa do que o anterior, em grande parte devido a um movimento centrado em Ibo. Ibo surgiu como um porta-voz, persuadindo os seus colegas da necessidade de organização. Ibo fundou o Clube de Ideias Çapa, que se filiou na Federação de Clubes de Ideias. Os seus amigos fundadores elegeram-no como seu presidente.

Começava agora um novo período para Ibo, porque como orador tinha uma responsabilidade ainda maior. Escreveu a declaração de fundação da associação e distribuiu-a pelos seus amigos da escola. Apelou publicamente a todos os estudantes progressistas e revolucionários da escola para se unirem e lutarem juntos contra os elementos reacionários e fascistas.

A direção da escola ficou inquieta com os acontecimentos emergentes. “Este movimento deve ser cortado pela raiz antes que se enraíze e já não possa ser erradicado”, afirmaram. A direção da escola agiu rapidamente e aproveitou as férias de fevereiro para tomar uma decisão. Dez membros fundadores da associação foram proibidos de entrar na escola durante um mês.

Mas não se ficaram por aí, denunciaram Ibrahim e os seus amigos ao Ministério Público.

Durante um mês, Ibo ficou em casa de amigos, noutras escolas e em salas comuns. Durante o dia, estava ativo onde fosse necessário, encarnando a modéstia de um militante dedicado. Inabalável na sua rejeição do comportamento burguês, a interdição da casa não o assustou nem o perturbou, nem o dissuadiu dos seus ideais. Encara-a como uma resposta previsível dos reacionários.

À medida que o trabalho político se intensificava, as ondas suaves do ativismo transformaram-se em mares turbulentos. Os revolucionários começaram a ocupar as universidades. Ibo manteve-se vigilante durante estas ocupações, ficando acordado até de manhã. Discutia estratégias à volta de fogueiras, posicionava-se na linha da frente durante os confrontos e entregava-se de corpo e alma a cada ação.

Capítulo 3

Eventualmente, Ibo começou a escrever artigos para revistas. Durante os seus tempos de estudante, os seus artigos apareceram em publicações importantes como Forum, Ant, Türk Solu e Aydınlik Sosyalist. No 2º Congresso da Federação dos Clubes de Ideias (FKF), um acontecimento historicamente significativo em que surgiram claras diferenças de opinião no seio do movimento, Ibo participou como delegado de Çapa. Nessa altura, já se tinha tornado uma das figuras mais importantes das atividades revolucionárias.

No ano letivo de 1968-69, a intensidade das ações aumentou e as tensões no seio do movimento de esquerda cresceram em relação à discussão da luta democrática. Em Çapa, Ibo e os seus amigos estavam totalmente empenhados. Não só os manteve ativamente envolvidos, como também serviu de modelo, educando-os incansavelmente. Acreditava que eles amadureceriam através do envolvimento direto na ação, ao mesmo tempo que aprendiam sobre o socialismo científico.

Para o impedir e atacar, os seus adversários inventaram todo o tipo de métodos. Também incitaram as forças reacionárias-fundamentalistas da escola...

Nos dias 29 de outubro e 10 de novembro, Ibo preparou folhetos da FKF, que deveriam ser distribuídos em Çapa. Ele próprio escreveu e ajudou a distribuí-los.

O comité disciplinar da escola aproveitou a ocasião para um novo confronto. A proximidade do diretor aos círculos de direita era conhecida. Foi destacado pelo ministério em Çapa.

Os fundadores da FKF na escola foram punidos de acordo com a decisão do conselho disciplinar. Deixaram de ser autorizados a viver no dormitório dos estudantes.

Ibo e os seus amigos declararam que se oporiam a este castigo e que não reconheceriam a decisão. Com reforços vindos do exterior, os elementos fascistas e reacionários-fundamentalistas da escola reuniram-se em frente à entrada. Prepararam-se para impedir os estudantes revolucionários de entrarem na escola.

Ibo e os seus amigos não se deixaram intimidar por estes gestos ameaçadores. Assim começou uma batalha impiedosa. Era a primeira vez que os opositores usavam armas de fogo. Um estudante reacionário chamado Şefik disparou a sua pistola contra os estudantes que protestavam; vários ficaram feridos nesta luta. Ibo não desistiu, mesmo quando foi gravemente ferido por correntes e bastões. Conseguiram que os fundamentalistas se retirassem. O diretor da escola então chamou a polícia. Os revolucionários foram expulsos da escola e deixaram de poder entrar no dormitório dos estudantes.

Para estes alunos, todos eles oriundos de famílias pobres, ser expulso do dormitório foi um duro golpe. Ibo lutou contra sentimentos de depressão ou abandono entre os estudantes que tinham sido expulsos da escola com ele. Explicou-lhes o significado político destes acontecimentos no contexto da situação geral na Turquia. Tentou que os seus amigos se

orientassem por conteúdos revolucionários e não por conteúdos burgueses. Para vencer, não podemos deixar que as derrotas nos derrubem, disse.

Durante este período, alguns estudantes progressistas que permaneceram na escola mostraram uma solidariedade exemplar para com os seus amigos expulsos. Ajudavam-nos secretamente, traziam-lhes comida da cantina, partilhavam a cama com eles...

Ali Kaypakkaya soube que o seu filho tinha sido expulso da escola e ficou muito triste com o fato. Queria que ele terminasse a escola o mais depressa possível. Criou-o nas condições mais difíceis, na pobreza e poupou todos os bocados... Parte para Istambul. Queria estar com o seu filho, falar, convencê-lo. Tinha um conhecido em Istambul, alguém que era ouvido. O seu nome era Şevki Bey. Tinha sido presidente da província do PD e era agora proprietário de um armazém. Ali Kaypakkaya foi se encontrar com ele e contou-lhe em pormenor a confusão em que Ibo se encontrava. Posso resolver o problema, disse Şevki Bey, mas com uma condição! O seu filho deve escrever uma carta expressando os seus remorsos pelo que fez e prometendo não voltar a participar em tais atividades e, a partir de agora, não falar sobre a direção da escola ou sobre o governo da Turquia. Ele deve assinar esta carta e trazê-la aqui para mim!

Ali Kaypakkaya conhecia o caráter de Ibrahim. Mesmo assim, foi encontrar com ele: É assim que as coisas são, meu filho, disse ele. Somos uma família pobre. Se eles puxam um fio, todo o nosso remendo se desfaz. Şevki Bey prometeu. “Eu consigo lidar com isso, disse ele, mas pare de fazer as tuas coisas!”

Ibo sempre teve um respeito infinito pelo seu pai. Nunca teria tolerado que o seu comportamento o magoasse de alguma forma. Quando o pai lhe pediu para fazer isto, ele ficou em silêncio durante algum tempo. Por fim, responde: “Pai, isto agora não é nada contra você. A sua pobreza é também para mim a maior dor; mas, tal como você, todo o povo é pobre, há até mil vezes pior... Só quero dizer uma coisa: se tiveres uma arma contigo, dá-me um tiro; não me vou defender. Mas não me peçam para negar as minhas crenças...”

Por muito que Ali Kaypakkaya tentasse, Ibo não se deixava amolecer.

“Porque é que estás a fazer de ti um apanhador de balas?” disse ele, “que amigos corajosos teus já caíram!” Sem o magoar, Ibo tentou pacientemente e uma e outra vez, com exemplos vívidos, esclarecer o seu pai.

Ali Kaypakkaya teve muitas conversas deste gênero com Ibo. Quando o Ibo falava com as pessoas comuns, escolhia cuidadosamente as palavras. Quando criticava erros que surgiam de boa vontade, nunca se tornava severo. Quando o filho falava com ele, por vezes via-se a defender os seus próprios erros e sentia-se como se estivesse a cometer um pecado. Então, calava-se e só ouvia o Ibo para aprender alguma coisa com ele.

Depois de Ibo ter sido expulso da escola, trabalhou num hotel. Depois de uma discussão com o patrão, saiu. Durante algum tempo, deu explicações de matemática. Se ganhasse o suficiente para estar satisfeito, isso era suficiente para ele. Preferia utilizar a sua energia e o seu tempo para lutar.

Uma vez soube que se falava dele na aldeia e foi diretamente para lá. Alguns elementos reacionários, depois de o nome de Ibo ter sido mencionado em relação a acontecimentos estudantis, espalharam o boato de que Ibo se “preparava para derrubar o Estado”.

Ibo caminhou durante algum tempo, falando com os aldeões, ouvindo as suas preocupações. Explicou-lhes as verdadeiras razões do seu sofrimento e falou-lhes de saídas. Falou com eles

durante toda a noite, dizendo que “os que estão no poder estão se voltando cada vez mais para a violência” e contando-lhes a vida de amigos que tinham morrido em combate.

Onde quer que fosse, era recebido com amor. Quando partia, as pessoas desejavam-lhe sorte e orgulhavam-se deste jovem corajoso das suas próprias fileiras. Quando Ibo falava com os aldeões, nunca minimizava os seus problemas e nunca falava “é assim mesmo”. Tal como falava abertamente sobre o que era possível, também dizia o que não era possível: isto reforçava a confiança que as pessoas tinham nele. Ele conhecia as particularidades de cada aldeia onde se deslocava. Nem no seu vestuário, nem na sua forma de se movimentar, nem no seu respeito pelos costumes e tradições, nem na sua linguagem e modo de falar, se diferenciava dos aldeões. O seu comportamento vinha de dentro, e ele fazia logo saber aos aldeões que não era de fora, mas um deles que fazia suas as preocupações deles.

Pôs a alegria e o sofrimento ao alcance dos aldeões, que podiam vê-los com os seus próprios olhos e ouvi-los com os seus próprios ouvidos. Tocava o *saz*, cantava canções folclóricas e dançava nos casamentos, dançava com eles as danças folclóricas que adorava desde a sua infância. Quando regressava das aldeias vizinhas, ia dormir em casa e lia à luz tênue do candeeiro até ao amanhecer. Quando surgia a oportunidade, lia para o pai romances que relatavam acontecimentos revolucionários noutros países.

Durante o período de 1968-69, segmentos ativos da juventude política começaram a estabelecer ligações com círculos de trabalhadores e camponeses, sofrendo as suas primeiras baixas em vários incidentes. Dia após dia, o fascismo intensificava-se com novos métodos. Neste clima, as organizações revolucionárias alargaram os seus esforços, unindo as forças progressistas aos movimentos operários e camponeses emergentes. Ibo surgiu como uma figura proeminente entre os revolucionários que lideravam movimentos como o protesto contra a “6ª Frota” da Marinha Americana estacionada no Bósforo e o “Dia Sangrento”, um trágico acontecimento em que os militares massacraram pessoas durante uma manifestação revolucionária.

Ao mesmo tempo, entre o final da década de 1960 e o início da década de 1970, Ibo distinguiu-se como um dos poucos revolucionários ativamente empenhados tanto no trabalho fabril como no trabalho nas aldeias. A sua presença no movimento juvenil tornou-se menos frequente por volta de 1969-70, uma vez que se dedicou a escrever notícias e artigos para a Revista Esquerda Turca (*Türk Solu Dergisi*) sobre atividades proletárias e camponesas. Apesar desta mudança, continuou a participar em ações de massas e assumiu várias tarefas na redação da revista, desde tarefas voluntárias como a monitorização até tarefas como a estampagem e dobragem de revistas.

A expulsão de Ibo da escola foi considerada injustificada pelo Tribunal Administrativo Superior e anulada. Apesar de a decisão do tribunal exigir a readmissão dos alunos expulsos, a direção da escola só aplicou parcialmente esta decisão. Embora nove alunos tenham sido readmitidos, Ibo não estava entre eles.

Capítulo 4

1970 foi um ano marcado pelo sacrifício de muitas vidas jovens, uma altura em que os revolucionários resistiram ferozmente à violência e à crueldade. No entanto, as divisões no seio das fileiras da esquerda também eram evidentes.

Durante este período, Ibo refletiu sobre o revisionismo e discutiu-o com os seus amigos. Exortou-os a confrontar e combater o revisionismo com a mesma determinação que demonstravam em relação aos seus adversários. No meio destas discussões, Ibo enfrentou dificuldades consideráveis, foi preso duas vezes pela polícia e sujeito a espancamentos brutais em ambas as ocasiões. Numa das prisões, esteve detido durante quase um mês.

Nesse ano, a determinação da população em resistir reforçou-se, levando a ações de massas não só nas cidades, mas também nas zonas rurais, aldeias e fábricas. Na Trácia, a revolta dos agricultores pobres de Değirmenköy exemplificou este espírito de resistência. Reclamaram terras que tinham sido confiscadas por latifundiários ricos, e Ibo estava entre os aldeões que participaram nesta revolta.

E entre os revolucionários de Değirmenköy, surgiu outra figura imparável: Cihan Alptekin. Juntos, Cihan e Ibo proporcionaram uma liderança exemplar na direção do movimento revolucionário de massas.

Os camponeses nem sequer ouviram os funcionários do governo que tinham vindo para os fazer mudar de ideias e fazer longos discursos. Foram Ibo e Cihan que falaram ao povo da aldeia na praça da aldeia. Os aldeões tinham reconhecido os dois como verdadeiros amigos do povo e, através deles, a sua confiança e amor pelos revolucionários tinham-se reforçado. Os responsáveis governamentais quiseram inicialmente mandar prender os dois jovens pela gendarmeria. Mas recusaram esse plano. Desistiram quando viram que os camponeses se preparavam para resistir e se tornou claro que não permitiriam tais prisões. Os camponeses colocam-se publicamente do lado dos dois jovens e declaram que não os extraditarão.

Mas depois caíram numa armadilha. Ibo e Cihan foram presos e sujeitos a tortura. Apesar das torturas que sofreram, a sua determinação só se tornou mais forte. De dia para dia, a agitação social e econômica do povo intensificou-se, transformando-se num amplo movimento democrático de massas.

A luta cada vez mais intensa encontrou a sua expressão nas ruas de Istambul nos dias 15 e 16 de junho. Durante esses dias, Ibo esteve com os trabalhadores, totalmente imerso nas suas fileiras. Organizava pequenos comitês, passava as noites a imprimir panfletos até de madrugada e, durante o dia, estava nas ruas onde a luta era mais intensa.

De braço dado com os trabalhadores, ultrapassou as barricadas. Os meses que passou entre os trabalhadores granjearam-lhe o amor e o respeito dos segmentos mais dedicados da força de

trabalho. Centenas de pessoas consideravam Ibo como um irmão. De fundições de ferro como Sungurlar, Horoz Çivi, Pertrihs, Ege Sanayi, EAS Akü, Gislaved, Gamak, Singer, Derby... a todas as fábricas em greve, a energia de Ibo fez-se sentir.

No início de 1971, visitou Çorum e as aldeias vizinhas. Planeava escrever um estudo sobre esta área e as aldeias.

A sua partida para Çorum ocorreu numa altura em que o fascismo começava a manifestar-se abertamente na Turquia. Os imperialistas estavam determinados a esmagar com sangue e tiros a luta emergente das massas, a agitação que se espalhou por todos os setores da população. Ao mesmo tempo, os elementos progressistas da sociedade também deviam ser eliminados.

Os fascistas intensificaram os seus esforços. Foi declarado o estado de emergência, o que levou à proibição de greves nas fábricas, ações de massas nas aldeias, reuniões e manifestações.

Os jornais progressistas e as organizações democráticas de massas foram encerrados e a imprensa foi objeto de forte censura. Seguiu-se uma repressão contra os revolucionários, começando com buscas domiciliárias a milhares de ativistas e indivíduos democráticos. Muitos foram presos e alguns foram mortos. Temendo pelas suas vidas, alguns ativistas e indivíduos foram para a clandestinidade. Tornou-se evidente que faltava uma sólida organização política de massas. Muitos revolucionários procuraram refúgio em várias regiões da Anatólia.

Ibo esteve no distrito de Çorum com um amigo próximo durante três meses. Após este longo período de trabalho, concluiu um estudo intitulado “Uma análise da estrutura de classes no distrito de Çorum”.

Nesta zona, para onde se tinha retirado quando foi declarado o estado de emergência, ele e o seu amigo liam e trabalhavam constantemente. Ao mesmo tempo, visitavam as aldeias e explicavam as verdadeiras razões dos acontecimentos que se estavam a desenrolar no país. De vez em quando, contactavam amigos de outros distritos e trocavam informações. Ibo desenvolveu uma nova proposta de organização.

Mais tarde, Ibo decidiu voltar a abandonar esta região. No dia em que quis partir para outra parte da Anatólia, estava em casa do seu pai. Usava sandálias de plástico, a sua aparência era lassa e, debaixo do braço, segurava uma trouxa.

Renda-se, meu filho! Ali Kaypakkaya tentou persuadir Ibo. – Ainda será vítima das balas deles; quem é que já não foi atingido? “Aqueles que morreram também são teus filhos”, responde Ibo e diz ao pai que não deve ficar triste por causa dele, que a sua ligação ao povo é mais importante do que a sua própria vida.

Uma vez, Ali Kaypakkaya pensou em mandar prender Ibo, para lhe salvar a vida. Ele sabia como ele era ousado, sabia quantas pessoas o enfrentavam e que métodos usavam. Mas Ibo resistiria se fosse preso. Então, seria como se ele tivesse matado o seu filho com as suas próprias mãos. Por isso, desistiu da ideia.

A última coisa que Ibo fez antes de partir foi pedir uma morada ao pai. Como sempre, estava descontraído e com vontade de brincar. Quando reparou que o seu aspeto macilento estava a entristecer o pai, tentou animá-lo e contou-lhe uma anedota: Um comandante de guerra disse: “Oh, se eu fosse um rato e pudesse rastejar para qualquer buraco!”

Quando Ibo quis ir embora, o pai perguntou-lhe se tinha algum dinheiro consigo. Tenho tudo o que preciso, responde Ibo. A resposta não convenceu o pai e ele revistou os bolsos do filho.

Encontrou apenas 10 liras. Ali Kaypakkaya saiu imediatamente de casa a correr e voltou com 100 liras que tinha pedido emprestado aos vizinhos. Ibo observou o pai pensativa e tristemente, depois despediu-se, passou a soleira da porta e saiu em silêncio.

Após o seu desaparecimento, até 24 de janeiro de 1973, Ibo permaneceu principalmente nos campos de verão nos planaltos e aldeias dos condados de Silvan, Nazimiye e Kürecik, nos distritos de Tunceli, Malatya e Antep, e também em Haydaran, em Nurkaklar e nas montanhas de Düzgün. De vez em quando, encontrava-se em Ancara ou Istambul.

Andava quase 24 horas por dia, a falar, a ouvir, a discutir. O seu grande objetivo era exprimir de forma organizada as preocupações do povo.

Enviou o seu círculo mais próximo de camaradas para centros de trabalho na Anatólia, especialmente no Sudeste. Ocasionalmente, vinha a Istambul para selecionar e formar novos funcionários.

Passado algum tempo, escolheu o distrito de Malatya como local para viver e trabalhar por conta própria. Durante meses, desenvolveu um trabalho educativo nas aldeias. Dava especial importância ao contato com as camadas mais empenhadas da população. Deslocava-se, verificava o trabalho dos camaradas que tinha colocado nas diferentes zonas e ouvia os seus relatórios de trabalho e disse-lhes em que direção deviam continuar a trabalhar. Ibo passou o outono desse ano nas aldeias de Malatya.

Ao cair da tarde, partia e visitava casa por casa. Os camponeses simpatizavam com o jovem, que os ouvia com muita atenção. Habitavam-se a ele e falavam-lhe longa e detalhadamente. Ibo aproximava-se dos aldeões ricos que se diziam revolucionários com a maior cautela. Quando estes olhavam para o povo com desdém, ele desdenhava-os particularmente.

A personalidade e o comportamento de Ibo eram naturais e mostravam que ele conhecia as pessoas.

Contou às pessoas da classe média da aldeia, a partir das suas próprias vidas, como se tornavam cada vez mais pobres, mostrou-lhes as razões para isso e deu-lhes formação. Mas mais do que isso, ele estabeleceu relações com os aldeões pobres e ouviu-os. Atribuiu-lhes a maior importância; confiava mais no que eles diziam.

Capítulo 5

Destemido e incansável, andou de aldeia em aldeia por terrenos acidentados. Falava com entusiasmo aos camponeses sobre a Revolução de Outubro, sobre a China, sobre o Vietnã e descrevia em pormenor a vida e as lutas de outros povos.

Tal como os habitantes da aldeia de Ibo, estes agricultores ouviam agora com todo o coração, deixavam-se levar pelo entusiasmo e estavam ansiosos por lhe contar as suas próprias vidas.

Ibo pediu aos anciãos, em particular, que lhe contassem a história da região, sobre revoltas e preocupações cujas raízes remontavam a tempos antigos. Em seguida, anotou as informações que recebeu para as utilizar mais tarde em ensaios sobre estas zonas, nos quais o que foi efetivamente vivido serviria de base para o desenvolvimento de soluções políticas.

Onde quer que fosse, interessava-se até pelos mais pequenos problemas dos camaradas com quem trabalhava. Assumia as suas preocupações e tentava com todas as suas forças encontrar soluções. Se criticava um camarada, fazia-o cuidadosamente, segundo o princípio de “tratar a doença para salvar o doente” e tentava eliminar os obstáculos sem magoar ninguém.

O trabalho coletivo era importante para ele. Era o primeiro a pôr em prática o que planejava. Questionava repetidamente os seus camaradas sobre os seus erros e dava grande importância às suas críticas.

Quando via que tinha feito algo de errado no trabalho, admitia-o abertamente e praticava a autocritica para não voltar a ter esse comportamento. Em caso algum se deixava guiar pela sensibilidade pequeno-burguesa quando os seus camaradas o criticavam.

Também esperava estas virtudes que tinha adquirido das pessoas que o rodeavam. Se um dos seus camaradas se comportasse de forma pequeno-burguesa, não conseguisse reprimir o seu orgulho e evitasse a autocritica, Ibo não o insultava, mas fazia-o sentir-se envergonhado sem o magoar.

A sua personalidade e o seu pensamento desenvolveram-se nas suas relações com a população. A atitude dos intelectuais, que sabem tudo, a sua passividade faladora, o seu distanciamento e frieza sem entusiasmo, a sua indecisão e ponderação, repugnavam-lhe até a náusea. Tudo em si era natural, como um ramo, um riacho de montanha. Os últimos meses da sua vida, em particular, consolidaram nele as virtudes que vinham do povo.

Em pouco tempo, tinha aprendido a comunicar bem e mal em curdo. No entanto, quando percorria as aldeias, levava consigo um camarada que falava bem curdo. Aproximava-se de uma casa pobre com carinho, como se fosse a sua, cumprimentava-o de longe e, mesmo antes de abrir a porta, estabelecia-se uma proximidade entre o Ibo e os habitantes.

De uma forma imperceptível, levava a conversa para o contexto político dos problemas. E explicava-lhes a sua fome, a sua nudez, a sua pobreza, de tal forma que as suas palavras permaneciam inesquecíveis nas suas mentes.

Os camponeses, geralmente habituados a deitarem-se cedo, esqueciam-se do que significava o cansaço quando o Ibo estava com eles. Como se um sentimento herdado dos seus pais estalasse dentro deles. Tornavam-se corajosos, zangados, impacientes.

O Ibo dava especial importância a que os seus amigos tomassem a iniciativa das ações. Quando se deslocava a qualquer área para acompanhar o trabalho, discutia os aspectos corretos e problemáticos das ações. Estava sempre aberto a mudanças que pudessem surgir através da prática e tirava lições de consequências positivas e negativas inesperadas para ações futuras. Rapidamente criou grupos de leitura entre os círculos progressistas do distrito de Malatya, onde passava a maior parte do seu tempo.

Foi o ano em que um revolucionário após outro foi morto na Turquia e a tortura espalhou o terror por todo o país.

Milhares de pessoas foram condenadas com base nos seus pensamentos. O terror de Estado espreitava atrás de cada porta, atrás de cada esquina. O medo e a inconstância surgiram, e também se registaram colapsos nas fileiras da esquerda.

Aqueles que escolheram a inconstância, o encolhimento e a desistência ocuparam o seu lugar no contra-movimento. Ignoraram o fato de que um pesado fardo se acumulava sobre o povo e não viram as sanguessugas da opressão nas veias do povo. Para além do seu auto-abandono, iniciaram também uma campanha de difamação contra a luta revolucionária sob o nome de crítica dos erros. Confundiram o que era para ser defendido e o que era para ser criticado. Usaram os microfones dos contra-revolucionários para atacar insidiosamente as virtudes revolucionárias básicas. E assim cometeram pecados para os confessar ao mesmo tempo!

Mas houve também muitos que resistiram, que não baixaram a cabeça, que aceitaram as consequências com paciência e determinação..

Era nisto que Ibo pensava quando via nos jornais as fotografias de Ömer Ayna, que tinha passado pelas câmaras de tortura dos centros de detenção.

Ibo sentiu o que restava no olhar de Ömer como uma saudação calorosa. Uma das primeiras condições de um comportamento revolucionário é suportar a tortura, disse aos seus amigos e exortou-os a seguir o exemplo de Ömer.

Os olhares de Ömer das câmaras de tortura tinham captado o entusiasmo e a excitação no coração de Ibo.

“Não devemos esperar pela tortura”, diz aos seus camaradas. “Temos de viver como se ela fosse ser utilizada a qualquer momento, para a podermos derrotar desde o início!” E esta consciência atua em todos os momentos da sua vida.

Um dia, Ibo e dois dos seus amigos quiseram mudar-se da sua zona para outra. Eram três. Subiram do vale. Quanto mais alto subiam, mais a neve e o vento se atravessavam no seu caminho. Por fim, a montanha tornou-se intransponível. Lutaram durante horas. Na escuridão total, as lâmpadas que tinham nas mãos mal conseguiam iluminar três passos contra a enorme tempestade de neve. Ouvia-se ao longe o uivo dos lobos. Com os dedos no gatilho, treparam durante horas à beira de abismos sem fundo e na base de rochas escarpadas. Depois, começaram a descida. Os seus rostos estavam gelados. Após uma descida interminável, as luzes da aldeia aparecem ao longe. Ao virarem-se para a aldeia, perceberam de que estavam na mesma encosta por onde tinham subido horas antes.

Os camaradas sugeriram a Ibo que não partisse de imediato. Mas o Ibo, com uma voz cheia de determinação e de perspicácia, deu a ordem para partir de novo. Ao amanhecer, alcançaram os camaradas do outro lado da montanha...

Ibo costumava dizer que a perseverança e a determinação eram uma base importante para a vitória. Ele próprio dava exemplos de como enfrentar as dificuldades. A sua paciência e tenacidade e os seus meses de vida nas adversidades da natureza fizeram de Ibo uma parte da natureza.

Um dia, partiram para outro distrito. Depois de caminharem todo o dia num terreno inóspito, começaram a procurar um sítio para passar a noite. Encontraram uma pequena gruta entre as rochas da encosta da montanha. Era muito estreita e difícil de entrar, mas tinham que se proteger do vento e da chuva. Os amigos sugeriram a Ibo que procurasse outro sítio, mas Ibo já tinha rastejado para dentro da gruta e começado a trabalhar. Em pouco tempo, alargou a gruta. Nessa noite havia espaço para toda a gente.

Na região, o inverno estendeu-se dos picos das montanhas até as planícies. Após a fuga de Mahir e dos seus camaradas da prisão de Maltepe, os esforços de busca das forças de segurança intensificaram-se. Foram montados pontos de controle no caminho de Antep para Malatya. No entanto, Ibo não se deixou perturbar e avançou calmamente. Com sandálias nos pés, um velho casaco às costas, chapéu, boné e calças típicas desta zona, tinha o aspeto de um proletário rural trabalhador. Ibo nunca perdeu a calma durante as buscas. Na maior parte das vezes, não chamava a atenção quando passava pelos postos de controle.

Depois de um longo período no distrito de Malatya, mudou-se para outras áreas onde compilou as notas que tinha tirado num estudo intitulado “Uma análise das aulas em Malatya”.

Capítulo 6

Após algum tempo de separação, regressou à região de Malatya com Bora Gözen. Nessa altura, Bora estava gravemente doente. Tinha icterícia. Ibo deixou-o com os seus amigos da região e foi para Tunceli. (Quando Bora começou a recuperar, deixou Malatya e foi para a Palestina. Enquanto estava na Palestina, foi morto pelas tropas israelitas, junto a um grupo de revolucionários turcos, durante um ataque israelita).

Ibo permaneceu em Tunceli durante um curto período de tempo, recolheu relatórios sobre as zonas de trabalho e mudou-se para Istambul. Trabalhou durante algum tempo em Istambul com os relatórios que recolheu.

Aí analisou os relatórios e transformou alguns deles em ensaios. Depois de os seus amigos que foram para a Palestina terem regressado a Malatya, Ibo também veio para a região.

Agora, um grande segmento da população da região conhecia-o pela sua personalidade (não pelo seu nome verdadeiro) e amava-o de todo o coração.

Dizia muitas vezes aos seus amigos que o amor e a lealdade não deviam ser manchados. Ele debatia-se com emoções que podiam endurecer-se contra as belezas da natureza e das relações interpessoais. Dava exemplos de si próprio, contando exemplos vívidos do seu amor pela avó idosa e pobre, da saudade que sentia dela e do respeito que tinha pelo pai.

Já tinha rasgado a sua identidade de “Ibrahim Kaypakkaya”. Estava vivendo com uma identidade diferente. Muito poucos camaradas à sua volta o conheciam como “Ibrahim”.

A grande importância que atribuía às relações com as pessoas era uma razão importante para o facto de ser tão respeitado pelos habitantes da aldeia. Estas pessoas, que ele estava sempre pronto a ajudar, também o apoiavam se ele estivesse em apuros.

Um dia, chegaram a uma aldeia pela manhã, foram levados para uma casa e retiraram-se para descansar. Tinham acabado de adormecer quando foram subitamente acordados por gritos estridentes. A mulher da casa gritava em curdo: “Avétun ser gund...!” (A aldeia está sendo atacada!). Ibo e os seus dois camaradas saíram de casa pela porta das traseiras e desapareceram em direção às montanhas.

Ibo estava a acalmá-los e a encorajá-los, cantando uma canção folclórica que combinava com os seus passos enquanto ele corria. Como de costume, ele deixou o perigo para trás, dando força às pessoas à sua volta e não deixando surgir o mais pequeno vestígio de medo.

Quando falava, via-se que a sua voz estava cheia de fé na sua causa. Quando falava dos inimigos do povo, ardia como um vulcão; quando falava da vida e da saudade, tornava-se suave. Quando havia tempo livre entre os seus trabalhos, pegava no seu pequeno caderno e

retirava-se para um canto ou subia para uma rocha e sentava-se. Aí tomava notas e desenvolvia novas ideias. Por vezes, escrevia pequenos poemas de batalha e lia-os aos seus amigos. Um dos poemas de Ibo era o seguinte

Aos Nossos Camaradas Mártires De Luta

Foram vocês que deram as vossas vidas pelo nosso povo,

Foram vocês que sacrificaram tudo por este luta.

São vocês que dão a cor vermelha à nossa bandeira que tremula orgulhosamente to nosso peito,

Aqueles que morrem pelo nosso povo são imortais.

Ó, gloriosos filhos do nosso povo, descansai com orgulho e paciência,

Os vossos camaradas continuam a lutar.

O mês de maio continuou

Estávamos ainda no mês de maio, no décimo segundo dia após Deniz e os outros terem dado a vida na forca. A notícia da sua execução chegou de Ancara. Os últimos momentos de Deniz, Yusuf e Hüseyin tinham-se instalado no peito de Ibo, deixando uma vastidão, uma estranha melancolia e raiva.... Naqueles dias, Ibo preparava-se para levar a cabo um plano que há muito tinha em mente.

Nesta altura do ano, alguns jovens pertencentes à "THKO" desta zona foram detidos pelas forças de segurança.

Sinan Cemgil, Kadir Manga e Alparslan Özdoğan morreram no tiroteio. Ibo conduziu então uma investigação nas aldeias vizinhas e recolheu informações dos aldeões sobre o evento que tinha ocorrido na área da aldeia de Inekli.

Depois, tomou algumas notas: “Mustafa Mordeniz, chefe da aldeia de Kahyali no distrito de Kürecik de Akçadağ em Malatya”. Ibo disse que Mustafa Mordeniz era um informante.

Após um longo período de preparação, ele e o seu amigo prepararam uma emboscada e capturaram o chefe da aldeia. Levaram-no para uma gruta que tinham encontrado anteriormente, interrogaram-no e mataram-no a tiro. Depois disso, Ibo voltou a abandonar o distrito durante algum tempo e se mudou para Tunceli. Das montanhas Haydaran, Ali Haydar Yıldız e Muzaffer também foram para lá. Encontraram-se e regressaram aos campos de férias nos planaltos dos Montes Haydaran.

Aqui, Ibo explicou-lhes o caso com o chefe da aldeia, Mustafa Mordeniz:

“Até a data de hoje, os facínoras mataram cerca de 100 revolucionários em nosso país. A maior parte deles dedicava-se apaixonadamente à luta de libertação do povo. O sangue destes filhos aumentou o ressentimento do nosso povo contra a tirania. A nossa tarefa na vida é continuar a luta corajosa e decisiva dos nossos camaradas, todos patriotas. Hoje, o objetivo declarado dos fascistas é sufocar em sangue e fogo as forças organizadas do nosso povo. Para atingir este objetivo, utilizam todos os meios possíveis. Aproveitam-se da miséria do povo; com promessas de dinheiro, encorajam os elementos reacionários que renunciam aos seus lucros e à sua dignidade em troca de moedas para prestar serviços de informador. Tentaram destruir o grupo revolucionário em torno de Sinan Cemgil com a ajuda desses informantes, mas não conseguiram.

O grupo resistiu heroicamente com a sua pequena força nas montanhas de Gölbaşı. Para intimidar o povo, os fascistas despiram os seus cadáveres e trouxeram-nos para Gölbaşı. A imprensa burguesa fez o seu trabalho com fotografias. Alguns dias depois, os denunciante e

os atacantes foram recompensados com dinheiro. Mas a arma nas mãos dos facínoras virou-se contra eles próprios. O povo turco, sobretudo os habitantes da região, que foram duramente testados, desprezaram este ato sangrento. Como trabalho nesta região, vi de perto a reação das pessoas. As pessoas queriam que os tiranos e aqueles que participaram na sua ação fossem punidos.

Decidi respeitar a vontade do povo e, por conseguinte, tomei nas minhas próprias mãos o castigo do chefe de aldeia denunciante, que era o principal responsável pelo derramamento de sangue. Em meados de maio, as pessoas informaram-nos de que o denunciante estava tentando impor-se como chefe da região, que pretendia contratar ajudantes e que estava planejando outros negócios sujos.

1. Verificamos que o chefe de aldeia denunciante foi responsável pela morte de três revolucionários, não por obrigação, mas por dinheiro,
2. Para satisfazer desejos pessoais de vingança, foi feita a afirmação falsa de que alguns aldeões tinham relações com os revolucionários.
3. Insultava abertamente a revolução e os mártires da revolução nos cafés e nas ruas e ameaçava denunciar os aldeões que o repreendessem.

Ibo afirmou que tinham “castigado” Mustafa Mordeniz por estas razões e que tinham explicado o caso à população da região da mesma forma.

Ibo permaneceu durante algum tempo nos planaltos de Haydaran, no distrito de Tunceli, para efetuar trabalho de formação. Discutia novos planos com os seus camaradas, ouvia as suas críticas, tomava notas. Ao mesmo tempo, as forças de segurança, que tinham sabido que Ibo e os seus amigos se encontravam no distrito, revistaram aldeia a aldeia, pedra a pedra. Tudo era vasculhado e, à mínima suspeita, faziam-se interrogatórios com todo o tipo de métodos.

Muitas pessoas foram consideradas “suspeitas” durante estes ataques e foram levadas. Ninguém sabia para onde essas pessoas iam e quando seriam trazidas de volta.

O tenente Fehmi, que contava que um membro da sua família tinha sido morto pelos “insurrectos” durante a revolta de Dersim, não tinha nenhum sentimento de benevolência para com os habitantes. Os métodos que utilizou tornaram-no “famoso” num curto espaço de tempo.

Se encontrava algum vestígio dos revolucionários, virava tudo de pernas para o ar nas casas da zona e enchia as celas de gente.

O Tenente Fehmi e a sua tropa de cerca de 260 soldados ameaçaram até o ar para oficial no distrito de Tunceli. Um sorriso, um amigo, uma mensagem, um convidado, uma carta, tudo tinha de ser contabilizado. As esquadras de polícia recorrem ao espancamento, ao porrete e a todo o tipo de torturas. Centenas de aldeões foram interrogados. Ibo estava na zona com um grupo de amigos. Tinham levado a cabo “ações de ameaça” contra alguns proprietários de terras que intimidavam a população mais pobre. Estas ações espalharam-se imediatamente, eram sussurradas de ouvido em ouvido. Foram rodeados por uma onda de simpatia.

Chegou-se mesmo a falar de uma bomba quente atirada para os aposentos do Primeiro-Tenente Fehmi. As operações de busca no distrito de Tunceli foram intensificadas. As medidas repressivas expandiram-se ainda mais e se tornaram mais intensas.

Capítulo 7

Ibo regressou a Istambul pelo meio. Depois, dirigiu-se para Malatya e depois para Tunceli. De lá, mudou-se para as montanhas de Düzgün. Levou consigo várias publicações, notícias, mapas e equipamento para os seus amigos. Queria que os seus amigos se tornassem ainda mais ativos. Discutiram durante algum tempo sobre problemas gerais e Ibo deu-lhes notícias de outras regiões.

Como viajava há meses, conhecia agora uma grande parte da Anatólia tão bem como a sua própria mão, das margens dos rios às encostas das montanhas, das florestas às aldeias, das nascentes às colinas.

Ibo era um mestre em encontrar o lugar que procurava. Quando descrevia um endereço, era meticuloso como um desenhador. Quem recebesse indicações de Ibo podia ter a certeza de que ele encontraria o local que procurava pelo caminho mais direto e seguro. Se ele próprio estivesse à procura de um lugar, encontrá-lo-ia com uma segurança de blefe. Uma vez, estava à procura de um grupo de amigos, descobriu a zona onde estavam alojados, mas não o local onde estavam acampados. Chegou à aldeia e, após uma breve conversa, perguntou a um aldeão em quem ela confiava.

Não obteve resposta. Não conheciam ninguém, disseram os aldeões. Mas Ibo não desistiu. “Amarrem-me, digam-lhes e, se não me conhecerem, matem-me!”, diz ele. Mas um dos aldeões tinha contado aos jovens que estavam escondidos numa gruta. Eles se deram conta imediatamente que era o Ibo que andava à procura deles. Os aldeões também ficaram felizes por Ibo ter encontrado os seus amigos. Ibo elogiou-os por não terem revelado nada a um estranho e estabeleceu uma relação de amizade com eles. Nas aldeias onde ficou, era especialmente ativo com as crianças, fazendo amizade com elas e brincando com elas.

As crianças também se habituaram imediatamente a Ibo e chamavam-lhe “Ibo, Ez ji devrimcime! (Eu também sou um revolucionário)” quando ele andava. Ibo costumava dizer: “O futuro da Turquia depende da nossa luta. Talvez já não estejamos cá, mas esta luta nunca será esquecida.”

Tal como antes, ajudava os aldeões em todo o tipo de trabalhos quando estava numa aldeia. Era especialmente bom com a foice, embora esta não fosse muito comum nesta zona. Os aldeões observavam com espanto o trabalho rápido e incansável de Ibo com a foice. Noutra aldeia, introduziu uma ferramenta que até então era desconhecida.

Este instrumento se chamava *Ayakçak* (alavanca de pé). Ele fê-lo com erva, amarrou-o ao pé e usou-o para empurrar o trigo para grandes feixes. Os aldeões ficaram maravilhados e encantados com esta nova ferramenta, abraçaram o Ibo, brincaram com ele e começaram a fazer um “*Ayakçak*” para cada um deles, o que é uma característica especial das aldeias da Anatólia.

Noutra aldeia, depois de um longo e cansativo dia de trabalho, sentaram-se para comer numa das casas mais pobres. Ibo e os seus amigos tinham comido pão e queijo durante muito tempo. Agora, havia comida quente e cozinhada à mesa e isso fazia-lhes crescer água na boca.

Pouco antes de começarem a comer, Ibo falou com os seus amigos e disse: “Nestas casas pobres, tudo o que foi preparado costuma vir para a mesa, só não comam tudo, porque o que deixamos é para eles; e se comermos tudo, eles também pensam que não se fartaram de nós e ficam tristes.”

Nesses dias, as forças de segurança intensificaram a sua pressão e estreitaram cada vez mais o círculo em torno do distrito. No entanto, nenhuma das pistas que o Primeiro-Tenente Fehmi tinha seguido até àquele dia tinha dado qualquer resultado. Os aldeões esconderam Ibo e Ali Haydar debaixo de roupas pobres e queriam que lhes levassem a comida.

Aqueles que os procuravam começaram agora a seguir as suas táticas de neve. Pessoas vestidas à civil e com um ar revolucionário entram nas aldeias ao cair da noite. Batem à porta das pessoas pobres e pedem convites: "Somos revolucionários, queremos ficar uma noite e depois vamos embora! Consoante o seu comportamento em relação a estas pessoas, os habitantes tornavam-se mais violentos. Nunca se sabe bem o que pode acontecer a quem e quando.

Em 13 de janeiro de 1973, a força de segurança dirigiu-se para a aldeia de Bostanlar, onde Nazimiye se encontrava, depois de ter recebido uma informação de que ele e os seus amigos estavam lá alojados. No relatório do tenente Fehmi sobre esta operação, ela foi descrita da seguinte forma: Reuni imediatamente uma equipa de perseguição que partiu sob o meu comando. Além disso, a unidade foi alargada de modo a incluir um agente da polícia. Chegamos ao local que nos tinha sido descrito, mas infelizmente um tiro disparado pelo policial por descuido estragou a nossa operação. Regressamos sem qualquer resultado. – Na realidade, houve um “resultado”. As pessoas sussurravam de orelha a orelha o que tinha acontecido em Bostanlar: um agente da polícia vestido à civil tinha batido à porta do pobre agricultor Suleyman Nakış e dito: “– Abre a porta, eu sou um revolucionário, fiquei para trás sozinho!”

E então a casa foi cercada e aconteceu o “descuido” de que o tenente tinha falado:

A bala disparada pelo projétil causou um grave ferimento nas costas de Süleyman Nakış e depois perfurou a cabeça da sua filha de quatro anos por trás. A mulher de Suleyman Nakış fugiu para as montanhas, cheia de medo e confusão, e esteve à beira da morte.

Existia um estado de emergência por lei neste domínio? Ninguém tem o direito de pensar nisso. De acordo com os comunicados oficiais, havia um estado de emergência crítico neste distrito. Mas a prática era diferente. A opressão dói cada vez mais todos os dias. Os únicos que lucravam com o Estado eram os grandes proprietários de terras. Não só os revolucionários, mas todos os que se sentiam ligados aos revolucionários ou demonstravam simpatia, eram tratados de uma forma inimigável.

Ibo tinha passado por Tunceli em meados de dezembro e encontrou-se com os seus amigos da região nas montanhas de Düzgün.

Falou com eles em pormenor sobre a situação. De acordo com os relatórios de trabalho dos amigos, foram tomadas decisões. Uma delas, e a mais importante, foi a de denunciar a opressão e a tirania contra o povo pobre de Tunceli. “Precisamos nos tornar mais ativos e dinâmicos, nós devemos opor-nos à opressão do povo com todas as nossas forças; talvez as nossas forças sejam muito pequenas e acabemos por ceder. Mas um revolucionário não pode ficar calado perante as lamentações do povo”, disse Ibo. A dureza das medidas em Tunceli sobrepõe-se a tudo o resto. A tortura e os espancamentos faziam parte do quotidiano da população. Chegou ao ponto de um homem libertado da prisão com vestígios de tortura grave no corpo se ter dirigido às autoridades sanitárias para obter um parecer sobre a tirania. Corria o boato de que o Ministério Público tinha aberto um inquérito contra o chefe da polícia de Tunceli e o tenente da gendarmaria.

As notícias sobre a opressão e o terror a que a população estava sujeita chegaram à capital, apesar da censura do estado de emergência, e tornaram-se um assunto no Parlamento. Em julho de 1973, H. Yenipazar, deputado de Tunceli no Parlamento, exigiu, no seu discurso, a transferência do comissário da polícia e do tenente da gendarmaria desta região: “Estas duas pessoas têm de ser tratadas por meios técnicos. O seu comportamento no cargo baseia-se apenas numa arbitrariedade total!” Tunceli foi quase cercada por comandos militares. Pelas ruas da cidade, faziam exercício e corriam de tronco nu, entoando marchas como “Os comandos cercaram as montanhas, agora é a vez deles”. Literalmente, o vento do terror soprava pela cidade.

Ali Haydar Yıldız ofereceu-se para denunciar a opressão.

Desceu das montanhas para Tunceli à meia-noite de 2 de janeiro e colocou bombas no gabinete da polícia e nos aposentos...

Em seguida, cobriram os seus rastros nas encostas das montanhas Düzgün. Depois de algumas tentativas, Ibo, Ali Haydar e Hüseyin regressaram a Nazimiye, enquanto Muzaffer e Süleyman foram para as aldeias Haydaran. Antes de se separarem, combinaram um local solitário perto de Mirik, em Vartinik, como ponto de encontro.

Capítulo 8

Depois de Süleyman e Muzaffer terem permanecido nas aldeias Haydaran durante 15 dias, levaram consigo queijo fresco (çökelek) suficiente e mudaram-se para o celeiro perto de Vartinik. Ibo e Haydar estavam nas aldeias de Karakoçan. Falaram com os aldeões da zona e ouviram as suas preocupações.

Os aldeões contaram a estes dois jovens os seus problemas e disseram que um sargento da zona os tinha torturado e atormentado terrivelmente.

– Ele arranca as barbas aos velhos, saqueia-nos, quem não lhe der um suborno, ele bate-lhe; molesta as nossas noivas e as nossas filhas.... – diziam. Os velhos aldeões esperavam a ajuda dos jovens que tinham vindo das montanhas.

Ali Haydar e Ibo assustaram o sargento, que estava a assediar os aldeões, com uma “bomba de aviso”. O sargento encolheu-se e os aldeões respiraram de alívio.

Quatro ou cinco dias depois, Ibo chegou ao celeiro perto de Vartinik com Ali Haydar e Hüseyin. Decidiram ficar aqui escondidos durante algum tempo. No dia seguinte, Süleyman e Ali Haydar saíram do celeiro para ir buscar pão e outros alimentos. Queriam regressar ao fim da tarde. O dia passou, a noite amanheceu. A escuridão desceu e fez-se tarde.

Ibo, Muzaffer e Hüseyin partilhavam o relógio de duas em duas horas. Ibo fez a primeira vigília. Depois, Muzaffar levantou-se para ficar de guarda. Depois de duas horas mais, Hüseyin começou o seu turno.

Ali Haydar e Süleyman atrasaram-se no regresso porque as estradas estavam completamente cobertas de neve e intransitáveis. Por volta da manhã, chegaram ao celeiro. Assobiaram a palavra-chave não muito longe. Não houve resposta do celeiro. Ali Haydar repetiu a palavra-chave. Mais uma vez nada. Quando não ouviram nada do outro lado, ficaram desconfiados e começaram a investigar a zona. Viram gendarmes, o celeiro estava cercado. A escuridão ainda não tinha desaparecido, o dia ainda não se tinha separado da noite.

Era a manhã enevoada de 24 de janeiro de 1973. Ali Haydar e Süleyman dirigem-se a toda a pressa para o celeiro. Os amigos estavam dormindo e ele os acordou. Fugiram. Ali Haydar foi

o último a saltar. As forças de segurança tinham começado a disparar. Ali Haydar atirou a granada de mão que tinha na mão na direção dos atacantes e disparou.

Primeiro, teve de saltar o muro de terra que rodeava o celeiro. Agachou-se e depois saltou para a frente. Estava justo passando o muro quando o fogo o atingiu. Atingiu-o enquanto ele saltava, no ar, e ele caiu.

Os atacantes cercaram-nos num semicírculo. O comandante era o primeiro-tenente Fehmi. Eles cercaram o celeiro pelo lado de Ovacık.

Sob a saraivada de fogo, Ibo e os seus amigos fugiram em todas as direções. Meio a rastejar, meio a correr, Ibo tentou escapar ao tiroteio. Mas escorregou e caiu.

Antes mesmo de os seus joelhos tocarem no gelo, foi atingido por uma bala. Sem se voltar a levantar, caiu. Segurando a arma na mão.

Enquanto a ferida na cabeça sugava toda a força do corpo de Ibo, os endereços no bolso das calças vieram-lhe à cabeça. Com a última das suas forças, mesmo antes de os seus olhos ficarem negros, tirou os endereços do bolso e pô-los na boca. Perdeu a consciência.

Muzaffer, Süleyman e Hüseyin desapareceram na escuridão e foram engolidos pelo nevoeiro. Quando o som veio do celeiro, a gendarmaria foi imediatamente para lá. Dois tinham sido atingidos.

Hüseyin Güngör, que tinha traído o celeiro, segurava uma pena na mão. Disparou contra Ibo e 40 a 50 balas de choque atingiram o corpo e a cabeça de Ibo.

Os gendarmes revistaram os bolsos de Ibo e de Ali Haydar e tiraram-lhes os bilhetes de identidade. Depois os deixaram com os feridos e perseguiram os outros três, que tinham fugido em direção às montanhas nevadas.

Muzaffer começou por se afastar bastante e depois desceu uma encosta íngreme até um riacho. Aí, enterrou-se na neve. Os seus perseguidores começaram por procurar na zona acima da ravina e lançaram uma granada de mão, mas não conseguiram descer. Muzaffer não se mexeu durante uma hora e meia. Depois, saiu e subiu a montanha numa direção diferente. Ficou nas montanhas durante duas noites. Mudou-se para as aldeias de Mazgirt. Escondeu-se aqui durante quase dois meses. Veio para Istambul em março. E regressou a Malatya. Ficou sabendo que os amigos que procurava em Malatya também tinham sido capturados. Partiu e veio para Istambul. Soleyman escapou ao tiroteio, apagou o seu rasto nas montanhas e desceu para Tunceli. Aqui escondeu-se durante algum tempo e depois foi para Istambul.

Ibo tinha sido gravemente ferido, mas estava vivo. Todos os ferimentos que tinha sofrido não eram suficientes para o deter. A neve, na qual ele estava enterrado de bruços, estava constantemente a ficar vermelha, sugando-lhe lentamente o sangue.

Passado algum tempo, voltou a si. Endireitou-se sobre os joelhos e os cotovelos. Verificou as suas feridas. Quando se levanta, o sangue escorre-lhe por todo o corpo. Estava cheio de buracos. As balas de caçadeira estavam cravadas no seu pescoço.

Tinha um ferimento de bala na cabeça. Os papéis com a morada ainda estavam na boca. Ele tira-o e respira fundo. Depois olhou em volta e tentou voltar a si lentamente. Um pouco mais longe, viu o corpo de Ali Haydar estendido na neve. Aproximou-se dele, inclinou-se, mas não conseguiu levantá-lo.

Deitou-se ao lado de Ali Haydar e murmurou qualquer coisa. Jurou vingar-se. E, tropeçando na neve e cambaleando, afastou-se do celeiro. Passadas algumas horas, agachou-se num esconderijo.

Ele estava em Barıkbaşı. O sangue na sua pele estava gelado. Quando tocava numa ferida, uma sensação de ardor percorria-o. A dor. Ele não suportava que Ali Haydar estivesse ali deitado daquela maneira. Eu me perguntava se esse bravo filho do território Haydaran, esse bravo camarada, estava apenas ferido, se ainda estava vivo? Ou será que as balas lhe tinham tirado a vida? Ibo sentiu um sentimento amargo a crescer dentro de si. A imagem de Ali Haydar lhe apareceu diante dos olhos; teve de pensar nos seus olhos que estavam meio abertos quando o deixou. Era como se ele quisesse dizer “levem-me também”. Ibo amaldiçoou a sua fraqueza. Ali Haydar estava agora nas mãos deles. Ibo não podia acreditar que não podia fazer nada; o rosto do seu camarada diante dos seus olhos não podia ser afastado. Os seus cabelos encaracolados e ensanguentados pareciam manchas vermelhas, congeladas nas suas têmporas. Uma das suas mãos estava fechada num punho com um pulso magoado, um dos seus braços estava ensanguentado até a articulação do ombro. Depois, Ibo pensou em Muzaffer e Süleyman. Terão eles escapado? Ou tinham sido crivados de balas e 1 tinham deixado este mundo? Cada um dos seus camaradas, com quem tinha dormido junto, há poucas horas, para não congelar, estava agora noutra lugar, entre lobos e pássaros, no clarão das armas, atrás das montanhas.... Ibo pensava e ouvia os seus pensamentos no frio da manhã. O céu tinha-se aberto e as nuvens brancas tinham desaparecido no horizonte. A voz de Ali Haydar lhe soa nos ouvidos. Ele olha à sua volta. É como se pudesse ver ele.

Capítulo 9

Ali Haydar ocupou um lugar importante na vida e no trabalho político de Ibo. Ali Haydar simbolizava para Ibo o camarada do povo. Por detrás de cada uma das suas idiossincrasias, escondia-se a visão do povo anatólio. Como se a vida de um povo tivesse adquirido um significado especial para ele. Estas qualidades fizeram de Ali Haydar uma espécie de figura de orientação. Aprende muito com ele. Ouvia-o durante horas, deixando-o contar-lhe a sua infância, a sua juventude e as dificuldades do povo da sua terra natal. O pai de Ali Haydar era um homem da aldeia de Ruşnik, no distrito de Tunceli. Cresceu como órfão e mais tarde foi acolhido pelo clérigo Molla Yusuf (Erdoğalanlar), que vivia na aldeia de Rıçık, no distrito de Mazgirt. Ele foi inscrito no registo da aldeia como seu filho. Depois de Molla Yusuf ter sido destacado para a aldeia de Ertuhan, perto de Palu, mudou-se para lá com ele. Trabalhava com o seu pai adotivo e ganhava dinheiro extra como vendedor de água ou como trabalhador temporário nas estradas de ferro estatais.

Durante os dias da revolta de Dersim, em 1938, a maior parte dos seus familiares e amigos morreram. Durante esses dias, foi testemunha de acontecimentos terríveis; viu familiares mortos por baionetas, crivados de metralhadoras, mortos boiando no rio Munzur. Ele próprio também sofreu muitas agonias. Dois anos após a revolta de Dersim, foi convocado para o serviço militar e, após três anos de serviço militar, casou-se com Güzel, da aldeia de Kıl, em Nazimiye. Ali Haydar nasceu como o quarto filho desta família na aldeia de Erhuran-Palu. Tinha apenas um ano de idade quando a sua família emigrou para Elazığ. Concluiu a escola primária na aldeia de Hüsenik, na província de Elazığ. Mesmo nessa idade, destacava-se entre os seus colegas e também entre os mais velhos devido à sua energia e inteligência. Estudou o ensino básico e secundário em Elazığ. Os seus amigos amavam-no e respeitavam-no porque era altruísta, resistia à injustiça e ajudava os fracos. Ali Haydar lia avidamente romances desde os tempos do liceu, procurando formas de narrar a dor que ele próprio tinha visto. Transmitia imediatamente os romances que tinha lido aos amigos, contagiando-os com o seu entusiasmo e a sabedoria que tinha absorvido, e regozijando-se quando eles partilhavam os seus sentimentos. Foi o primeiro a apresentar Yaşar Kemal e Fakir Baykurt a muitos dos seus amigos. Para além destas proteções emocionais contra a injustiça, nos anos do ensino secundário tinha vontade de lutar pela justiça. Ainda não tinha uma compreensão política

madura, mas no seu pequeno mundo já tinha travado muitas batalhas pela justiça. Terminou o liceu em 1969-1970 e veio para Istambul. Em pouco tempo, passou a fazer parte da juventude revolucionária. Os sentimentos e desejos que carregava desde a infância assumem uma dimensão política. A persistência dos seus pontos de vista acelera o seu desenvolvimento político. Em fevereiro do mesmo ano letivo, a polícia civil prende-o em Laleli sob falsas acusações.

Permaneceu nas câmaras de tortura durante 48 horas. De seguida, foi detido e permaneceu na prisão durante quase um mês.

Após a sua libertação, começou a sua amizade com Ibo e tornou-se um dos seus camaradas de armas. Assumia de bom grado trabalhos difíceis, era paciente, fazia bom uso do seu tempo, lia constantemente, cumpria todas as tarefas que lhe eram atribuídas, enfrentava as críticas, sabia agitar-se, sacrificava-se e fazia amizade natural e facilmente com pessoas do povo, era combativo e sabia guardar segredos... Com todas estas qualidades, era um modelo para os seus camaradas de armas.

Num esconderijo nas montanhas nevadas, onde Ibo se encontrava depois de ter fugido do celeiro, as virtudes do seu querido amigo Ali Haydar não paravam de lhe vir à cabeça. A ideia de Ali Haydar a sangrar até a morte na neve fez com que Ibo sentisse que lhe estavam a tirar o braço direito. Ali Haydar o tinha guiado por todas estas encostas. Tinha-lhe contado a história da região de Haydaran. A história destas montanhas...

Sobre a invasão das tropas em Haydaran em 1938, a fuga de todos os habitantes de todas as idades para as montanhas, os tiros que há anos soam nestas montanhas, vindos da zona de Demenan, sobre o fato de haver sangue em vez de água nas quedas do rio Laç... O querido camarada de Ibo, que lhe tinha contado tudo isto, era agora um só com as montanhas e as pedras. Ali Haydar, que tinha crescido na dor, não era alguém que pudesse ser substituído tão facilmente. Tinha crescido com as histórias dos antigos, que falavam de sofrimento sem fim.

O seu destino era que as populações dos vales Harçik e Kıl, a aldeia de Çukur, as montanhas Halis e Mazgirt, estivessem firmemente ancoradas no seu coração. Tinha crescido nesta terra, que estava cheia de sangue desde o vale do Zilan até aos picos do Ararat. Passado algum tempo, os esquadrões que perseguiam os fugitivos desistiram da busca e regressaram ao celeiro. Aí, perceberam que, dos dois que tinham sido atingidos, um ainda estava vivo. O outro, porém, deixou um rasto de sangue atrás de si e desapareceu nas montanhas. O primeiro-tenente Fehmi praguejou para si próprio.

Procuraram na zona durante algum tempo. Depois voltaram ao corpo de Ali Haydar. Amarraram-no e arrastaram-no de Vartinik até ao vale de Kutu. Um dos soldados que participou na operação disse ao procurador que amarraram o corpo, puseram-lhe um pau por baixo e levaram-no para a esquadra de polícia do Vale de Kutu, arrastando-o.

Há também outros rumores de que Ali Haydar soltou suspiros profundos quando uma corda foi atada ao seu pescoço e começou a ser puxada; ele só teria perdido a vida no caminho. Quando Ali Haydar chegou à esquadra da polícia, o seu corpo estava congelado. Durante dois dias inteiros, Ibo permaneceu encolhido no seu esconderijo, sem comer nem beber, e continuou a falar. Não se atreveu a aproximar-se dos aldeões.

Os pés e as mãos ardiam, sinais de um frio que se aproximava. Finalmente, decide descer até uma aldeia. Tropeçando e caindo na neve, chega a uma aldeia de montanha. Por causa do terror que reinava na zona, os aldeões afastavam-se desta pessoa ferida e exausta. Ibo disse-

lhes que tinham razão em ter medo e que um dia o terror acabaria definitivamente. Estava completamente exausto, mas não queria ser um fardo para os aldeões. Por isso, reuniu as suas últimas forças e dirigiu-se para as montanhas. Depois de algumas horas, chegou a outra aldeia e entrou.

Os aldeões acolheram-no. Uns aqueciam o forno, outros traziam-lhe água, outros faziam-lhe comida e outros ainda tratavam suas feridas.

Depois de ter comido, deram-lhe sapatos novos, puseram-lhe pomada nas feridas e calçaram-lhe meias de lã.

Um a um, vieram olhar para o hóspede ferido que se tinha refugiado na sua aldeia. Queriam que ele recuperasse o juízo o mais depressa possível e regressasse às montanhas.

Mais tarde, alguns agricultores acolheram Ibo no seu seio e levaram-no para uma gruta a três ou quatro horas de caminho. Ali deram-lhe de comer, desejaram-lhe sorte e foram-se embora. Ibo ficou na gruta durante dois dias. Sob o frio cortante, as picadas nos seus pés intensificaram-se e a sua garganta apertou-se. A gruta estava gelada por todos os lados. No final do segundo dia, abandonou-a e desceu para outra aldeia. Era noite e só se viam as montanhas cobertas de neve a apontar para o céu. Coxeando com dificuldade, Ibo entra na aldeia. Por causa do terror, que nos últimos tempos tinha assumido proporções cada vez mais insensatas, os habitantes estavam sozinhos. Ibo não os pressiona, não lhes pede nada e deixa a aldeia. Era o quinto dia após o ferimento. O ardor das feridas tinha-se espalhado por todo o corpo. Já não conseguia virar a cabeça. A dor no pé transforma-se em dormência. Na manhã seguinte a essa noite passada na neve, na escuridão perto da aldeia, a luz do dia quebrou um pouco o frio gelado e ele pôs-se de novo a caminho. Estava decidido a caminhar, custasse o que custasse. Colocaria toda a sua força nas pernas, deixaria esta região, encontraria os seus camaradas noutra zona e recuperaria. Caminha, faz uma pausa e pensa como descobrir onde pode passar a noite, onde está e como proceder. Quer pedir indicações numa aldeia. Encontrou um aldeão, pediu-lhe ajuda e perguntou-lhe como chegar ao bairro para onde queria ir. O homem levou Ibo a uma casa. O professor da aldeia era um reacionário fanático.

Capítulo 10

Este notório agente reacionário chamado Celal tratou İbo como um bilhete de loteria. O aldeão, a quem Ibo tinha pedido indicações, levou-o para casa e foi informar o professor. O professor correu imediatamente para casa, olhou para o homem ferido que tinha vindo para a aldeia e fechou a porta do quarto.

Com uma voz cansada e exausta, Ibo disse-lhes que não o denunciassem, que era um revolucionário, que o deviam deixar ir, mas que não podia tentar fugir ou defender-se porque não tinha mais forças.

Em todas as aldeias vizinhas se sabia que um homem ferido tinha escapado do celeiro perto de Vartinik. Todos os reacionários da região estavam ansiosos por ganhar o grande prêmio. Além disso, havia agentes espalhados por todas as aldeias. Dizia-se que quem encontrasse o fugitivo receberia uma grande recompensa.

Todos os reacionários e agentes procuravam por toda a parte este “pão ensopado de sangue”. O tenente Fehmi, comandante das forças de segurança da operação Vartinik, tinha enviado a mensagem de que todas as forças deviam ser mobilizadas para encontrar o ferido que tinha fugido.

O seu relatório afirmava: Foi determinado que o anarquista morto tinha o nome de Ali Haydar Yıldız. No entanto, estamos particularmente interessados no anarquista que fugiu no seu estado ferido. Depois de concluída a autópsia do anarquista que tínhamos morto e os procedimentos relacionados, organizamos várias equipas e fizemos uma busca intensiva na mesma zona. Avisei os meus homens de confiança nos arredores.

Além disso, as fotografias dos anarquistas que me foram enviadas pelo Serviço Nacional de Segurança foram transmitidas aos confidentes da polícia secreta. Na manhã de 24 de janeiro, a unidade sob o meu comando encontrava-se na esquadra de Gökçe. O nosso representante Hüseyin Güngör, de Mirik Bett, informou-nos que...

E o Primeiro-Tenente Fehmi cercou a aldeia com uma grande força de segurança. Ele parou à porta do quarto com grande entusiasmo. Ibo estava deitado no chão da sala. – Tu és o İbrahim Kaypakkaya, não és? “Se sabes, por quê perguntas?” Ibo respondeu com uma voz que saía como uma faca do seu corpo ferido. Depois, o tenente perguntou a Ibo como é que ele tinha

escapado. Simplesmente não podia acreditar que Ibo lhe tivesse escapado por entre os dedos. “Fugi como devia ter fugido para me afastar de um fascista como tu.” Amarraram o Ibo e levaram-no para o ribeiro do Kutu.

A ribeira de Kutu situa-se entre as aldeias de Mizik e Gökçe. Um riacho com água gelada serpenteia no meio. Durante uma hora e meia, passearam o Ibo ao longo da margem.

O caminho passava algumas vezes pela água. A água gelada fez com que os pés doridos de Ibo ficassem completamente dormentes. Depois, amarraram Ibo atrás de um jipe. Um oficial não comissionado da força, Mehmet Demir, disse no seu depoimento que obrigaram Ibo a caminhar desde a aldeia de Mirik até a esquadra da polícia em Gökçe.

O primeiro protocolo de comunicação do Ibo foi elaborado imediatamente no distrito de Gökçe. As roupas de Ibo estavam sujas e cobertas de sangue; ele estava ferido, cansado e com fome. Mas não se curvou. Com um olhar exausto mas implacável, observava as pessoas que o tinham apanhado e trazido para aqui e os outros gendarmes que, assustados, andavam de um lado para o outro. Depois, quiseram recolher o seu depoimento.

Levaram-no para a sala de interrogatório. Queriam pô-lo a falar o mais depressa possível, queriam tudo a preto e branco. Ibo foi bombardeado com toneladas de perguntas. Ibo respondeu às suas perguntas de forma breve e sucinta. Mas não eram as respostas que eles queriam. Repetiram as perguntas, Ibo repetiu as suas respostas. Finalmente, registaram as respostas de Ibo de acordo com o seu próprio entendimento e estilo, como se segue:

"Sou um revolucionário e, enquanto revolucionários, nunca escondemos nada sobre questões políticas. Expressamos as nossas opiniões livremente. Mas não falamos das atividades da nossa organização, dos amigos que acreditam em nós dentro da organização e das pessoas e grupos que não fazem parte da organização mas que nos ajudam. Não falamos sobre isso e, por essa razão, não direi nada sobre as atividades da nossa organização. Como não sou membro de nenhuma organização, não há nada que possa dizer sobre as atividades organizadas. Como revolucionários, queremos libertar a população mais pobre da exploração da grande burguesia, dos imperialistas colaboradores e dos grandes proprietários de terras, os trabalhadores, os sem-terra e os pequenos artesãos e comerciantes da classe média, bem como a ala revolucionária da burguesia nacional da libertação da exploração e da tirania. Foi por isso que cheguei até aqui. Como revolucionários, confiamos em primeiro lugar e acima de tudo na classe trabalhadora. Em segundo lugar, confiamos nos agricultores sem terra e depois, por sua vez, nos médios agricultores, nos pequenos artesãos e nos empresários. Vim para cá com estes ideais, sobretudo para educar os agricultores sem terra. Mas como sou um completo desconhecido nestes círculos, não conseguí entrar em contacto com ninguém. Há duas semanas, chegamos ao ramal de Vartinik, na aldeia de Gökçe, onde entramos em confronto com a gendarmaria. Instalamo-nos num celeiro abandonado perto de Vartinik. Não sei quem nos levou comida para lá e também não conheço as pessoas com quem lá estive. Mesmo que as conhecesse, não diria os seus nomes. O nosso objetivo é mobilizar os camponeses pobres e médios, bem como a classe média, para salvar os comerciantes e empresários das aldeias das mãos dos inimigos do povo, entre os quais incluímos particularmente os grandes proprietários de terras, a grande burguesia e os imperialistas que colaboram com os países estrangeiros. Queremos, portanto, dissolver estas três forças e socializar todos os meios de produção. Há diferentes formas de o conseguir. Se não for possível levar este povo ao poder como um todo

através do esclarecimento político, então é inevitável e natural usar a força. Há vários exemplos disso na história. Na nossa opinião, a Revolução Francesa de 1789 foi uma revolução burguesa. Em 1917, a burguesia foi destruída e o poder ficou inteiramente nas mãos dos trabalhadores. Uma vez que não é possível, na Turquia atual, difundir esta ideologia ou estabelecer esta ordem social através de meios legais, e uma vez que não nos é concedido o direito de viver, fomos obrigados a deslocar-nos para as montanhas e a emprender a luta armada. Por conseguinte, consideramos justificado o uso de armas para combater as três forças mencionadas, que consideramos serem os nossos adversários. Eu estava dormindo em Vartinik no início do confronto; os tiros me acordaram e nós quatro tentamos fugir. Não sei nada sobre o paradeiro dos meus amigos. Não tinha nenhuma arma comigo e, por essa razão, não disparei contra a gendarmaria. Quando saí do celeiro em Vartinik, tinha um pedaço de pão no meu saco. Com esse pão, sobrevivi nas montanhas entre os dias 24 e 29. Passei a noite na neve. Por fim, fui para uma aldeia que não conhecia e lá fui preso. Por ter passado a noite na neve, as minhas mãos e pés congelaram e incharam. Como disse acima, não conheço as pessoas com quem estive. Mesmo que as conhecesse, não diria os seus nomes. Ficamos na casa durante cerca de duas semanas. Deram-nos pão e outros alimentos, mas não sei de onde vieram. Perdi os meus amigos na luta; não nos voltamos a encontrar. Compramos os cobertores onde dormíamos de pessoas que não conhecíamos. Não conheço os amigos da organização e não mencionaria os seus nomes se os conhecesse. Como já foi dito, a nossa intenção e objetivo é socializar todos os meios de produção”.

Recusou-se a responder a algumas perguntas. Verificou-se que trazia na cabeça um boné castanho com a parte de cima rasgada e remendada, uma *parka* militar larga, por baixo um casaco, uma camisola e outras peças de vestuário, e que trazia três pares de calças sobrepostas, nos pés meias brancas de lã, do tipo que se tricotam à mão nas aldeias locais, cobertas por um par de meias de nylon e um par de botas de borracha, tamanho 45, da marca Çelik.

O Primeiro-Tenente Fehmi Altunbilek, comandante da Gendarmaria Central, recebeu instruções para assegurar que fosse tirada uma fotografia da pessoa detida, que seria entregue aos nossos agentes juntamente com o negativo.

O protocolo foi lido e assinado em 29. 1. 1973

Capítulo 11

Nessa noite, Ibo foi torturado durante horas. Ele cedeu à força. Isto passou-se seis dias após o confronto em Vaninik. Tinha passado cinco noites entre pedra e rocha e, no dia da sua detenção, foi primeiro obrigado a caminhar durante horas em estradas geladas e depois interrogado. Depois do interrogatório, prenderam-no. O seu estado de exaustão não os impediu de o insultarem, de lhe darem pontapés ou murros. Queriam que ele se rendesse. Mas, apesar de tudo, Ibo não se rendeu. Não dava as respostas que eles queriam às suas perguntas, por vezes ficava em silêncio, outras vezes desafiava-os. Estava ferido há dias. Agora estava nas mãos deles, acorrentado. Perante o olhar de Ibo, ainda sentiam que não tinham conseguido capturá-lo e sentiam-se zangados.

Desmaiou sobre o betão nu. Com as dores lancinantes dos pés congelados, Ibo passou a noite de 30 de janeiro ferido e sem dormir na esquadra da polícia de Gökçe.

Na manhã seguinte, levaram-no para Tunceli, sob a “supervisão” do tenente Fehmi, e passaram lá a noite. Depois levaram-no para Elazığ.

Muitos entusiastas da tortura e inimigos do povo sabiam da fama de Ibo e estavam desejosos em vê-lo. Foi um dia de festa para eles quando Ibo foi trazido para Elazığ.

Um a um, eles vieram e descarregaram o seu ódio no corpo dorido de Ibo. Um batia-lhe, outro o insultava, outro batia-lhe e outro o acorrentava. Ibo enfrentou-os a todos com palavras corajosas.

Os carrascos viram com medo os olhos verdes de Ibo, que os olhavam fixamente por baixo do seu cabelo louro. Evitaram o seu olhar, de alguma forma incapazes de suportar o fato de não se sentirem nada perante Ibo.

Ibo passou uma noite em Elazığ e foi depois levado para Diyarbakır, novamente sob a supervisão do primeiro-tenente Fehmi.

Para onde quer que fossem, o tenente Fehmi pavoneava-se com a sua presa inestimável e valiosa. Em Diyarbakır, entregou-a a Ibo Yaşar Değerli, o procurador da Administração do Estado de Emergência.

Yaşar Değerli esperou por Ibo com curiosidade. Foi levado para o seu gabinete, onde uma multidão o aguardava e o enchia de perguntas:

“Vá lá, admite, és o Aşur, és o Hamza, és o Haydar, és o Musa, és o Mustafa... Digam, vamos arrancar-vos isso...”

Ibo escutou o seu rugido sem dizer uma palavra. Esta pessoa cuja fama se tinha espalhado de aldeia em aldeia sob todos estes nomes durante meses, esta pessoa que eles simplesmente não tinham conseguido apanhar, estava agora diante deles. Mais tarde, mandaram Ibo entrar num carro blindado. O carro parou na rua Ziya Gökalp, em frente ao centro de tortura de Diyarbakır. O procurador Yaşar Değerli era a favor de o interrogar imediatamente (!). Era de opinião que, na melhor das hipóteses, se poderia extrair um depoimento do Ibo neste estado. Mas um dos agentes disse que o estado de Ibo era grave e que ele poderia morrer se continuassem a fazer-lhe mal. Trocou algumas palavras com o procurador e foi decidido enviar Ibo para o hospital da prisão.

Levaram Ibo para o hospital militar de Diyarbakır, deitaram-no na cama de um quarto e acorrentaram-lhe as mãos e os pés à estrutura da cama.

Era a primeira vez desde 24 de janeiro que Ibo se encontrava num quarto e numa cama. Sentia como se todos os seus músculos se estivessem a soltar. Os braços, as pernas, o pescoço doíam-lhe como se estivessem a ser arrancados, como se a pele lhes estivesse a ser arrancada. Todo o seu corpo parecia apodrecido. Estava acorrentado e não se podia virar. Só quando lhe trouxeram a comida é que lhe desataram a mão. Fatma Erez, uma professora de Siverek, estava deitada no quarto ao lado.

Conseguia ouvir a voz de Ibo do quarto ao lado, onde nem um pássaro conseguia passar. Reparou que o procurador público visitava Ibo com muita frequência. Uma vez, ouviu o procurador a gritar com o Ibo: Serei eu a matar-te; a tua morte virá das minhas mãos! Ibo respondeu: “Não tenho medo de ti, nem dos teus superiores, nem da morte”.

Nestes dias, os noticiários do rádio têm estado repletos de mortes, sangue, buscas e detenções. Um boletim noticioso informava que “Ali Haydar Yıldıız foi encontrado morto e Ibrahim Kaypakkaya foi encontrado ferido no celeiro de Vartınık, na zona de Mirik, no distrito de Tunceli”.

No fresco da manhã de 20 de maio, o ônibus aproximava-se no asfalto úmido e orvalhado do destino Diyarbakır. O condutor tinha o rádio ligado. Ali Kaypakkaya acorda de repente. O rádio dá notícias. Olhou pela janela. A claridade tinha levantado a cortina de nevoeiro e revelava o rosto da terra que ressurgia em maio. Alguns dos viajantes começaram a falar sobre as notícias. Ali Kaypakkaya pensa no dia em que, há meses, ouviu na rádio a notícia da prisão do filho.

De repente, sentiu-se tonto. Gritou e desmaiou. Se ao menos o Ibrahim tivesse morrido também, murmurou. O que é que estás a dizer? perguntaram-lhe os vizinhos e ele respondeu: Agora vão mandá-lo para a morte dez vezes mais. Vão fazer-lhe perguntas sem fim. Eu conheço-o, ele não vai abrir a boca. Vão arrancar-lhe a alma para o obrigarem a falar...

Os vizinhos tentaram acalmá-lo. “Não te preocupes, enquanto ele estiver vivo, ainda há esperança”, disseram-lhe. Mas Ali Kaypakkaya conhecia o seu filho. Uma vez, quando o filho lhe falou dos revolucionários do Vietnã, ou da Coreia, bem, algures por aí, pelo menos tinha-lhe falado de um homem que, para não revelar nada à polícia, se tinha posto num estado em que já não conseguia falar.

E depois disseram na rádio que o Ibrahim tinha sido ferido. Foi noticiado uma vez e depois não foi mais. Agora, uma pessoa aborrecida estava fazendo um discurso aborrecido. Ali Kaypakkaya teria dado um olho para voltar a ouvir a mesma notícia. Talvez algumas palavras lhe tenham escapado no seu espanto inicial.

Por muito que tentassem, os seus vizinhos não conseguiram acalmá-lo. Na manhã seguinte, Ali Kaypakkaya se dirigiu imediatamente ao seu local de trabalho e pediu licença. A licença não lhe foi concedida. Como último recurso, dirigiu-se ao médico. No caminho para o hospital, comprou um jornal e leu repetidamente as poucas linhas da mensagem.

No hospital, falou abertamente com o médico. Aponta para o jornal. Aqui, disse ele, este é o meu filho. Em Tunceli, envolveu-se numa disputa com os gendarmes; o seu amigo foi morto e ele próprio ficou ferido. Tenho de saber o que aconteceu, onde é que ele está agora, se está vivo ou morto. Gostaria que me pusessem de baixa por uma semana...

O médico ficou em silêncio, pensou um pouco, e depois deu-lhe baixa por doença durante uma semana. Após a visita do médico, Ali Kaypakkaya foi diretamente para o comando da 28ª Divisão da Administração do Estado de Emergência. Mandaram-no falar com um coronel. Este ouviu o que Ali Kaypakkaya tinha para dizer e começou a rir. “O que é que isso te interessa? Ainda te preocupas com uma criança destas?” disse ele, “para onde queres ir com este frio? Prefiro não ter nenhum filho do que ter um assim...” Sem dizer uma palavra, Ali Kaypakkaya foi embora. Este primeiro contato com a administração do estado de emergência já lhe tinha ensinado muita coisa.

Dirigiu-se a Kızılay, a principal estação de correios, e disse ao balcão que queria telefonar para Tunceli. O funcionário perguntou-lhe qual o número que queria em Tunceli. O quartel-general da gendarmaria distrital, respondeu ele.

Capítulo 12

Assim que a ligação foi feita, um soldado da gendarmaria responde do outro lado. A sua voz era ininteligível. “Ouvi dizer que Ibrahim foi capturado ontem em Tunceli”, disse Ali Kaypakkaya, “sou o pai dele. Peço-te por todo o mundo, tu também tens pai e mãe; onde está Ibrahim agora, está gravemente ferido?” – “Só um momento, tio”, interrompeu o soldado. Depois ouviu a voz de outro soldado que lhe disse que Ibrahim tinha sido ferido no pescoço e no ombro, que tinha os pés congelados e que tinha sido levado para Diyarbakır. Por fim, Ali Kaypakkaya perguntou “É necessário que eu vá para lá?”, ao que o soldado respondeu: “Seria bom se pudesse”. No mesmo dia, Ali Kaypakkaya apanhou o trem às 20 horas. Saiu na estação de ônibus de Diyarbakır. Não conhecia a cidade. Depois de vagar durante algum tempo, encontrou um policial e disse-lhe que era o pai de Ibrahim. Depois perguntou-lhe onde podia encontrar o filho. O policial respondeu-lhe com rispidez: – Há miniônibus que vão para lá. Desce em Dagkapı! Depois de ter perguntado várias vezes, encontrou o hospital. Os soldados montavam guarda à entrada. Ali Kaypakkaya queria entrar com outros visitantes. O guarda pede a todos os documentos de autorização. Pediu também para ver os documentos de Ali Kaypakkaya. Quando Ali Kaypakkaya disse que não tinha nenhum, perguntaram-lhe: “Quem é que quer ver?” Ali Kaypakkaya deu o nome do seu filho e, no mesmo instante, o guarda: “...Não te mexas!” Apontou-lhe a arma. – Se te mexeres nem que seja um dedo, não quero ser eu se não disparar!” “Irmão”, respondeu Ali Kaypakkaya, “não me agarraste nas montanhas e trouxeste-me para aqui. Vim por minha conta para perguntar pelo meu filho. Está vivo, está morto? Onde é que ele está agora? Foi isso que vim saber. Mesmo que me gritem assim, digam ‘vai-te embora’, eu não vou. Mas mesmo assim, se quiseres, dispara!!!” O soldado dirige-se para a casa da guarda, virando-se constantemente para olhar para Ali Kaypakkaya. Ele estava a tremer por todo o lado. Falou qualquer coisa para o telefone e pôs-se de imediato à frente de Ali Kaypakkaya. “Estou aqui, não vou embora”, tentou Ali Kaypakkaya acalmar o soldado. Passado pouco tempo, chegou um veículo militar, do qual saíram dois soldados e um sargento... “o que é que se passa?”, perguntaram. “...Ali, meu comandante, é o pai do anarquista...”. O guarda informou e apontou para Ali Kaypakkaya. O

sargento ouviu as preocupações de Ali Kaypakkaya e depois disse: “Não podemos deixar que o vejam. Vai ao Ministério Público e pede uma autorização.”

“Então venham cá. Se a pessoa que procuram estiver aqui, nós deixamos-vos vê-la. E agora não façam mais perguntas...” Ali Kaypakkaya sai do recinto do hospital e dirige-se ao comando do estado de emergência. No portão de entrada, 5 a 6 soldados limpam a neve sob a direção de um sargento.

Aproxima-se do sargento e mostra-lhe a sua preocupação. “Irmão, se eu fosse a ti, não entrava aí! Eles vão interrogar-te, talvez até te mantenham lá, vais ser torturado.” “Estou pronto, mesmo que me matem, deixem-me ir ter com o procurador.” Ali Kaypakkaya disse. “O mais importante é que me deixem ir ao procurador.” O sargento chamou um dos soldados e disse-lhe qualquer coisa. O soldado pegou na sua arma. Atravessaram então o portão principal, Ali Kaypakkaya à frente e quase 10 metros atrás dele o soldado com a arma na mão. Depois entraram num escritório. Ali Kaypakkaya apresentou o seu pedido a um tenente magro e louro. Acompanhado pelo tenente, Ali Kaypakkaya foi conduzido a outro gabinete. Ao entrar, o tenente assumiu a sua postura. Na mesa da sala estava sentado um homem baixo, moreno e magro, que folheava um caderno de apontamentos. Quando viu o tenente, levantou a cabeça. “Este amigo veio pedir permissão”, disse o tenente. “Que autorização?”, pergunta o homem. Ali Kaypakkaya começou a apresentar-lhe também o seu pedido, mas assim que o nome Ibrahim foi mencionado, o homem levantou-se e começou a gritar: “Então, é o pai deste anarquista? O pai do bandido?”

“Mesmo que ele seja um anarquista ou um bandido, tu sabes o que um pai, uma mãe pode passar. Só quero saber como está o meu filho, mais nada. Está vivo, está morto? Eu quero ver isso. Gostaria de ter a vossa autorização para o fazer”, respondeu Ali Kaypakkaya. O homem interrompeu-o, gritando: “Tenho de o manter aqui; preciso da sua declaração...”. Ali Kaypakkaya continuou, desanimado. “Faz o que achares necessário; eu só quero ouvir a voz dele uma vez, fala com ele ao telefone; diz-lhe que o pai dele chegou e, enquanto falas, eu só quero ficar aqui a ouvir por trás, é tudo o que quero...”

“Não vou ajudar um anarquista, um salteador, um bandido como este!” Depois fez sinal ao tenente, que conduziu Ali Kaypakkaya para fora da sala. Ali Kaypakkaya regressou ao portão principal com o soldado que o tinha trazido. Ali agradeceu ao sargento e saiu.

Falou com algumas pessoas na rua. Cada um dos moradores que ouviu as suas preocupações calou-se, ficou triste e quis ajudar.

“Quando se entra em Diyarbakır, há uma mesquita à direita e um posto militar à esquerda”, disse alguém. “Há celas perto da mesquita, o teu filho deve estar lá.”

Estas palavras foram uma réstia de esperança para Ali Kaypakkaya. Dirigiu-se ao local que lhe tinha sido descrito e falou com o soldado de guarda: “O meu filho devia estar aqui nas celas, em algum lugar aqui. Está vivo, está morto, como é que ele está? Pode dizer-me alguma coisa?”

“Tio, disse o homem de guarda em voz baixa. Se eu deixar o meu guarda aqui e for ter com o guarda perto das celas, isso não vai resultar. É lá que está a polícia, é lá que se fazem os interrogatórios. Se eles me virem te ajudando, será a minha vez e o meu tempo de serviço militar será prolongado. Por favor, não insista...”

Quando Ali Kaypakkaya já não tinha nenhuma esperança de ver o filho, começou a procurar um advogado na cidade. Finalmente encontrou um e começou a falar. O advogado ouviu o

que ele tinha para dizer e respondeu: “Mesmo que me dê 10.000 liras, não posso ir perguntar pelo seu filho. O interrogatório ainda não terminou, os ficheiros ainda não foram libertados.”

Com a cabeça confusa e os pensamentos nublados, Ali Kaypakkaya começou a andar por Diyarbakır. Viu uma placa: Escritório da THA na Região Sudeste. “É um jornal, alguém deve saber”, pensou e entrou.

Um homem gordo aproximou-se dele. Depois de ter ouvido as palavras de Ali Kaypakkaya, disse-lhe com raiva: O que é que me interessa se és o pai de Ibrahim? “Senhor, não quero seduzi-lo para nada; não quero nada de si que viole as regras. Sabe alguma coisa sobre o meu filho? É isso que estou a pedir”.

O homem gordo da agência de notícias ficou com pena e disse que tinha visto Ibrahim dois dias antes. O teu filho está vivo, disse ele. “Mais duas pessoas foram detidas ontem por o terem ajudado. Não sei de mais nada. Temos de publicar o que a administração do estado de emergência nos diz. Não nos é permitido investigar”.

Diyarbakır tinha acabado, não havia mais nenhum sítio para onde ir. Tinha chegado a 50 metros do filho, mas não o via. Deixava-o entre as muralhas e regressava a centenas de quilômetros de distância.

No caminho, entraram no ônibus alguns prisioneiros. Estavam dois gendarmes com eles.

Um dos gendarmes era de Amasya. Ali Kaypakkaya disse que era de Çorum. Falaram entre si em frases curtas. Depois, o gendarme perguntou-lhe porque tinha vindo para Diyarbakır. “O meu filho está preso”, respondeu Ali Kaypakkaya. Quando também perguntou o nome do filho, um dos gendarmes observou: “Então é o pai deste anarquista!” e o de Amasya disse: “Deviam ser todos postos à frente da arma.” Depois, as pessoas no ônibus começam a mexer-se. Alguns dos viajantes, que estavam acompanhando a conversa sem dizer uma palavra, levantam-se. “Sabe ao menos de quem é o jogo que está fazendo aqui?”, gritam ao gendarme de Amasya. Outros viajantes intervieram e acalmaram as pessoas que estavam a discutir. De seguida, os passageiros expressam ao mesmo tempo as suas condolências a Ali Kaypakkaya: “Vai correr tudo bem; não fiques triste, tio. Em breve estarão juntos de novo”.

Com o coração preocupado com o filho, Ali Kaypakkaya regressou a casa. Já estavam à espera dele em casa. Amigos e familiares tinham ouvido falar de Ibo e tinham vindo da aldeia.

Capítulo 13

Nessa altura, Ibo estava deitado numa sala das traseiras do hospital militar, a cujo portão o seu pai tinha chegado. As suas mãos e pés estavam acorrentados.

Primeiro, o ferimento de bala na cabeça foi tratado e enfaixado. Numa operação, foram retirados alguns dos projéteis de caçadeira que o informante lhe tinha disparado no celeiro de Vartinik, que tinham penetrado em 40-50 locais do seu corpo.

Já não sentia os pés. Parecia que já não lhe pertenciam, que tinham caído.

O Procurador Yaşar Değerli estava ansioso por tirar Ibo do hospital o mais rapidamente possível e interrogá-lo. Os médicos disseram-lhe que Ibo estava muito ferido e queriam que ele ficasse mais tempo no hospital. Foi por isso que o procurador Yaşar Değerli teve de se contentar em redigir uma sentença declarativa nos primeiros dias. E era assim:

Para averiguar o estado de İbrahim Kaypakkaya, que se dizia ser um dos chefes executivos da organização ilegal e que, de acordo com as provas, tinha realizado atividades para a organização sob os pseudónimos Hamza e Musa, e que tinha sido capturado ferido após as buscas na aldeia de Vartinik em Tunceli e arredores, mais precisamente, tinha fugido ferido e foi capturado cinco dias depois – o procurador Yaşar Değerli e o agente da polícia Cemal Kulakçı foram ao hospital com Mehmet Çetin, que tinha conhecido o acusado antes (um amigo de escola) e que tinha sido detido por causa de algumas relações.

O médico de serviço foi consultado e o quarto onde o acusado se encontrava foi aberto pelo sargento Mehmet Salih Güney.

Nessa altura, na presença de Mustafa Inan, bem como de todas as pessoas acima mencionadas, foi perguntado o nome da pessoa, cuja altura é estimada em 1,61 m, com cabelo louro e olhos verdes, com a cabeça enfaixada, usando uma ligadura no lado esquerdo do pescoço e com o pulso esquerdo acorrentado à estrutura da cama. A pessoa declarou que se chamava İbrahim Kaypakkaya. Perguntou-se então a Mehmet Çetin, que tinha sido trazido para o identificar, e ele confirmou o facto. Era seu colega de escola, da escola de professores de Çaba, e conseguiu identificá-lo claramente, apesar da sua associação. Foi pedido ao

doente que falasse, ao que a testemunha de identificação disse que era a voz do seu amigo de longa data Ibrahim Kaypakkaya. Ibrahim Kaypakkaya foi então processado para efeitos de identificação...

A maneira de falar do acusado e o seu aspeto exterior sugeriam que estava em condições de ser interrogado, mas, como já tinha sido dito há algum tempo numa conversa telefónica com o médico e pelas declarações feitas pela pessoa de serviço, o Dr. Saadettin Demiray confirmou que Ibrahim Kaypakkaya ainda precisava de ser operado devido ao congelamento dos dedos dos pés e que a ferida na cabeça necessitava de tratamento adicional. Uma vez que não era possível conciliar um interrogatório mais longo com esta situação, foi decidido deixar para já esta determinação e identificação. O auto de avaliação foi assim preenchido e devidamente assinado pelos presentes.

(13 de fevereiro de 1973)

Alguns dias mais tarde, o médico disse a Ibo que os seus dedos congelados teriam de ser amputados. Ibo respondeu que não o permitiria. “Desamarra-me as mãos e os pés e as coisas vão melhorar”, disse ao médico. Mais uma vez, o médico pediu a Ibo que assinasse o consentimento para a amputação do dedo do pé e, mais uma vez, Ibo recusou, alegando que, se fosse libertado das correntes, iria certamente recuperar.

Era hora do jantar. Soltaram-lhe a mão direita. Ibo tocou num dos dedos do seu pé direito. Viu que a unha tinha caído do dedo do pé. Depois arrancou uma unha atrás da outra. Já não havia nada vivo nos seus pés. Cheio de ódio e de raiva, Ibo lembrou-se de como o Primeiro-Tenente Fehmi o tinha feito correr durante horas na ribeira de Kutu.

Depois, o Ibo adormeceu. Tinham-lhe posto um sonífero forte na comida. Quando acordou na manhã seguinte, sentiu uma dor nos pés. Estavam enfaixados. Tinham-lhe amputado os dedos dos pés congelados enquanto dormia...

Em poucos dias, Ibo recuperou surpreendentemente bem. Apesar de estar acorrentado e de ter passado por tanto sofrimento, o seu rosto recuperou a cor, voltou à vida. Mas os interrogadores estavam à espera dele. Mas, ao mesmo tempo, também estavam assustados e inseguros, engendrando planos para o enganar.

Um soldado do hospital começou a contactar secretamente com Ibo. Era um homem que provinha de agricultores pobres. Ibo estava desconfiado, mas queria manter todas as oportunidades em aberto, dada a sua situação. Estava sempre a pensar em fugir. E isso, se é que era possível, só o era agora. A sua antiga força foi restaurada, ainda que apenas parcialmente. Na carta, que começa com a frase “*Tenho algumas coisas a dizer aos meus amigos*”, Ibo começa por falar dos acontecimentos em Vartinik, da sua captura, conta que os gendarmes o tinham “espancado muito” e que agora, depois de ter sido passado de um lado para o outro durante algum tempo, está no hospital. Diz ainda que: “*As feridas da minha cabeça e do meu pescoço sararam em 20 dias. Gostaria de dizer o seguinte: Na última semana, amarraram-me com os dois braços à armação da cama, como se fosse uma cruz, e só com a minha insistência é que soltaram uma das algemas. No dia 22 de fevereiro operaram-me os dois pés. Deixaram-me o dedo mindinho do pé esquerdo como recordação. O tratamento ainda está a decorrer; não sei quando é que vou ficar bom. Os médicos anunciam o dia 15 do próximo mês. Neste momento, não me poderia levantar, mas ainda me deixam as algemas.*”

O procurador público veio investigar-me. Está à espera que eu fique bom para me poder interrogar. Também fiquei sabendo de algumas coisas pela polícia: O procurador público disse que tinham localizado a nossa casa em Umraniye. Outro agente da polícia dirigiu-se a mim como Aşur. Outro agente da polícia disse que tinha morrido um estudante de medicina. E o procurador público, por sua vez, dirigiu-se a mim como Musa e Hamza. Outro agente da polícia disse-me que o Hikmet au Çapa tinha sido preso. Eu conhecia o Hikmet da escola, mas não sabia que ele tinha alguma coisa a ver com os círculos revolucionários.

Confrontaram-me com o meu colega de escola Mehmet Çetin. Ele devia estar preso desde janeiro. Estava na prisão por causa de uma carta que lhe foi enviada. A polícia também me mostrou uma pessoa que se dizia ser de Siverek. Aparentemente, vieram buscar-nos armas e ele devia tê-las apanhado na fronteira. Estavam batendo constantemente nele. Ele disse que me conhecia, que eu era Musa e que tinha passado a noite em casa dele, embora eu não o conhecesse de todo. E eu também não sou o Musa. Dizem também que prenderam alguém de Siverek, que se chama Serdar ou Seyithan. Só ouvi falar disso. Ao fim de 15 dias, diz-se que falou (provavelmente chegou em janeiro). Diz-se que falou bastante. E depois é suposto estarem aqui presas algumas pessoas de Siverek que têm algo a ver com o nosso assunto e provavelmente também com a conversa de Seyithan. Mas não faço ideia de quem são ou quantos são.

Aqui não posso ouvir rádio nem ler o jornal. Os detidos sob custódia policial e os outros detidos aqui podem andar pelo corredor. Também podem ouvir rádio. A porta do meu quarto para o corredor está fechada à chave. Por isso, não tenho nenhum contato com o mundo exterior. Penso que capturaram alguns revolucionários de Tunceli.

Amigos, não tenho nada decente para vestir. Também não tenho dinheiro. Tinha 200 liras, estão agora com a polícia. Preciso de dois conjuntos de roupa interior, um par de cuecas tamanho 42, meias, pijamas, uma camisa (ou camisola), um casaco e meias. Sabe as minhas medidas. Mande-me pelo menos 500 (quinhentas) liras. Se o meu pai pudesse mandar, eu pedia-lhe. A situação dele é muito má. Ponha as coisas no correio em Ancara e indique o meu pai como remetente. Tenha cuidado quando for visitar o meu pai, ele pode estar detido.

Amigos, a outra coisa que quero de vós é o seguinte: Em primeiro lugar, devem continuar a melhorar as vossas precauções contra a polícia política. Neste momento, eles estão particularmente concentrados em nós. Segundo: têm de armar os vossos quadros no mais curto espaço de tempo e da melhor forma possível. Isso é absolutamente prioritário. A este respeito, há também críticas das massas revolucionárias. Terceiro: relacionado com o primeiro ponto: expulsar todos os que falam à polícia. Quarto: Reconstruir a organização na nossa região e dar-lhe boas bases. Quinto: Não permitir a dissipação, a indolência, a covardia e a complacência na batalha em nenhuma área do nosso movimento. Deveis deitar fora, sem piedade, todos aqueles que tendem a fazê-lo. Mesmo que sejamos poucos, sejamos decididos e fortes. Se houver quem, por causa de reveses recentes, traga desânimo e desconfiança para os nossos assuntos, não permitais esse derrotismo. Há sempre reveses e perdas. A revolução não é como a Boulevard de Nevski. (Finalmente: As nossas últimas perdas deveram-se ao facto de uma pessoa ter negligenciado o seu dever de guarda. E outro erro: Apesar de muita gente saber onde estávamos, continuamos ficando lá). Sétimo: A luta armada tem de continuar e não se pode deixar quebrar. O que nos desenvolve e fortalece é exatamente isso. Oitavo: decidir sobre o nosso órgão de imprensa consoante a situação.

Nono: Localizar pessoas em Diyarbakır e encontrar formas de me contactar verbalmente ou por escrito. Décimo: Encontrar rotas de fuga e tentar tirar-me daqui. Tenho a certeza de que serei condenado à pena de morte ou, pelo menos, à prisão perpétua. Saúdo-vos, beijo os vossos olhos com saudade. Desejo-nos um combate, ainda mais concentrado, ainda mais forte, ainda mais decisivo.

Adeus.

O seu amigo

PS: 1. Nada do que foi escrito por mim chegou às vossas mãos

2. O meu endereço. İbrahim Kaypakkaya, Centro de Detenção de Diyarbakır... (Dos documentos do tribunal no julgamento do TKP-ML)

Capítulo 14

Ibo nunca mais viu o soldado a quem tinha dado a carta para a pôr no correio. “Ou era um policial ou apanharam-no e mataram-no”, pensa.

Desde o início, teve em conta a possibilidade de o soldado ser um agente da polícia e redigiu a sua carta em conformidade, dando informações sobre a sua situação, contando o que tinha ouvido e visto e exprimindo, de um modo geral, os seus desejos. Mas o fato de o soldado poder não ser um informante, mas ter sido detido, preocupava-o.

As suspeitas de Ibo confirmaram-se. O soldado que o contactou era um agente dos serviços secretos.

Num relatório carimbado como secreto com o número IST: 7130-724.73/1974, datado de 6 de março de 1973, assinado pelo Tenente-General Şükrü Olcay, Comandante do Estado de Emergência

A administração de Diyarbakır, afirma a este respeito:

A carta escrita pelo anarquista İbrahim Kaypakkaya durante a sua estadia no hospital militar, em 28 de janeiro de 1973, que escreveu paraassistente na Universidade Técnica de Istambul, foi confiscada devido ao exame oficial. Foi solicitado o parecer de um perito sobre a forma e o conteúdo da carta.

Na carta em que o anarquista İbrahim Kaypakkaya se dirige aos seus amigos, a parte em que são formuladas 10 instruções é de grande importância. As instruções consistem em encontrar rotas de fuga e tentar tirar-me daqui. Penso que a pena de morte ou, pelo menos, a prisão perpétua se aplica ao próprio acusado e leva o comando a reforçar ainda mais as medidas de segurança. Para além das precauções de segurança já tomadas, foram introduzidos clandestinamente no hospital elementos de ligação do MIT, tornando impossível a fuga ou o salvamento

O MIT tinha colocado o seguinte relatório no arquivo de Ibo sobre o mesmo incidente: *Algum tempo depois de ter sido internado no hospital acima mencionado, começou a procurar formas de estabelecer contacto com o mundo exterior. No entanto, esse comportamento era esperado da nossa parte (Dyb. B. D. Bjk.): Por conseguinte, foi-lhe atribuída uma pessoa. - Como era de esperar, I. Kaypak-kaya tentou contratar essa pessoa. Assistente na Universidade Técnica de Istambul, endereçou uma carta que deveria ser colocada nos correios.*

A fim de observar o comportamento de após a recepção da carta, prosseguiu-se com a operação. A referida carta foi enviada para o Comando de Emergência de Istambul por um mensageiro no avião do Comando de Emergência de Diyarbakır; aí chegou ao nosso departamento (Ist.B.D. Bjk.).

-A nossa direção enviou a carta num formulário apropriado; imediatamente a seguir, começou a observação da pessoa acima mencionada.

-Depois de uma semana de observação, começou o interrogatório. detido, e, que não negava ter uma visão socialista do mundo e ter sido ativo durante o seu tempo de estudante, explicou que, por pena de Kaypakkaya, tinha pensado em lhe dar o que ele queria. Mas não encontrou Arslan Kılıç. que estava muito afetado e assustado, disse que 1. Kaypakkaya em 1968, no âmbito do seu trabalho na associação de estudantes, se encontrou na universidade; No entanto, nunca mais o viu desde essa altura.

Afirmou ainda que não conseguia imaginar como e onde Kaypakkaya poderia ter conhecido o seu compatriota e como Kaypakkaya poderia ter sabido que eles eram amigos.

Foram então efetuadas investigações sobre as pessoas acima referidas e solicitadas informações ao nosso serviço em Diyarbakır.

As informações recebidas foram as seguintes 1. Kaypakkaya pediu para conhecer o candidato a oficial por acaso no hospital; além disso, quando soube que este era de Nazilli, perguntou-lhe se conhecia.....; No entanto, não disse nada sobre isenção na presença de...

Não tinham encontrado o que procuravam na carta de Ibo, mas a segurança no hospital tinha sido reforçada até ao limite.

No distrito de Tunceli, a busca de vestígios de Ibo e as operações militares estavam longe de ter terminado com a captura de Ibo.

Tinham-no apanhado, mas como é que ele tinha conseguido ficar na zona inóspita durante tanto tempo? Quem o tinha ajudado? Não importava porque é que alguém o tinha ajudado, o que importava era quem era e como tinha acontecido. Por isso, tiveram de seguir os seus passos durante muito tempo nas montanhas de Düzgün, em Tunceli, Nazimiye, Antep, Malatya, Siverek.

E foi isso que eles fizeram... Um sorriso numa aldeia, uma companhia num planalto, uma conversa noturna em casa de um pastor, uma refeição numa eira, um par de meias de lã oferecido num dia frio de inverno, indicações, um aperto de mão, um cumprimento transmitido.... Tudo era pedido meticulosamente. Muitos nos levavam consigo para a esquadra como ajudantes, como alguém que indicava o caminho aos bandidos, que lhes dava abrigo, que lhes dava pão, que os cumprimentava. Aí eram vendados à porta fechada e interrogados: as suas declarações eram registadas...

Foram então levados para o hospital, um a um, para serem confrontados com Ibo. O que o procurador fez confessar a estas pobres pessoas, que tinha recolhido das montanhas e dos vales, da cidade e do campo, quis também impor a Ibo.

Mas Ibo não mudou o seu comportamento. Tratou os pobres agricultores com compaixão quando foram arrastados para o hospital para serem confrontados. Olhou para os seus olhos cheios de simpatia interior.

O primeiro confronto teve lugar a 12 de março de 1973, dia do aniversário do memorando. Enquanto a imprensa burguesa balbuciava sobre a importância e os méritos do memorando, a rádio elogiava o resgate gradual da pátria e as comemorações tinham lugar nas ruas, às 10h30 o procurador Yaşar Değerli, juntamente com alguns camponeses pobres, entrou na sala onde Ibo ainda estava ferido e acorrentado.

Posteriormente, foi lavrado o seguinte na ata do Ministério Público: *Para efeitos de confrontação com Ibrahim KAYPAKKAYA, acusado de ser um dos autores da organização TKP/ML e que ainda está sendo tratado dos seus ferimentos no hospital militar, foi encontrado no hospital no dia 12 de março de 1973, às 10h30, acompanhado pelas seguintes pessoas:*

Haydar Mecit, nascido em 1947 como filho de Süleyman, cujo bilhete de identidade foi utilizado por Ibrahim Kaypakkaya para os seus próprios fins e modificado em conformidade, Hıdır KARAGÜL, Mehmet SARIKAYA e Hüseyin SARIKAYA, todos os três residentes na aldeia de Barikbaş/Gökçeköy, no distrito de Tunceli, são acusados de terem acolhido Ibrahim KAYPAKKAYA. Primeiro, Haydar Mecit foi conduzido à sala onde o acusado Ibrahim Kaypakkaya estava deitado.

Haydar Mecit foi mostrado ao arguido Ibrahim KAYPAKKAYA. Este declarou que não sabia o nome da pessoa ali deitada, mas que se tratava da pessoa que lhe tinha tirado o bilhete de identidade na zona da sua aldeia, juntamente com Hacı Özdoğan, e que não lhe tinha devolvido. Lembrava-se, sem dúvida, da aparência dessa pessoa em todos os pormenores. Voltou a insistir que foi esta pessoa que lhe tirou o bilhete de identidade. No entanto, não quer dizer que esta pessoa lhe tenha tirado pessoalmente o bilhete de identidade, mas sim que foi o seu amigo Hacı Özdoğan. Uma vez que o seu bilhete de identidade foi posteriormente falsificado com a fotografia do acusado, pode presumir-se que o bilhete de identidade foi tirado por ordem deste.

Ibrahim KAYPAKKAYA foi então interrogado sobre o incidente: Não conheço esta pessoa nem o Hacı Özdoğan e encontrei o bilhete de identidade em Malatya: Fui procurado pela Administração do Estado de Emergência porque persigo os objetivos do proletariado. Sou alguém que anseia pelo comunismo, ou melhor, que adotou essa ideologia e persegue esse objetivo. Para esconder a minha verdadeira identidade, anexe a fotografia do meu passaporte ao bilhete de identidade de Haydar Mecit. É a luta de classes, é normal, na minha opinião, caso contrário não se pode avançar. Haydar Mecit faz esta declaração porque foi pressionado. Se não for esse o caso, então ele está mentindo e eu não sei porquê.

Haydar Mecit respondeu que não tinha sido pressionado e que não via razão para mentir. Hacı Özdoğan, no entanto, é um bom conhecido da sua aldeia. Ele próprio, no processo acima referido, não agiu conscientemente.

Posteriormente, os outros acusados Hıdır KARAGÜL, Hüseyin SARI-KAYA e Mehmet SARIKAYA foram chamados individualmente e foi-lhes mostrado o acusado mentiroso Ibrahim KAYPAKKAYA.

Declararam unanimemente que “Nunca vimos esta pessoa nem na aldeia de Gökçe nem no Barıkbaşı.” A nossa declaração anterior foi interpretada de forma diferente. Por outras palavras, aconteceu de uma forma que nós não dissemos. Se tivéssemos visto este estrangeiro e lhe tivéssemos dado uma refeição, porque é que o iríamos esconder?

Ibrahim KAYPAK KAYA foi então interrogado. Declarou que não conhecia estas pessoas, que foram primeiro confrontadas com ele individualmente e depois em conjunto, e que também não sabia nada sobre o incidente sobre o qual tinham sido interrogadas. Nunca se encontrou com elas. No período compreendido entre 24 de janeiro de 1973, data em que ficou ferido na colisão, e 29 de janeiro de 1973, data em que foi detido meio congelado, viveu de pão que trazia consigo.

Como estava ferido e exausto, não podia comer nada, exceto pão. “Na minha opinião, estas três pessoas foram trazidas para aqui sem qualquer relação comigo, sem qualquer razão, injustamente e como exemplo de perseguição.” Em resposta a esta declaração, foi-lhe perguntado sobre os métodos de interrogatório legalmente previstos e sobre a legalidade da acusação dos culpados. A comparação foi assim concluída e o protocolo foi certificado por assinatura.

12 de março de 1973

E agora veio o que todos os torturadores estavam à espera. Foi decidido que Ibo estava apto a ser interrogado. Foi levado do hospital e arrastado com as mãos e os pés acorrentados para as câmaras de tortura de Diyarbakır.

Capítulo 15

A Turquia em 1973 era constituída por muitos corredores escuros, corredores cheios de sangue e de gritos humanos. Com argolas de prisioneiros nas paredes. Correntes... barras de ferro. Nas paredes, havia fotografias de pessoas torturadas cujos rostos eram irreconhecíveis. Trabalhadores contratados que tinham de limpar o sangue, guardas da morte com batias de médico. Pessoas que prendiam os conectores de cabos eléctricos ao pescoço, à nuca, à boca, às orelhas, à nuca e aos órgãos sexuais; pesos bestiais colocados nas costas daqueles cujas solas eram fendidas, moralizadores dúbios... Bandidos com mãos ensanguentadas apertavam as gargantas das pessoas na Turquia por volta de 1973. Todos os sorrisos, mesmo os das crianças, tinham sido congelados. A Turquia de 1973 era feita de golpes na cabeça pensante, de celas cujo vazio escuro era preenchido por cientistas, operários, construtores, estudantes e escritores. Na Anatólia, que sangrava há anos, esta guerra foi-se sucedendo, com o passar do tempo, novas e frescas feridas; os bandidos voltaram a percorrer a terra da Anatólia, saqueada há milhares de anos. Na Turquia de então, as luzes foram apagadas e as noites foram perturbadas pelo riso dos assassinos.

As pessoas não estavam seguras nem mesmo atrás de portas fechadas. Separavam as mães dos filhos, as noivas dos noivos, os leitores dos livros, o trabalho da máquina. Não era permitido

insistir na justiça; as palavras que falavam de fome, de pobreza, de dor eram proibidas. Olhavam até para as crianças nos berços com hostilidade...

Na Turquia, por volta de 1973, o punhal foi separado do pulso que o queria segurar...

Foi assim que aconteceu neste país, em Istambul, Ancara, Sivas, Diyarbakir, Ağrı...

Um dos amigos que fugiu para as montanhas solitárias quando Ali Haydar e Ibo ficaram feridos testemunhou o seguinte na presença do procurador Yaşar Değerli no Ministério Público:

... Fomos detidos e interrogados pelas forças mais brutais do fascismo. Fomos arrastados para aqui com penas que já tinham sido aplicadas. Se o tribunal, que diz falar em nome do povo e da independência, souber como são feitas estas declarações, mostrará até que ponto a afirmação do procurador é verdadeira.

As forças do fascismo que lutavam contra os guerrilheiros registaram o meu testemunho nas câmaras de tortura de Harbiye. O interrogatório durou dois meses. Torturaram-me severamente durante os primeiros 15 dias. Queria obrigar-me a confessar um atentado à bomba contra o posto da gendarmaria em Tunceli, o assassinio de dois soldados da gendarmaria e o assalto à casa de um coronel. Tudo coisas que não são verdadeiras. Despiram-me, puseram-me correntes nos pés e penduraram-me no ar. Deitaram-me água gelada e bateram-me continuamente com bastões de ferro. Quando as minhas pernas ficaram azuis e inchadas, agarraram nos meus braços e voltaram a bater-me com bastões de ferro. O sangue escorria das feridas provocadas pelos espancamentos por todo o meu corpo.

Hoje em dia, se o fascismo na Turquia pressiona pontas de cigarro nas pálpebras inferiores e nos mamilos das pessoas, se expõe as partes mais sensíveis do corpo das pessoas a eletricidade e ao porrete ao mesmo tempo, se está constantemente a bater-lhes com a cabeça contra as paredes e a furar-lhes o corpo com agulhas para as enlouquecer, então isso mostra como estão a reavivar a alma da Gestapo hoje em dia e que ódio irracional estão a despertar contra a luta do povo. Sinceramente, tenho vergonha de falar das torturas a que me submeteram. Porque tudo o que eu teria para contar não poderia ser conciliado com a moral humana, com a guarda e com a honra pessoal. Tudo o que posso dizer é que fiquei quase em coma. Todo o meu corpo estava dormente, já não conseguia abrir os olhos, a minha língua estava inchada e dura. Quando chegou ao ponto em que a tortura já não fazia efeito, quiseram exercer pressão psicológica sobre mim: à frente dos meus olhos, torturaram amigos como Hanife Canik, Cem Somel e Süleyman Yeşil com choques eléctricos e porretes. Até obrigaram um dos amigos a insultar-me com choques eléctricos. Depois de eu ter negado toda uma série de acusações falsas, um dos torturadores disse: Se não falas, obrigamos-te a falar. Pegaram na declaração de um amigo que tinha trabalhado na mesma área que eu, feita sob tortura, dactilografaram-na de uma forma ligeiramente diferente e apresentaram-na ao procurador. Esse foi o primeiro depoimento prestado ao Ministério Público.

Dois dias depois, levaram-me de volta para Harbiye. Fiquei lá durante um mês e meio. Não quero contar-vos tudo o que me fizeram durante esse mês e meio, apenas uma coisa: quando ia à casa de banho, vendavam-me os olhos, um soldado sentava-se nas minhas costas e guiava-me pelas orelhas.

No 55º dia de tortura, escrevi a declaração manuscrita que se encontra nos vossos arquivos e que me foi ditada linha a linha. Com base nesta declaração, o procurador Yaşar Değerli

interrogou-me pela segunda vez. Não me lembro do que ele escreveu ou do que me perguntou. Mas exijo que ele me explique em que estado me encontrava nessa altura. Não me vou queixar dos crimes de tortura. Porque o aparelho de tortura e o pessoal de tortura fazem parte do aparelho de Estado dominante. Só há uma autoridade a quem eu apresentaria uma queixa, que é a inesgotável força revolucionária do nosso povo. Outra coisa em que reparei em Harbiye: Enquanto eu estava a ser acorrentado pelos braços e pernas, um dos torturadores estava dando uma explicação a um americano alto e loiro que estava ao pé da minha cama..."

Ibo foi interrogado dia e noite, sem cessar, nos centros de tortura de Diyarbakır. De manhã, foi levado da câmara de tortura para as celas do centro de detenção, atirado para a cela número três como se fosse um pedaço de lixo e amarrado. O mesmo procedimento foi repetido no dia seguinte. Isto durou dias, semanas.

No seu corpo, cada vez mais torturado, pontapeado, amarrado e eletrocutado, transportava o seu coração, que não se cansava, não se dobrava, não se submetia. Os interrogadores tinham a sua carne e os seus ossos nas mãos e tinham-nos acorrentado. Mas não conseguiam chegar ao seu coração. A consciência de Ibo atordoava todos os que lhe batiam nas solas dos pés, o amarravam a cabos eléctricos e o espancavam com bastões de ferro.

Muitos dos prisioneiros nas celas observavam os passos, as conversas e os gritos com uma preocupação ardente, mas também com um sentimento de orgulho quando Ibo foi trazido de volta.

Muitos soldados encarregados de transportar o Ibo e muitos guardas que o guardavam não conseguiam esconder a sua admiração e sussurravam histórias aos seus amigos. As histórias de Ibo espalharam-se em ondas, das celas chegaram à prisão; a partir daí, os visitantes ficaram a saber e continuou a ecoar de cidade em cidade. Houve oficiais superiores que foram à cela de Ibo para ver este jovem com uma vontade de ferro.

O medo de não conseguirem descobrir o segredo de Ibo através da tortura dominou os interrogadores, levando-os a entrar em pânico e a ter pensamentos sombrios.

Desta vez, um a um, trouxeram todos os outros prisioneiros que tinham dado o seu testemunho da mesma forma nas câmaras de tortura para confrontar Ibo. Queriam mostrar a Ibo que o seu silêncio não tinha nenhum significado.

“Eles aceitaram tudo, é inútil resistir”, disse o procurador Yaşar Değerli quando foi confrontar Ibo.

Pouco a pouco, o Procurador da República levou 16 pessoas para serem confrontadas. Não houve uma única pista nos lábios de Ibo para saber se ele as conhecia. E dezesseis dos prisioneiros que assistiram ao confronto viram com grande admiração como Ibo gritava de raiva, como se levantava e se esticava apesar de estar coberto de feridas e contusões, e como resistia à chuva de perguntas dos interrogadores.

Alguns deles ficaram impressionados com a atitude de Ibo no momento do confronto, de tal forma que, na sua presença, retiraram as declarações que tinham feito sobre Ibo. Este facto deixou os interrogadores ainda mais em pânico. O facto de o próprio Ibo ter permanecido em silêncio não parou por aí. O seu silêncio, a sua atitude inabalável, a sua indomabilidade, a sua esperança inquebrantável também tiveram um efeito nos que o rodeavam. Tornou-se maio...

Capítulo 16

Estes 16 prisioneiros, que o tinham visto durante este período (ou seja, três meses após a sua captura), regressaram às suas prisões e contaram aos seus amigos o que tinham visto com grande entusiasmo. A força de vontade de Ibo transmitia esperança e entusiasmo aos seus amigos.

Seguem-se alguns excertos das transcrições dos confrontos, ditados pelo procurador Yaşar Değeri:

O arguido Ibrahim KAYPAKKAYA negou ter feito trabalho organizado no distrito de Tunceli e ter contatos relevantes lá. Afirmou que cerca de 10 dias antes da colisão, a 24 de janeiro de 1973, foi a Tunceli pela primeira vez. Pelo contrário, para provar que o acusado já tinha participado em trabalhos de reconhecimento e formação de quadros, o acusado Ali YILDIZ, que se refere ao acusado nas suas declarações, foi trazido da prisão para uma confrontação necessária. Primeiro, Ibrahim KAYPAKKAYA foi trazido para a sala, depois Ali YILDIZ foi chamado e, sem dar nomes ou qualquer dos nomes de código, Ibrahim KAYPAKKAYA foi-lhe mostrado. Este testemunhou então o seguinte: Esta é a pessoa a quem me referi como Hamza no meu depoimento de 11 de fevereiro de 1973. Fez trabalho

educativo no distrito de Tunceli e ensinou-nos os conceitos básicos do socialismo. Nessa altura, durante o meu primeiro interrogatório, mostrou-me uma fotografia de Ibrahim KAYPAKKAYA. Ou melhor, eu disse que a pessoa na fotografia que me mostrou era o Hamza. E disse-me que se tratava de um nome de código e que o seu verdadeiro nome era Ibrahim KAYPAKKAYA. Posso repetir o que disse no meu interrogatório sobre os contatos desta pessoa.

Como expliquei no meu primeiro depoimento, Hamza deu-me uma carta para levar a Ali. Para lhe entregar a carta, era suposto eu ir a Siverek e encontrar-me com o armeiro Abdurrahman KESKIN. Ele deu-me instruções para telefonar a essa pessoa com o slogan “Tem o fogão a gás pronto?” Posso também repetir as minhas explicações a este respeito. Mesmo que, antes de vir para cá, eu tenha sido pressionado, isso não influencia o meu depoimento nem me leva a prestar falsas declarações. Perguntou-se novamente a Ali YILDIZ se as suas declarações sobre Hamza (Ibrahim KAYPAKKAYA) tinham sido feitas sob pressão ou em resultado de pressão, e se tinha recorrido à força para acrescentar algo que não tinha sido dito. Respondeu o seguinte:

Já fui maltratado de várias formas. Só nas minhas declarações sobre o Hamza é que não disse nada que não tivesse acontecido ou que não fosse verdade. Posso repetir a minha antiga declaração no mesmo sentido.

Ibrahim KAYPAKKAYA foi interrogado sobre o assunto. Disse ele: Como já disse, nunca estive em Tunceli. Não trabalhei de forma organizada nesta zona. Não conheço Ali YILDIZ. Penso que ele foi pressionado e fez declarações deste gênero a meu respeito. Não mantive qualquer contacto com Ali YILDIZ. Não utilizei o nome de código Hamza. Ali YILDIZ foi novamente interrogado. Declarou o seguinte: “Hamza é a pessoa que me foi mostrada aqui, cuja descrição já dei. Eu não sabia o seu verdadeiro nome até vir para aqui. Quando o senhor me mostrou a fotografia dele e eu lhe chamei Hamza, disse que se tratava de Ibrahim KAYPAKKAYA. Ainda agora diz que ele é Ibrahim KAYPAKKAYA”, insistiu Ali YILDIZ na sua declaração anterior.

Uma vez que o confronto tinha sido concluído, este registo foi finalizado e assinado por Ahmet Baldoğan, o Diretor da Prisão de Administração de Emergência do Estado, e Mevlüt Karaaslan, responsável pela Prisão de Administração de Emergência. 24. 4. 1973

Uma vez que existem inconsistências na declaração do acusado Ibrahim KAYPAKKAYA relativamente às suas actividades para a organização no distrito de Istanbul e as declarações do acusado Seyithan DOKAY, a fim de esclarecer estas contradições e esclarecer se a pessoa com o nome de código Musa é İbrahim KAYPAKKAYA ou não, o acusado Seyithan DOKAY foi apresentado. Ibrahim KAYPAKKAYA foi apresentado sem que o seu nome fosse mencionado. O arguido Seyithan DOKAY disse o seguinte:

Na minha declaração de 3 de fevereiro de 1973, mencionei o nome Musa e afirmei que a pessoa com quem me encontrei em Istanbul e de quem recebi as fotocópias das “Teses dos revisionistas de Şafak” era Musa. A pessoa que está aqui à minha frente é Musa. Só aqui descobri que o seu verdadeiro nome é Ibrahim KAYPAKKAYA. Embora tenha referido a pessoa como Musa durante o confronto no MIT, isso deveu-se ao meu estado mental; eu teria chamado Ali Musa a qualquer pessoa que me mostrassem. Desta vez, porém, explico as minhas dúvidas: a pessoa a quem me referi como Musa na minha declaração e com quem estive num contexto organizacional é a que me foi mostrada, a quem chamei Musa e a quem

vocês chamaram İbrahim KAYPAKKAYA. Não há nenhuma omissão ou dúvida quanto a isto.” Seyithan DOKAY é recordado da sua declaração de que Hamza OĞUZER lhe disse que KAYPAKKAYA (Musa) o tinha chamado. Seyithan DOKAY respondeu que ele também tinha vindo a Istambul por essa razão. O arguido Hamza OĞUZER esteve presente no contrainterrogatório para efeitos de uma declaração conjunta. A sua declaração também foi registada: *“Sim, eu confirmo que Musa, İbrahim KAYPAKKAYA, me enviou para Seyithan DOKAY para vir a Istambul. Vim a Siverek e disse a Seyithan DOKAY ‘Musa está à tua espera em Istambul’, porque Musa, İbrahim Kaypakkaya, me tinha explicado que queria convocar Seyithan DOKAY para Istambul e disse que passaria por Siverek a caminho de Diyarbakır, encontraria Seyithan lá através do alfaiate Bekir ERKOK, e depois viria aqui e encontrar-me-ia através de Dursun, o vendedor de café”*. A minha declaração anterior e outras declarações a este respeito são exatamente verdadeiras.

O acusado İbrahim KAYPAKKAYA foi também interrogado: “Não conheço esta pessoa, não usei o nome de código Musa. Os amigos foram torturados durante muito tempo, por isso falam assim.”

Os acusados Seyithan DOKAY e Hamza OĞUZER foram novamente questionados sobre se tinham feito esta declaração sob a influência de tortura, como alegou o acusado İbrahim KAYPAKKAYA. Seyithan DOKAY fez a seguinte declaração:

Mas não faço esta afirmação sob a influência de maus tratos anteriores. Digo isto porque a pessoa aqui presente é, de fato, a pessoa conhecida por mim como Musa. Não estou fazendo esta declaração sob a influência de ninguém; pelo contrário, quero mostrar a verdade. Posso repetir a minha declaração anterior. O acusado Hamza OĞUZER disse a mesma coisa.

O confronto foi assim realizado na presença do diretor da Prisão de Estado de Emergência, P. Yb. Ahmet BALDOĞAN e do funcionário prisional Top. Atgm. Mevlut KARAASLAN terminou e a ata foi assinada. (24. 4. 1973)

Perante as declarações de Kaypakkaya, que contradiziam as provas, Hamza Oğuzer foi levado a tribunal. “A pessoa que mencionei sob os nomes Musa e Ahmet na minha declaração de 2 de fevereiro é a pessoa que vi. Fiquei a saber que o seu nome era İbrahim depois das minhas relações com ele. Também o identifiquei na fotografia que me mostrou. Eu conheço os nomes de código usados pelo acusado em Istambul como AHMET e MUSA. Repito a minha declaração anterior sobre o acusado e as relações que mencionei.”

O acusado İbrahim KAYPAKKAYA respondeu então *Não conheço o amigo com quem fui confrontado aqui. Não tive nenhum contato com ele em matéria de organização. E nunca usei os nomes Musa e Ahmet.*

Hamza OĞUZER foi novamente interrogado. “Conheci İbrahim sob os nomes de Musa e Ahmet durante as atividades de organização em Istambul. Não tenho nenhum erro ou hesitação quanto a isto.” Declarou que não tinha mais nada a acrescentar e a acareação foi realizada na presença do diretor da prisão, Ahmet BALDOĞAN, e do oficial da prisão Mevlüt KARAASLAN, declarada encerrada e confirmada por assinatura. (24. 4. 1973)

Uma vez que İbrahim prestou uma declaração contrária às declarações de outros acusados sobre as suas relações organizacionais e o seu trabalho em Tunceli e negou as suas atividades, foi apresentado HAYRETTİN İPEK, que tinha uma declaração sobre o acusado. Sem mencionar o nome do acusado İbrahim KAYPAKKAYA, este Hayrettin İPEK foi mostrado. O acusado Hayrettin İPEK disse então:

Não consigo encontrar uma semelhança exata entre esta pessoa e o Hamza que mencionei na minha declaração. Os seus olhos são semelhantes aos olhos de Hamza; para além disso, não consigo encontrar grandes semelhanças. Ou melhor, não posso afirmar com toda a certeza.

Em resposta a esta declaração contraditória, foi-lhe pedido que olhasse de novo para o arguido Ibrahim KAYPAKKAYA e foi-lhe dado um período de tempo para refletir. Posteriormente, Hayrettin IPEK explicou:

“A pessoa a quem chamei Hamza antes é ele. Agora tenho a certeza absoluta. Ele continuou: O que expliquei na minha declaração de 12 de fevereiro de 1973 sobre Hamza refere-se à pessoa que está aqui”

O acusado Ibrahim KAYPAKKAYA: *“Nunca estive em Tunceli. Não fiz qualquer trabalho educativo. A este respeito, só posso repetir a minha declaração anterior”*. E continuou: *“Por esta razão, não conheço esta pessoa aqui.”*

Hayrettin IPEK foi novamente interrogado; disse: *“A pessoa a quem chamei Hamza na minha declaração atual e o contato que descrevi é a pessoa que está aqui. Mostraram-no antes e eu o reconheci como Hamza. Só que agora a voz do Hamza está um bocadinho diferente”*.

O acusado disse que não tinha nada a acrescentar e foram interrogados na presença do diretor da prisão Ahmet BALDOĞAN e Mevlüt KARAASLAN registou as declarações e confirmou-as com uma assinatura. (24. 4. 1973)

Como resultado, não conseguiram obter a declaração que desejavam da boca de Ibo nestes confrontos.

Mais tarde, as pessoas que foram confrontadas com Ibo explicaram exatamente como e por que métodos foram forçadas a prestar declarações contra ele nas salas de audiências onde Yaşar Değerli era o procurador.

Capítulo 17

Dia após dia, desde o primeiro dia de interrogatório até ao início de maio, o procurador Yaşar Değerli lidou com Ibo, perguntou e perguntou... Não obteve resposta, perguntou e perguntou... sem sucesso. Ibo foi levado para a cela número 3 e apanhado de novo, levado e apanhado... Não deu nada, caiu, levantou-se de novo... Não se curvou... Desde o início de março até ao início de maio...

Os interrogadores perguntavam sempre a mesma coisa e Ibo dava-lhes sempre a mesma resposta. Manteve a sua atitude do princípio ao fim. Sem nome, sem ação conjunta com outros; e sem se curvar perante as acusações...

A única declaração de Ibo que consta dos documentos do tribunal conta a evolução do seu pensamento. Apresenta soluções que imagina para o seu país, para o povo do seu país, para o seu povo, revela os métodos de luta que considera deverem ser seguidos e termina as suas palavras da seguinte forma:

Fiz o que disse aqui pelas ideias do marxismo-leninismo. Não sinto o menor remorso. Tive em conta as possíveis consequências de tudo o que fiz e lutei, mesmo que isso significasse arriscar a minha vida. Por fim, fui capturado. Não sinto o menor remorso... (21 de abril de 1973)

Esta atitude de Ibo surpreendeu todos aqueles que tinham interrogado milhares de pessoas desde 12 de março, que tinham registado os depoimentos de milhares de pessoas. Ibo era um dos duros de roer entre as inúmeras pessoas que tinham caído nas suas mãos.

Quanto mais tempo o Ibo permanecia em silêncio, mais as pessoas falavam dele. Nas celas comuns das prisões, na penitenciária, no café, no ônibus, na aldeia... Palavras de esperança e de resistência surgiam e espalhavam-se por todo o lado.

Será que eles, que interrogaram tantas pessoas, vão ser derrotados pelo Ibo? Será que eles, que interrogaram tanta gente, terão um dia de ouvir o Ibo em tribunal? Acima de tudo: se alguém aqui ficou tão calado... Quem sabe o que dirá lá depois?

Estávamos quase em maio. O tempo tinha começado a aquecer; só ao amanhecer, nas horas de nevoeiro, é que o frio se mantinha.

E quando o anoitecer chegou e o sol se pôs, o frio aproximou-se. O ar frio levantado da terra pela chuva subia com os ventos crescentes que lambiam a neve das montanhas e penetravam pelas soleiras das portas, pelos buracos das fechaduras, por baixo das paredes e na cela de Ibo, enchendo-lhe os pulmões.

Por alguma razão, ninguém veio tirá-lo da sua cela e levá-lo para longe durante alguns dias. De uma refeição para a outra, vinham, abriam-lhe a porta, davam-lhe a tigela para comer, fechavam-na de novo e iam embora. Tinha pedido um caderno e uma caneta, e isso também chegou.

Isto durou 10 a 15 dias. Espalhou-se a notícia de que o procurador Yaşar Değerli tinha viajado de Diyarbakır para a grande cidade.

Os dois últimos dias de abril e os primeiros dias de maio passaram sem torturas, sem interrogatórios, sem perguntas. Ibo reanima-se um pouco. Recupera o fôlego. “Os interrogatórios já devem ter terminado”, pensa para si próprio.

Toma notas no seu bloco de notas e começa a fazer os primeiros esboços do seu discurso de defesa. Anotou os livros que precisava de ler para a sua defesa e os documentos do tribunal que queria pedir, a lista de alegações contra ele e os pontos em que queria basear-se particularmente na sua defesa. Planejou um longo discurso político de defesa. Só as notas para o projeto enchiam muitas páginas do seu caderno. Espera com impaciência o dia em que será levado da sua cela para a prisão, para se juntar aos seus amigos. Há meses que não tinha notícias. Por um lado, era isso que o deixava curioso e, por outro, perguntava-se se lhe deixariam ter essa lista de coisas para a sua defesa. Na capa do seu bloco de notas, tinha o formulário preenchido da seguinte forma:

Escola: Diyarbakır

Nome e apelido: İbrahim Kaypakkaya, prisioneiro de consciência da Administração do Estado de Emergência.

As notas sobre o projeto de defesa começaram logo na primeira página. Essas notas prolongavam-se por páginas. O Ibo escrevia sem parar nesses dias.

Numa página que datava de antes de 9 de maio, sob o título “O que devo perguntar ao meu pai”, tinha feito uma lista e anotado algumas coisas relativas aos seus processos anteriores.

Aqui escreveu para o seu pai a quem poderia obter a informação.

Entre algumas dessas notas, colocou o nome de Salman Kaya, um dos primeiros nomes que lhe vinham à cabeça quando se pensava na “luta revolucionária” na escola de Çapa. Noutras notas, encontrava nomes como Mustafa Çoban e Halit Koçer, entre outros, os advogados Alp Kuran e Ibrahim Türk. Agora, dedicava toda a sua energia a este “projeto de defesa”. O trabalho preparatório aprofundou os seus pensamentos e, de vez em quando, escrevia poemas.

Capítulo 18

Passaram dias, semanas, meses. Mas Ali Kaypakkaya não tinha ouvido um som da boca do filho, nem tinha lido uma palavra da caneta do filho. Tudo o que vinha de fora eram sussurros que passavam de orelha em orelha. “Ele está perdido”, dizia um. “Vai ser enforcado”, dizia outro, e “o importante é que saia da cela solitária, o resto já não é tão mau”... O único desejo de Ali Kaypakkaya era ver Ibo uma vez, mesmo que fosse à distância. Bastava-lhe ouvir a sua voz uma vez ou, pelo menos, receber uma carta sua. Desta forma, a sua esperança seria reforçada e ele ficaria mais calmo.

Nessa altura, Ibo tinha escrito uma carta ao seu pai. Ali Kaypakkaya não recebeu esta carta. Ibo, tendo em conta este facto, escreveu uma segunda carta ao seu pai:

O meu precioso pai,

Talvez já tenham ouvido falar. A 24 de janeiro fui ferido pela gendarmaria em Tunceli. Cinco dias depois, fui preso...

Agora estou no centro de detenção de Diyarbakır. As feridas das balas estão completamente curadas. Não te debes preocupar em circunstância alguma... Os vossos vizinhos, amigos e familiares também não devem se preocupar. Há muito tempo que não nos vemos. Não sei o que está acontecendo com vocês neste momento. Tornaram-se agora trabalhadores conscientes? Como vai a escola das crianças e em que escola andam? Como estão a minha mãe e a minha avó? Se me pudessem escrever sobre elas, ficaria muito contente. Já uma vez te escrevi uma carta. Mas, na minha, devo tê-la endereçado incorretamente. Com certeza que não a recebeste. Escrevi alguns desejos na carta. Sou um fardo para o vosso já muito pouco dinheiro, desculpem. Gostaria que me enviasses roupa interior, uma camisa, um casaco, calças e sapatos. Seria ainda melhor se me enviasses o dinheiro para o casaco, as calças e os sapatos. Também ficaria muito contente se me enviasses um relógio e algum dinheiro, se possível. É muito mau não ter relógio. Cumprimento-vos e beijo as vossas mãos. Beijo os olhos de todas as crianças, uma a uma. Não tentes vir aqui. É impossível encontrarmo-nos. Se mandares alguma coisa, mande pelo correio. E como eu disse, não te preocupes comigo. E não fiques triste. O que aconteceu não tem importância.

Adeus

O teu filho Ibrahim

Esta foi a primeira carta que Ali Kaypakkaya recebeu de Ibo. A carta deixou-o imediatamente aliviado. Leu uma e outra vez o que o filho tinha escrito e olhou para a carta. Quanto mais a lia, mais entusiasmado ficava. Finalmente, foi ao mercado. Juntou todo o dinheiro que tinha e comprou um fato, dois pares de meias, um relógio, uma camisa e roupa interior. Depois pensou durante muito tempo e finalmente decidiu levar as coisas pessoalmente para Diyarbakır. Ibo tinha dito “Não venhas; manda as coisas pelo correio”, mas Ali Kaypakkaya ainda queria deixar uma porta aberta à esperança.

No ônibus para Diyarbakır, ficou sabendo, através da conversa entre dois civis que se encontravam na fila de lugares atrás dele, que eram funcionários públicos e que viajavam para Diyarbakır na qualidade de representantes do estado de emergência.

Voltou-se para eles e disse-lhes que também ele estava a caminho da administração do estado de emergência em Diyarbakır. Esperava que, durante a viagem, talvez se conhecesse alguém e que o ajudassem a ver o seu filho.

Mas no momento em que o nome de Ibrahim Kaypakkaya foi mencionado, um deles, um homem de estatura média, moreno e forte, ficou furioso e gritou com Ali Kaypakkaya: “Não vais conseguir pôr as mãos no Ibrahim!”

Ali Kaypakkaya perguntou então a esse homem, cujo nome, como descobriu no decurso da conversa, era Fehmi: “Porquê, senhor? Ele vai ser condenado à morte?” Mas Fehmi cortou-lhe a palavra: “Não me perguntes mais nada, não te forces, vira-te para a frente. Não podem deitar as mãos ao Ibrahim vivo. É isso.”

As palavras fortes desse homem moreno, de estatura média e forte, empregado da Administração do Estado de Emergência, cujo nome era Fehmi, tinham irritado Ali Kaypakkaya. Mas ele sabia que não poderia ver o seu filho se continuasse a envolver-se com aquele homem e conteve-se.

Depois de chegar a Diyarbakır, Ali Kaypakkaya dirigiu-se diretamente ao gabinete do comandante do Estado de Emergência. No mesmo local, o tenente-coronel, através do qual soube que o seu nome era Ahmet, disse-lhe que “os interrogatórios ainda não tinham terminado. É impossível que o vejas!” Um primeiro-tenente chamado Ali, outro primeiro-tenente de Kerkük e um tenente chamado Mevlüt, que tinha estudado na faculdade de teologia, trabalhavam no local onde ele tentava obter autorização para o visitar. Mevlüt percebeu, pelas palavras de Ali Kaypakkaya, que ele era um Alevi² e, de repente, começou a insultá-lo e a amaldiçoá-lo: “elevas Ali³ ao estatuto de deus e, desta crença errada, surgem todos os teus problemas!”

“O meu filho não separa as pessoas de acordo com as suas crenças, isto não é uma luta entre seitas”, disse Ali Kaypakkaya, mas o tenente chamado Mevlüt continuou a insultá-lo.

Por fim, o primeiro-tenente Ali levantou-se e pediu a Ali Kaypakkaya que se calasse. “Se começar uma luta, eu não me meto”, disse, para acabar com a discussão.

“Quem sou eu”, terminou Ali Kaypakkaya, “nada mais do que o pai de um acusado. Estejam à vontade para gritar...” Depois, entregou-lhes as coisas que tinha trazido para o filho, para que lhas dessem.

Os homens fardados não aceitaram os objetos. “Não lhe podemos dar nada disso; mande-o pelo correio!”, disseram. “Se quiserem, escrevam-lhe uma pequena mensagem e nós podemos enviar-lha.”

Ali Kaypakkaya pegou numa folha de papel e começou a escrever algo para o seu filho. Os outros leram.

“Meu filho”, escreveu ele, “houve uma grande discussão entre nós. Agora estás aqui. Uma vez que os teus ideais te trouxeram até aqui, não deves estar triste.”

Nessa altura, interromperam-no. “Não podes escrever uma coisa dessas; estás a encorajá-lo, e encorajá-lo é proibido”, disseram-lhe. Escreve algo como: a tua mãe está bem; eu estou bem; infelizmente não foi possível nos vermos! Então ele escreveu qualquer coisa e entregou.

Perguntaram então a Ali Kaypakkaya em que hotel ficaria alojado. “Não vou ficar em Diyarbakır”, respondeu e foi-se embora.

E quando saiu para a cidade, ficou triste. “Se eu tivesse dito agora que ficava cá esta noite, não teria sido melhor? Talvez alguma pessoa sensata tivesse trazido uma carta dele; foi por isso que a pediram? Ou será que queriam atrair-me para uma armadilha e prender-me?”

Estes pensamentos atormentaram-no durante toda a viagem. Só deixou as coisas para Ibo nos correios no dia seguinte ao seu regresso. Também enviou uma carta a Ibo.

² minoria religiosa e cultural

³ figura muito importante do Alevismo

Capítulo 19

Na noite de sexta-feira, 27 de abril de 1973, para sábado, mais alguns detidos foram levados para o centro de detenção da Administração do Estado de Emergência de Diyarbakır, onde Ibo ficou detido na cela número 3. Cada um deles estava fechado numa única cela. Ibo escutava atentamente os sons. Durante os longos meses em que esteve preso naquele buraco do tamanho de uma palma, aprendeu a interpretar os ruídos exteriores.

Um dos prisioneiros recém-chegados pediu um cigarro ao agente que o tinha levado para a cela. Ibo reconhece-o imediatamente pela sua voz. Essa voz era como uma saudação de amizade para ele, naquele ambiente, a meio da noite.

Algum tempo depois, quando os guardas já tinham terminado o trabalho associado à indução, começou a cantar a Internacional a partir da sua cela. Algum tempo depois, começou novamente a Marcha de Mustafa Suphi.

Queria encorajar os amigos que tinham acabado de ser trazidos para a cela e que podiam ser arrastados para a tortura a qualquer momento; ao mesmo tempo, era suposto ser uma mensagem de que ele estava aqui e saudável.

Nenhum dos prisioneiros nas celas conseguia dormir. Eles pensavam em Ibo; Ibo pensava neles.

Muito depois da meia-noite, o Ibo chamou-o: De onde vieste? Quem são vocês? Os recém-chegados deixaram as perguntas do Ibo sem resposta. Como ainda não tinham sido interrogados, não acharam prudente dizer a Ibo os seus nomes. Ibo compreendeu, não os pressionou mais e recomeçou a cantar uma canção para os encorajar. Depois, os guardas chegaram e silenciaram Ibo.

Os novos prisioneiros das outras celas, Hasan Zengin Kaya Bozoklar, Celal Bozati, Mehmet Alunbas, Hamza Kılınç, Vakkas Yağşu e Celal Deniz, foram avisados pelos guardas para não fazerem o mínimo ruído. Na manhã seguinte, 28 de abril de 1973, às 8:00 horas as portas de todas as celas se abriram, exceto a cela de Ibo. Os prisioneiros foram convidados a dizer o que precisavam. Depois, cortaram-lhes o cabelo e tiraram-lhes fotografias. Voltaram às suas celas, as portas foram fechadas e foram avisados para não olharem pelos buracos das janelas em circunstância alguma.

Depois, a porta da cela de Ibo foi aberta e a comida foi-lhe entregue.

Por volta do meio-dia, os outros prisioneiros saíram um a um para irem à casa de banho.

No regresso da casa de banho, Hasan ficou para trás e olhou pelo buraco da cela número 3. Ibo estava amarrado à sua cama e também estava a olhar para o buraco. Os seus olhares cruzaram-se. Ibo usava pijama e um casaco cinzento e rasgado sobre os ombros.

Os outros seguiram o exemplo de Hasan e, por sua vez, cada um dos prisioneiros pôde olhar para Ibo e olhá-lo nos olhos.

Por volta das 16h30 desse mesmo dia, os guardas gritaram para os novos prisioneiros: Preparem-se, vão-se embora! Era a altura da sua “partida”

Quando Ibo ouviu os gritos, começou a gritar da sua cela em voz alta: *Amigos! Não digam uma palavra! Mantenham-se senhores da vossa vontade! Se for preciso, nem sequer digam o nome da vossa mãe. Estão a levar-vos para a tortura; mostrem aos fascistas a determinação dos revolucionários!*

Entraram a correr na cela de Ibo e silenciaram-no.

A voz de Ibo continua a soar nos ouvidos dos deportados que vão a caminho. Saem do pátio de um edifício em forma de L e atravessam um jardim decorado com seixos. A venda de um prisioneiro está ligeiramente solta, permitindo-lhe ver o que se passa à sua volta.

Andaram durante dois ou três minutos. Depois, havia um sinal: Rua Ziya-Gökalp. Esta era a casa de tortura.

Um dos prisioneiros ouviu parte da conversa. “Yaşar Bey foi para Istambul. Provavelmente, terá lá algumas reuniões sobre o Ibrahim...”, disse alguém. E outra voz continuou: “É suposto termos de lidar com isto para sempre? Se ele não fala, tem de se ir embora...”

Após a tortura e o interrogatório de 1 de maio, alguns dos prisioneiros foram transferidos da casa de tortura para a grande prisão preventiva. Aí, contaram aos seus amigos o que tinham visto no corredor das celas e falaram de Ibo e das canções que tinha cantado durante as marchas. Disseram-lhes que ele lhes parecia alegre e saudável.

Naqueles dias, os seus colegas acusados só pensavam nele. Quase toda a gente que estava detida para este julgamento tinha passado por estas celas e tortura e depois tinha sido levada para o centro de detenção. Mantiveram o Ibo isolado, nunca o deixando sair do buraco onde o tinham metido, escondendo a sua cara de toda a gente e não o levando para o centro de detenção.

Os amigos de Ibo no centro de detenção contactaram repetidamente as autoridades prisionais para perguntarem por ele, mas as suas perguntas ficaram sem resposta.

Um dos guardas no corredor da cela chamava-se “PAŞA”. Era oriundo do clã Çakallar, do distrito de Besni, em Adıyaman, e vivia no distrito de Türktepe. O nome de outro guarda era Hüseyin Aksoy. Vivia na aldeia de Elbahan, perto da cidade distrital de Kilis, em Gaziantep, e era uma serpente.

Nos últimos tempos, Ibo estava constantemente a escrever coisas no seu caderno axadrezado. Desde que a tortura tinha parado, estava constantemente a pensar e a tomar notas. Num dia destes, deram-lhe uma carta do pai. O pai escreveu o seguinte:

Meu querido filho!

Saúdo-vos e beijo-vos com todo o meu amor

Beijo os vossos olhos com as minhas saudações e o meu amor, e desejo-vos boa saúde da parte de Deus.

Recebi a carta que enviaram para o endereço da fábrica. Não recebi a outra carta que me enviaram. Escreve que nos informará quando conseguir obter uma autorização de visita. Vou esperar e não irei até lá. Se precisar de alguma coisa antes da autorização de visita, não espere pela nossa visita, escreva imediatamente.

Eles querem a defesa do caso que apresentou ao Conselho de Estado. Enviar-lhe-ei a notificação noutra carta amanhã, e poderá fazer a sua defesa em conformidade

Notifiquei o diretor da escola com uma petição para que a defesa fosse solicitada ao IBO do meu filho. Segundo sei, eles perderam o caso e vão processá-lo para obter uma indemnização, dizendo: “Depois de aceitarmos a sua defesa, chamámo-lo à escola, mas não compareceu.” Eles sabem que está na prisão, por isso estão a pensar em coisas novas.

A tua avó e a tua mãe cumprimentam-te e beijam-te os olhos

Haydar, Sultan, Feride, Hakki, Aliekber e Elif saúdam-vos e beijam as vossas mãos. Galip Özdemir e Pire Mehmet enviam também os seus cumprimentos.

Não te preocupes conosco, estamos bem. Pensamos sempre apenas em ti. Meu querido filho, termino esta carta e saúdo-te de novo e beijo os teus olhos.

Deus vos proteja.

PS: Recebemos a notificação a 18 de abril, embora a declaração devesse ser apresentada até 15 de abril.

Ibo ficou muito contente com esta carta e com todas as boas notícias. Quis fazer uma lista de tudo o que poderia precisar e enviá-la ao pai e tomou as devidas notas. “Vamos poder ver-nos em breve, porque a tortura finalmente acabou”, escreveu no caderno e pensou em contar ao pai agora.

Nesses primeiros dias de maio, esperou cheio de esperança para sair da sua cela.

Capítulo 20

Um pouco mais tarde, chega o aviso sobre a escola que o pai tinha anunciado. Os guardas entregaram-lhe a carta na cela. A direção da escola, depois de saber que ele tinha sido detido, arranhou obviamente novos problemas para Ibo.

Na carta n.º 520 643, assinada pelo diretor, a fatura de antigamente era exigida em pormenor ao Ibo.

"Ao comandante do Estado de emergência, DIYARBAKIR

Tomamos conhecimento, através de um artigo publicado na revista Tercüman de 31 de janeiro de 1973, que İbrahim Kaypakkaya, antigo aluno de Física e Matemática da nossa escola, foi ferido e capturado pelas forças de segurança em 25 de janeiro de 1973,

na sequência de uma discussão na aldeia de Seyithan, na província de Tunceli, e que foi detido por ordem do vosso comando devido à sua participação em atividades anarquistas.

Para que o Conselho de Disciplina da nossa escola possa tomar uma decisão relativamente a Ibrahim Kaypakkaya, que esteve envolvido em casos anteriores na nossa escola, as declarações em anexo devem ser abordadas pelo referido I. Kaypakkaya Peço-vos autorização e instruções para que a edição necessária possa ser efetuada".

As partes da carta relativas a Ibo são as seguintes

"Encontrará abaixo as infracções ao código disciplinar da nossa escola de que foi culpado enquanto aluno da nossa escola no ano letivo de 1968-69. Pedimos-lhe que envie a sua declaração a este respeito à reitoria da nossa escola até 15 de maio de 1973, o mais tardar. Solicitamos uma declaração sobre as seguintes alegações:

1. Em 18 de julho de 1968, distribuiu o folheto "Clube de Ideias" em anexo, em frente à escola, sem autorização da administração.

Era evidente que a direção da escola queria ser a cereja no topo do bolo que a administração da lei marcial estava a preparar para Ibo.

2. Diz "a pomba que vos trouxe a notícia" e acusa os diretores da escola de tomarem partido, afirmando: "Os diretores devem saber bem que não escaparão ao julgamento que a história lhes fará. A Sexta Frota americana lançou âncora".

3. Consta da ata do Conselho de Disciplina que, em 12 de outubro de 1969, se envolveu numa briga em frente ao portão de entrada da nossa escola, da qual resultaram vidros partidos e ferimentos em alguns alunos. Por favor, apresente a sua defesa".

Na iminência de ser julgado com a pena de morte, Ibo escreveu uma defesa no seu caderno de cela sobre a investigação que tinha captado a atenção intensa dos diretores da escola.

Na declaração que tencionava enviar-lhes, escreveu (em resumo) o seguinte

Relativamente às acusações que me foram feitas com base no folheto acima mencionado, enviei uma resposta ao responsável disciplinar da escola na altura.

O disciplinador interrogou-nos não por termos distribuído panfletos do "Clube Fikir", mas por termos criado o "Clube Fikir" sem pedir autorização à direção da escola. Não distribuimos os panfletos em frente da escola de professores, mas em frente dos departamentos de ciências e humanidades. Como estávamos proibidos de realizar atividades dentro das instalações da escola, operamos fora da escola.

Quanto à acusação de que fundamos o Clube Fikir sem autorização, gostaria de esclarecer que tanto a Constituição como a Lei das Associações nos concedem esse direito. De acordo com estas leis, a constituição e a adesão a uma associação não requerem autorização prévia de ninguém; nós exercemos esse direito. A declaração escrita que apresentei anteriormente ao Conselho de Disciplina já deve constar dos vossos registos, e não tenho quaisquer comentários adicionais a acrescentar.

Durante o ano letivo de 1968-69, fui excluído das aulas. Apesar da falta de confirmação oficial do Ministério da Educação, foi-me negado um subsídio de vestuário de 600 liras, a que todos os estudantes têm direito, sob o pretexto de que não estava matriculado na escola. Por conseguinte, qualquer acusação de infracções que alegadamente cometi enquanto estudante da escola durante o ano letivo de 1968-69 não pode ser válida.

Além disso, apesar de o Conselho de Estado ter ordenado o levantamento da exclusão, não fui readmitido na escola, ao contrário dos meus amigos cujos casos foram igualmente decididos pelo Conselho de Estado. No que me diz respeito, a escola não estava disposta a seguir a decisão do tribunal. Insistiam em violar a decisão do Conselho de Estado. Intentei então uma nova ação judicial contra eles, uma ação de indenização.

A expressão “a pomba que vos trouxe a notícia” refere-se ao espião caluniador e mentiroso que, apesar de eu não ter distribuído os panfletos dentro da escola, vos disse que eu tinha distribuído panfletos dentro da escola.

É uma realidade que a direção da escola pediu para mudar de direção. Porque, no início, a direção da escola queria castigar-nos por causa do nosso protesto contra a 6ª Frota, mas depois, ao que parece, quando se sentiram um pouco envergonhados por defenderem o ancoradouro da 6ª Frota no Bósforo, mudaram de orientação e questionaram-nos por distribuirmos panfletos dentro da escola.

... No mesmo sentido, é uma realidade que a direção da escola de então se comportava de forma unilateral. No interior da escola, qualquer publicação com ideias conservadoras, revisionistas, antipopulares, fundamentalistas e fascistas (incluindo o Mein Kampf de Hitler) podia ser vendida e exposta sem qualquer impedimento. Por outro lado, algumas publicações revolucionárias não proibidas e disponíveis livremente no mercado não eram sequer autorizadas a entrar na escola. A direção da escola trabalhava em estreita colaboração com os estudantes membros do Ülkü Ocakları e do Mücadele Birlikleri. Por outro lado, os estudantes que pertenciam ou simpatizavam com os Clubes de Ideias eram pressionados e tentava-se intimidá-los e silenciá-los.

A direção deve saber exatamente uma coisa: não conseguirá escapar ao julgamento da história, disse eu. Sim, quem nos nega um direito democrático que a constituição e o direito de associação nos concedem não escapará certamente ao julgamento da história. Certamente que aqueles que receberam a 6ª Frota, que ameaça o nosso país e a nossa pátria, como executora dos interesses lucrativos do imperialismo americano no Médio Oriente e na Turquia, quase com ramos de flores nas mãos, não conseguirão salvar o seu colarinho do julgamento da história, deixando-se voluntariamente fazer de casamenteiros de soldados americanos. Certamente que aqueles que quiseram nos expulsar da escola por termos protestado contra a 6ª Frota não escaparão ao julgamento da História. Quem tem razão, quem está do lado do povo, não precisa de temer o julgamento da História. Só aqueles que têm algo a esconder é que têm de ter medo de tudo isto.

Foram as forças fascistas e fascista, os inimigos do nosso povo e da sua independência, que atacaram a nossa escola e partiram as camas e os caixilhos das janelas, e que, por isso, feriram vários alunos, expulsaram alguns alunos da escola, atacaram a escola com desconhecidos do “Ülkü Ocakları” e do “Mücadele Birlikleri” e transformaram a escola num depósito de armas. Não é a mim que deves fazer as tuas perguntas, mas a eles...” E Ibo fez muitas mais notas como esta no seu caderno axadrezado para enviar à direção da escola.

É um dos primeiros dias de maio. Ibo volta a sentar-se na sua cela, com um caderno e uma caneta na mão, dialogando com os seus pensamentos.

Uma agitação ecoou pelo corredor da cela. O amigo capturado de Ibo, que regressava do interrogatório no MIT, espreitou pelo buraco da porta e viu um capitão. A julgar pelas insígnias dos guardas, deduziu que o homem era da Administração do Estado de Emergência.

O capitão, careca, entrou no corredor e a cela de Ibo já estava aberta. Depois de trocar algumas palavras com Ibo, irrompe subitamente: ... és o pastor de um rebanho de ovelhas! Se o pastor morrer, o lobo vem e arrebatava o rebanho!

'Eu sou apenas um', retorquiu Ibo em alto e bom som. Mesmo que eu fosse um líder e fosse morto, milhares seguir-me-iam. Não tenho medo de ti nem da tua espécie... Com estas palavras, o homem fechou a porta da cela de Ibo e desapareceu.

Capítulo 21

Estávamos a 8 de maio. Ibo tinha pedido autorização ao soldado de serviço para se lavar. Quase se sentia como se estivesse a sufocar na sua própria sujidade. Mais tarde, o soldado regressou e deu-lhe autorização. Um fogão primitivo, um balde de água e uma barra de sabão foram levados para a sua cela. Além disso, o soldado foi buscar um outro prisioneiro à cela 8 para ajudar Ibo. Posteriormente, Ibo foi transferido da sua cela para a cela número 1. Quando Ibo viu o seu amigo da cela 8, ficou radiante. Abraçaram-se e olharam em silêncio um para o outro durante algum tempo.

O amigo de Ibo observou com expectativa enquanto Ibo era trazido da sua cela. Esta pessoa, conhecida pela sua força, semelhante à de uma árvore, movia-se agora com um andar manco e

instável, que fazia lembrar uma criança a aprender a andar. O seu pé direito estava meio amputado e faltavam-lhe todos os dedos, exceto os mais pequenos, do pé esquerdo. Os meses em que esteve acorrentado à estrutura da cama fizeram com que todo o seu corpo inchasse, e tinha uma ferida profunda no pulso esquerdo devido às algemas. Apesar disso, Ibo mantinha a cabeça erguida, os olhos a sorrir.

O soldado e o seu amigo ajudaram Ibo a lavar-se. Depois, com dificuldade, Ibo conseguiu voltar a vestir-se.

Disse ao seu amigo que se sentia bem desde há alguns dias, que não estava a ser torturado e que estava a preparar a sua defesa enquanto aguardava ansiosamente o dia em que seria retirado da cela.

A 9 de maio, escreveu uma carta ao pai, manifestando esperança, afirmando que estava se preparando para o tribunal e que se sentia bem de saúde. Pediu ao pai que obtivesse documentos com informações sobre ações anteriores para a sua defesa, dando instruções sobre quem contactar e os nomes dos seus advogados.

No dia 11 de maio, os guardas informaram o recluso da cela nº 8 que ia ser libertado e acompanharam-no para fora da cela. Ele expressou o desejo de se despedir de Ibo antes de partir, e os guardas deram-lhe autorização.

Abriram a cela de Ibo e reuniram os amigos. Os dois abraçaram-se calorosamente. Ibo pediu ao amigo que lhe trouxesse roupa e um par de sapatos tamanho 42 quando voltasse para casa. *“Manda-me estes artigos quando chegares a casa!”*, pede.

O amigo esvaziou os bolsos e deu todo o dinheiro a Ibo. Ibo devolveu 50 liras ao seu amigo, dizendo: *“Vais precisar disto no teu caminho!”* No entanto, os guardas não tardaram a incitá-los a terminar a despedida. Os dois amigos abraçaram-se mais uma vez, despediram-se e Ibo foi escoltado de volta à sua cela, que foi fechada atrás dele.

A libertação do seu amigo despertou em Ibo a esperança de que ele próprio sairia finalmente deste buraco negro, e reviveu ...

A esperançosa carta de Ibo da segunda semana de maio trouxe grande alegria à casa da família. O pai, a mãe e os irmãos pegaram repetidamente no papel manchado de lágrimas e leram-no. Ali Kaypakkaya reuniu prontamente o maior número possível de documentos solicitados e partiu para Diyarbakır no dia 19 de maio. À medida que o ônibus se aproximava da cidade, a sua agitação aumentava.

Apalpou os bolsos e voltou a olhar para os papéis que o filho queria. Desde que ouviu a notícia da captura de Ibo na rádio, desde o último dia de janeiro até este dia de maio, tinha vivido todos os dias, todos os segundos, com um grande nó na garganta. Agora tinha finalmente chegado o dia em que era suposto vê-lo.

A frase de Ibo, *“os interrogatórios acabaram finalmente, vamos poder ver-nos”*, tinha despertado nele uma grande esperança. O ônibus em que embarcou em Ancara, na noite de 19 de maio, atravessou a noite como um ponto luminoso, aproximou-se de Diyarbakır na frescura de uma manhã de primavera e finalmente parou no coração da cidade. Da estação de ônibus, Ali Kaypakkaya vai diretamente para a Administração do Estado de Emergência. Está cheio de impaciência.

“Não é hora da visita!” disseram. Ali Kaypakkaya não aguentou e quis fazer um telefonema. Rejeitaram o seu pedido de telefonar imediatamente para saber do bem-estar do filho e disseram-lhe que teria de esperar até as 9 da manhã.

Às nove horas em ponto, os visitantes eram convidados a apresentar os seus documentos de identificação e depois admitidos. No interior, os bilhetes de identidade são novamente verificados.

Enquanto Ali Kaypakkaya esperava entre outros visitantes, um guarda aproximou-se dele e disse: “Não poderás voltar a ver o teu filho!” As palavras atingiram o coração de Ali Kaypakkaya como balas.

“Porque é que não nos podemos ver?”, exclamou. Ele próprio me telefonou! Aqui, na sua carta: “Vem visitar-me”, diz ele! E agora queres impedi-lo...?”, gritou frustrado.

Outro guarda interveio, sugerindo: “Não podemos fazer nada; vai falar com o primeiro-tenente”.

Ali Kaypakkaya seguiu as suas instruções e foi conduzido a uma sala de guarda. Ao entrar, encontrou o tenente Mevlüt e o primeiro-tenente Ali, que reconheceu da sua anterior visita a Diyarbakır. Ambos se levantaram e cumprimentaram-no com um “Bem-vindo” formal. Ali Kaypakkaya sentiu uma mudança súbita no seu comportamento, que não apreciou.

Depois, um tenente-coronel apressou-se a entrar, carregando um maço de papéis que entregou ao tenente Ali. “Resolvam isto, estou ocupado!”, instruiu, antes de escoltarem Ali Kaypakkaya para fora da sala da guarda e para um jipe que o esperava.

Ali Kaypakkaya não pôde deixar de pensar: “Eles devem ter muito medo do meu filho! Sempre que venho aqui, entra tudo em pânico...”

No jipe, Ali Kaypakkaya pensou para si próprio: “Então tiraram o Ibrahim da cela”, e sentiu uma onda de alegria. Presumiu que a excitação dos guardas se devia à expectativa de se encontrarem hoje com o filho pela primeira vez. O jipe passou pelo portão de entrada e entrou na estrada que levava aos escritórios do Ministério Público.

O tenente-coronel permaneceu em silêncio, com a boca fechada como se todas as palavras do mundo se tivessem esgotado. Apenas o ruído do motor enchia o ar à sua volta. Quando chegaram ao gabinete do procurador, Ali Kaypakkaya pensou: “Provavelmente vão interrogar-me primeiro! No entanto, apercebeu-se rapidamente de que estavam dirigindo-se para o gabinete do comandante da administração do estado de emergência.

O tenente-coronel saiu do jipe e entrou no edifício. Ali Kaypakkaya espreitou pela janela do jipe, examinando a área na esperança de avistar Ibrahim. “O Ibrahim está aqui?”, perguntou ao motorista. “Não, tio, ele não está aqui”, respondeu.

Por vezes, Ali Kaypakkaya sentia alegria com a ideia de voltar a ver o seu filho. Outras vezes, o aumento da atividade das forças de segurança deixava-o desconfiado e receava que não o deixassem ver o filho. Ao medo juntou-se a raiva: “Se não nos deixarem voltar a ver-nos, vou falar com o comandante do estado de emergência, com o governador e até com o governo!” Finalmente, o tenente-coronel aparece à porta.

Capítulo 22

O tenente-coronel saiu apressadamente do edifício e aproximou-se do jipe, pedindo a Ali Kaypakkaya que saísse. Juntos, regressaram ao edifício. O tenente-coronel conduziu Ali Kaypakkaya por um longo corredor até uma sala.

Lá dentro, estava um homem de bata branca. Quando Ali Kaypakkaya o viu, uma onda de ansiedade invadiu-o. “Se calhar, o Ibrahim está outra vez doente e trouxeram-no para o hospital. É por isso que está toda a gente tão tensa!”, pensou. O homem de bata branca parecia inquieto e tenso. “Por favor, sentem-se. Aqui tem um cigarro”, oferece, estendendo-lhe um maço.

Ali Kaypakkaya recusou o cigarro e ficou de pé, andando de um lado para o outro na sala. De repente, a porta abriu-se e o tenente-general Şükrü Olcay, comandante da Administração do Estado de Emergência, entrou na sala acompanhado por um coronel, o médico-chefe do hospital e vários outros oficiais.

Şükrü Olcay examinou Ali Kaypakkaya da cabeça aos pés. “És o pai de Ibrahim Kaypakkaya?”, perguntou.

“Sim”, respondeu Ali Kaypakkaya.

Então Şükrü Olcay deu a notícia chocante: “É muito repentino, mas tem de ser dito: Ibrahim faleceu...”

Ali Kaypakkaya perdeu toda a cor do seu rosto. “Não entendo...”, gaguejou.

Eu disse que o vosso filho está morto! Şükrü Olcay repetiu com firmeza.

Ali Kaypakkaya, completamente desorientado e com o rosto pálido, continuou a balbuciar: “Porque é que ele havia de morrer, meu filho... ele não devia morrer...”

“Ele morreu, estou a dizer-vos. Acabou de falecer...” reafirmou Şükrü Olcay.

Ali Kaypakkaya recuperou lentamente a consciência de uma forma surrealista. Como alguém que luta para respirar, começou a engolir com força enquanto remexia nos bolsos do casaco. Tirou a carta, murmurando: “Aqui, ele escreveu-me esta carta... chamou-me aqui. O meu filho não pode estar morto! Ele já não está doente. Está saudável”, lê em voz alta, com a voz a tremer.

“Ele suicidou-se; o vosso filho suicidou-se!” Şükrü Olcay gritou de volta. Ali Kaypakkaya começou a falar em frases curtas: “Não, não, o meu filho foi morto. Vocês assassinaram o meu filho, espancaram-no até à morte!”

“Cala-te, senão pomos-te no teu lugar!”, ameaçou um dos transeuntes, cortando a queixa de Ali Kaypakkaya. Ali Kaypakkaya ficou em silêncio por um momento e depois suplicou com voz embargada: “Deem-me o cadáver. Interrogai-me se quiserdes, mas dai-me o corpo do meu filho...”

“Não, ele vai ser enterrado aqui”, começaram por insistir. Mas Ali Kaypakkaya insistiu com firmeza: “Não dou um passo enquanto não tiver o corpo!”

Şükrü Olcay virou-se para o homem de bata branca e disse-lhe com firmeza: “Dá-lhe um copo de água!”

Ali Kaypakkaya interveio: “Não quero a vossa água nem nada. Tudo o que quero é o corpo do meu filho. Demos tudo por ele. Tenho uma barraca que agora vou vender pelo meu filho. Vou levá-lo para a minha aldeia!”

“Façam-no!” Şükrü Olcay ordenou aos espectadores, depois virou-se e saiu da sala. O tenente-coronel acompanhou Ali Kaypakkaya para fora da sala mais uma vez. Dirigiram-se ao hospital militar, onde Ali Kaypakkaya tinha sido rejeitado à porta na sua primeira viagem a Diyarbakır.

Ali Kaypakkaya foi à administração da cidade e obteve uma licença. Dirigiu-se então à administração municipal e obteve uma autorização. Escolheu então um caixão por 430 liras. Comprou uma mortalha por mais 70 liras.

Enquanto a mortalha era dobrada, pensou na infância do filho, em como o tinha recebido como um bebé embrulhado, em como o tinha tomado nos braços.

Depois contratou um carregador e regressaram ao hospital com o caixão e a mortalha. O funcionário da administração municipal deu-lhe um papel a dizer: “Pode ser levado consigo”: Pode ser levado consigo, assinou-o e entregou-lhe.

Esperou ansiosamente no corredor do hospital. Passado algum tempo, tiraram o corpo do frigorífico. “Aqui está o seu filho, ele está pronto”, disseram solenemente a Ali Kaypakkaya. A cabeça foi separada do tronco e o estômago, os braços e as pernas foram cortados em pedaços grandes. O corpo estava perfurado com inúmeros buracos. “Da autópsia”, murmurou o funcionário que retirou o corpo do congelador. “E que buracos são esses?” Ali Kaypakkaya perguntou, mas não obteve resposta.

Quando Ali Kaypakkaya viu o seu filho, foi como se todo o seu sangue tivesse secado. Em vez do seu filho, em vez desta pessoa forte, semelhante a uma árvore, mostraram-lhe partes do corpo cortadas e esfaqueadas. A garganta e o pescoço de Ibo estavam distendidos e negros como breu, como se algo tivesse sido colocado à sua volta e apertado. Mais tarde, o seu pescoço foi cortado e desmembrado. O ombro e o peito estão cheios de buracos...

Perante esta visão, o carregador que colocou Ibo no caixão começou a chorar. Ali Kaypakkaya queria dar-lhe o seu salário, mas ele recusou. “É o nosso dever humano!”, diz. Os soldados de guarda e os auxiliares tentam confortar Ali Kaypakkaya. Das 1.200 liras que tinha trazido para dar a Ibo, restavam-lhe 550. Em frente ao hospital, começou a negociar com um taxista. O motorista queria um pagamento adiantado. Depois, Ali Kaypakkaya foi aconselhado a transportar o caixão de avião.

No escritório da companhia aérea, pediram-lhe 240 liras para transportar o caixão. Ele gastou o dinheiro que lhe restava no bilhete de avião. Não era suficiente, mas um dos estranhos que estavam por perto interferiu. “Pagas o resto depois”. Levaram Ali Kaypakkaya para o aeroporto e levaram-no à polícia. Quando os passageiros do aeroporto foram chamados a sentar-se na sala de espera, os agentes da polícia revistaram os bolsos de Ali Kaypakkaya e encontraram os folhetos que Ibo tinha encomendado ao pai para lhe dar explicações. Indecisos, viraram-nos várias vezes nas mãos e discutiram-nos. “O meu filho queria-os, precisava deles para a sua defesa. Eu tinha-as trazido para ele!” Ali Kaypakkaya explica... “não é assim que se faz. É uma ofensa, são proibidas. Se o seu filho morreu, então tem de os rasgar! Devíamos prendê-lo aqui...!”, gritaram em resposta. Desesperado, Ali Kaypakkaya pede-lhes que o deixem em paz: “O meu filho morreu, não posso pensar nestes panfletos! Não comi um pedaço de pão nem bebi um gole de água desde esta manhã!” Com a intervenção de uma mulher policial, acabaram por deixá-lo ir. Ao aterrizar em Ancara, Ali Kaypakkaya é recebido por dois comandantes. Chamaram um táxi para ele e amarraram o caixão ao convés. Foi assim que chegaram a casa. O pai levou Ibo para dentro de casa. Passou a noite sentado na cama de Ibo. Com a cabeça entre as mãos, pensou e sentiu-se cada vez mais preguiçoso na cama com o filho. Na manhã seguinte, alugou um miniônibus e levou o filho para a sua aldeia natal. Os “perseguidores” (informantes do Estado) também os seguiram até a aldeia. Num curto espaço de tempo, a notícia da morte de Ibo espalhou-se pelas aldeias vizinhas. As pessoas acodem em massa para voltar a vê-lo. No restaurante da estação de serviço, em frente ao cemitério, estava o carro dos “perseguidores”. A partir daí, vigiam a aldeia e o cemitério...

Capítulo 23

A verdadeira mãe de Ibo também foi contada. Ela e Ali Kaypakkaya se separaram quando Ibo era um bebê e estava aprendendo as suas primeiras palavras. Após a separação, Ibo ficou com o seu pai.

Mais tarde, a mãe mudou-se para a aldeia de Sungurlu (Gökçem) e casou-se novamente. Durante a sua infância, mas também quando estudava em Istambul, Ibo ia frequentemente à aldeia da mãe para a visitar. Durante as duas ou três noites que passava na aldeia, conversava longa e detalhadamente com a mãe e depois desaparecia de novo. Se ele fosse e a mãe dissesse: Não vás, meu filho, fica mais um pouco para eu me fartar de ti! então Ibo consolava-a e respondia Se tens saudades de mim, olha para o espelho, eu sou parecido contigo.

Ibo desapareceu várias vezes, mas nunca perdeu o contacto com a aldeia da sua mãe, para onde enviava frequentemente jornais e livros.

Ao mesmo tempo que Ibo estava a ser revistado, as forças de segurança também invadiram a aldeia da sua mãe e revistaram todos os cantos e todos os nichos:

Quando o meu filho não estava lá, veio a polícia. A polícia veio em dois carros cheios de agentes. “Quem é que está na fotografia?”, perguntaram. “A quem pertence o chapéu?”, perguntaram. “A quem pertencem as chaves?”, perguntaram. “Porque é que tem três chaves quando só precisa de duas?”, perguntam. Perguntaram sobre as fotos, sobre a camisola que eu tinha vestida. Foi assim: num espaço de dois passos, havia três polícias, e mais três polícias, a casa estava cercada por todos os lados como se tivesse uma vedação de arame. Enfiaram as coisas duas e três vezes no estábulo, no sótão, nos buracos, nos talos. “Depois ele sai”, pensaram. Subiram para o sótão. Pusemos lá maçãs e outras coisas. “Estava aqui alguém, alguém estava a dormir”, diz ele. “Não, temos aqui maçãs e outras coisas”, digo eu. Depois ele subiu para o telhado do celeiro e deu uma olhadela lá dentro. “Aqui”, disse ele, “os homens estão escondidos”.

“Não”, digo eu, “somos aldeões, cozemos”. “Se é assim”, disse ele, “então diz-me onde é que ele está, mulher”. Eu disse: “Eu também anseio por ele.” Depois trouxeram o chefe da nossa aldeia. Um senhor com uma escada para o estábulo, às vezes aqui, às vezes ali. E eles arrastam-me sempre. Correm por todo o lado, e as raparigas já estão a ficar assustadas. Depois voltaram para o sótão. Ele meteu-se debaixo da caixa. “Então ele virá mais tarde”, diz ele. “Ele não vem”, digo eu.

Veio uma vez e agora já não vem. “Se alguém já veio uma vez, não deve voltar?”, pergunta. Pôs o braço por baixo do meu. “Leva esta mulher lá para baixo, vem com o guarda da aldeia”, disse ele, “e com o vizinho dela”, disse ele. “Revistaram tudo aqui. as almofadas, as caixas, os fios, tudo. Houve muitas ameaças. Ele agarrou-me pelo pescoço. ‘O teu senhor deu-me o máximo que pôde na minha cara. Não digas nada porque ele vem aí’, diz ele”. O chefe da aldeia chegou. “O teu filho”, diz ele, “é procurado. Alguém disse que ele veio quando não era procurado”. Pensei: “O que é que ele está a dizer num momento como este?” “Não sei”. disse eu.

“As suas mentiras deitam-nos abaixo”, disse ele. “Cá estamos, vou à polícia.” Atiraram-nos de manhã e depois outra vez às oito da noite. Mais tarde, a mãe de Ibo não largava o rádio. Continuava à espera ao lado dele, como se uma mensagem do filho estivesse prestes a chegar. Sento-me com o rádio nos braços quando entro no estábulo e me sento. Ouço as notícias às sete, depois às oito e, quando se aproxima das nove, espero ansiosamente pela próxima atualização.

E depois, na terça-feira, por volta das sete, tenho o rádio nos braços e ele diz que Ibrahim Kaypakkaya está ferido. E diz que Ali Haydar Yıldız ou algo do gênero foi atingido na testa. “Meu Deus”, disse eu, “isso não.” Todos eles correram e disseram: “Faz isto, faz aquilo”. Se

ele está na prisão há um mês, já passaram dois, três, quatro, estou à espera que ele venha finalmente.

Depois trouxeram-lhe a notícia da sua morte:

Levantei-me de manhã, como de costume, e olhei para cima e duas pessoas vieram e pegaram no meu braço, dizendo: “Vamos levar-te para Karamahmut”. Apercebi-me imediatamente. Perguntei: “Aconteceu alguma coisa ao meu bebé?” Ele disse que não. Fomos embora. Vi que o pai dele também lá estava.

“Se trouxeste o meu filho assim, vieste assim!” exclamei, batendo nos joelhos.

Os aldeões e os seus amigos vieram, e as montanhas gemeram. Não o mostraram a mim, não o quiseram mostrar para além do pescoço. Apesar de deitarmos éter, não nos conseguíamos aproximar. Chegamos a usar três frascos de água de colônia, mas mesmo assim não nos conseguíamos aproximar. Os seus soldados eram numerosos. Quando digo soldados, quero dizer aldeões e os seus amigos também eram muitos. Uma parte do grupo estava no cemitério, a outra na aldeia. A polícia é rigorosa. Não autorizam a cerimônia fúnebre.

Suponho que não mo mostraram porque pensaram que eu não suportaria ver o seu corpo.

Tiraram-lhe algo da cabeça, cortaram-lhe a cabeça, tiraram-lhe o sangue que corria do pescoço e do braço. Ele não tem medo, se não tem medo, então vamos medir-lhe o coração, na prisão. O que é que eles veem, não conseguem chegar ao coração. Querem a cabeça dele, que é três vezes maior que a de Atatürk.

“Sempre que o vemos, a mesma coisa, o mesmo dever, ele fica ali assim e faz isto e aquilo. Se já está lá, vamos livrar-nos dela enquanto já está nas nossas mãos”, diz ele. Ali na prisão. Ele tinha cosido tudo. Retiraram-lhe o corpo do estômago. Pediram para lhe tirarem o sangue que escorria dos braços...

Desde a manhã em que a notícia chegou, ela tinha proferido um lamento ardente e amargo pelo seu filho com uma voz dolorosa. Agora o cantava e batia com os joelhos...

Capítulo 24

Mais tarde, os aldeões carregaram o Ibo da casa dos pais para o cemitério, segurando-o de ombro a ombro. Todas as pessoas da zona, todos os que tinham ouvido dizer que o Ibo tinha sido trazido para a aldeia, deixaram o seu trabalho e foram para o cemitério. Abriram a terra que tinha sido solta pela nascente e deixaram o Ibo deslizar para dentro. Cobriram-no com terra, separando-o para sempre da luz do dia.

Em 19 de maio, Ali Kaypakkaya tinha ido para Diyarbakır. A 21 de maio, deixou o filho na aldeia e regressou a Ancara. Os “perseguidores” ficaram na aldeia. A sua “tarefa” ainda não estava terminada. Continuam à espera que a terra dissolva Ibo e que ele desapareça completamente. Durante muito tempo, não permitiram que ninguém se aproximasse da sepultura. A notícia espalhou-se por toda a Anatólia. No mês de maio, foi derramado mais sangue. Os companheiros de armas de Ibo na prisão de Diyarbakır ficaram cheios de dor ao saberem da sua morte.

Ali, não muito longe da cela onde Ibo tinha estado sozinho durante meses, tinham vivido com ele. Amaldiçoaram o ato de violência. As suas reações transformam-se em ações. As autoridades penitenciárias recorreram à força para reprimir as manifestações dos presos. No requerimento com o número de registo 1900-73/84, os presos revolucionários dirigem-se ao gabinete do comandante da administração do estado de emergência. Na sua petição, os seus amigos afirmam que “foi levado da sua cela para o quartel-general do MIT em 16 de maio de 1973 e aí assassinado sob tortura, e que o facto de as autoridades terem sido informadas desse assassinio sem fazerem a necessária comunicação pública é a maior prova desse assassinio”.

Os candidatos não receberam nenhuma resposta. A Turquia estava atravessando tempos difíceis. Nesses dias difíceis, duas pessoas com visão de futuro manifestaram-se. Em julho de 1973, o representante parlamentar de Ordu, Ferda Guley, discursou em Bolu. Ele disse: “Ouçam, pais! Ouvi falar de um pai que recebeu uma carta do seu filho saudável. Dois dias depois, o pai foi à prisão com um pacote de comida e roupa, na esperança de ver e abraçar o filho. Mas quando lá chegou, disseram-lhe que o filho se tinha suicidado no dia anterior. E este pai teve de trazer o corpo do filho de volta a casa, apenas para descobrir que estava cheio de buracos de balas”.

E, mais uma vez, em julho de 1973, o deputado independente M. Ali Aybar colocou uma questão ao Primeiro-Ministro, que desenvolveu em 10 subtítulos. A pergunta começava por: “É verdade que Kaypakkaya morreu em consequência da tortura empregue durante o interrogatório?” No entanto, na altura, nenhuma das duas vezes recebeu qualquer resposta dos responsáveis.

Após a abertura dos processos TKP/ML e TIKKO, cujo principal acusado era Ibo, os acusados apresentaram uma longa declaração ao presidente da 2ª Secção do Tribunal Militar do 1º Comando do Exército no dia do julgamento, em 6 de novembro de 1973.

De acordo com o documento, Ibo foi primeiro torturado e depois morto como parte de um plano de assassinato liderado pelo procurador responsável, Yaşar Değerli :

O camarada Ibrahim foi arrastado para fora da sua cela às 10 horas da manhã do dia 16 de maio de 1973. Os outros prisioneiros que se encontravam no corredor da mesma cela puderam observar o fato. Mais tarde, quando a notícia da morte de Ibrahim se espalhou entre os soldados de serviço no gabinete do procurador, os detidos que se dirigiram à direção da prisão foram informados pela administração da prisão que Ibrahim tinha sido convocado para interrogatório no dia 16 de maio. Dois dias depois de ter sido levado para

interrogatório, foram inexplicavelmente informados de que o seu registo prisional tinha de ser apagado.

Naqueles dias, os prisioneiros levados ao Ministério Público Militar para serem interrogados eram informados pelos soldados de guarda de que o corpo de Ibrahim tinha sido encontrado no último andar do edifício, com vários ferimentos de bala.

No dia em que İbo foi levado para interrogatório, Cemil, que estava presente no gabinete do procurador para interrogatório, viu-o ser vendado e colocado num carro civil por vários indivíduos. Cemil informou mais tarde Seyithan Dokay e Hasan Ilter sobre o que viu.

Mais uma vez, durante a confrontação com Ibrahim, Hasan Ilter testemunhou Yaşar Değerli, o procurador, a dizer “muito em breve daremos o teu castigo com as nossas próprias mãos”.

Mustafa Karadağ, que foi preso como parte da THKO, foi informado por Yaşar Değerli durante uma reunião no MIT: Se te mantiveres em silêncio, terás o mesmo destino que Ibo, que enterramos na semana passada. Değerli partilhou esta informação com Arslan Kılıç, um dos amigos mais próximos de Ibrahim, quando ambos estavam na prisão.

Os fascistas só conseguiram capturá-lo quando ele estava sozinho, com ferimentos de bala no corpo, sem qualquer meio de defesa contra a fome, a sede e o frio. Ele, como se afirma na acusação, travou uma luta amarga contra as forças fascistas.

Era um líder que compreendia que o ato de um revolucionário se suicidar era simultaneamente covarde e uma traição à causa do proletariado. Fazia questão de ensinar esta crença aos seus camaradas.

O suicídio não será a nossa escolha, como afirma o procurador, que é um agente do imperialismo e do fascismo na Turquia, mas sim a escolha de covardes como os inimigos do povo. Foi o maior cão fascista que alguma vez existiu, Hitler, que deu um tiro na cabeça quando o exército vermelho soviético entrou em Berlim sob a direção de Estaline.

O camarada Ibrahim Kaypakkaya segue a tradição de Dimitrov, que escreveu “Não te esqueças, és comunista” no teto da câmara de tortura nazi com o seu sangue. O objetivo era que, sempre que fosse amarrado para ser espancado, pudesse lê-lo e continuar a resistir aos carrascos fascistas. Segue também a tradição do comunista francês George Politzer, que, perante o pelotão de execução nazi, gritou aos soldados: “Lutei pela vossa libertação! Vocês estão a destruir a vossa libertação!”

Segue a tradição de Ernit Thalmann, que enfrentou sem medo as balas dos nazis, e observa a bravura dos heróis do Vietnã, que enfrentaram a morte com um “Viva Ho Chi Minh!” e perseveraram até ao fim em todas as circunstâncias.

Os revolucionários que dedicam as suas vidas à libertação do proletariado e do povo não se suicidam por medo da perseguição e opressão fascistas. O suicídio é uma escolha feita pelos opressores fascistas que perseguem os outros porque têm medo da luta revolucionária do povo.

Todos estes fatos evidenciam que o nosso líder, o camarada Ibrahim Kaypakkaya, não se suicidou, mas foi ASSASSINADO...”

Também não houve nenhuma resposta oficial a esta declaração. Esta petição também foi ignorada pelas pessoas envolvidas.

E quando abril se transforma em maio, o solo fica verde, a neve recua para as montanhas, a água começa a subir e o ar começa a aquecer, o Ibo vem à mente de Ali Kaypakkaya.

Vai ter com o filho e revive as memórias. As últimas palavras da carta de Ibo soam-lhe ao ouvido: “Saúdo-te e beijo-te as mãos, beijo as mãos da minha avó e da minha mãe, beijo os olhos das crianças. Não se preocupem comigo. Estou bem e não preciso de nada neste momento. Até à vista

O teu filho Ibrahim”.

A terra por cima do Ibo é agora um manto de relva. No verão, a terra agita-se, como se fosse movida pela respiração do Ibo. No dia 18 de maio, as pessoas das aldeias vizinhas reúnem-se em honra de Ibo, visitando a sua sepultura, sentindo cada uma delas um profundo sentimento de reverência ao comemorá-lo.

Depois, a neve sobre Ali Haydar, que se encontra longe, no sopé das montanhas, começa a derreter. Mistura-se com a terra, eleva-se no ar e é encontrada nas lamentações do povo. Os aldeões, vagueando de rocha em rocha, de aldeia em aldeia, veem Ali Haydar à sua passagem. E quando chega maio, centenas de corpos jovens parecem emergir da terra. Cada um é um botão, uma folha, um prado, um ramo, um rebento... Cada um passou por inúmeras lutas.

Que as suas virtudes nos guiem.

Que as suas memórias sejam uma luz no nosso caminho...